



Atualidades



**Monumento a ser erguido em Brusque,
em memória ao Consul Carlos Renaux.**

BANCO INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE SANTA CATARINA S. A.

ITAJAÍ — SANTA CATARINA

BALANCETE EM 28 DE FEVEREIRO DE 1948
(Compreendendo matriz e agências)

A T I V O		P A S S I V O	
A — DISPONÍVEL		F — NÃO EXIGÍVEL	
CAIXA		Capital	15.000.000,00
Em moeda corrente	21.882.618,20	Aumento de capital	15.000.000,00
Em depósito no Banco do Brasil	8.555.023,10	Fundo de reserva legal	1.650.000,00
Em depósito à ordem da Sup. da Moeda e do Crédito ..	3.523.747,40	Outras reservas	17.215.769,20
B — REALIZÁVEL		G — EXIGÍVEL	
Títulos e valores mobiliários:		DEPÓSITOS	
Apólices e Obrigações Federais:		à vista e a curto prazo	1.907.818,50
Em depósito no Banco do Brasil S/A. A or-		de Poderes Públicos	15.163.921,40
dem da Superintendência da Moeda e		de Autarquias	99.692.347,20
do Crédito, no valor total nominal de		em C/c. sem limite	3.264.189,10
Cr\$ 3.750.000,00	3.124.845,10	em C/c. limitadas	37.439.351,90
Em carteira	560.641,30	em C/c. sem juros	7.251.701,40
Apólices estaduais	174.534,00	em C/c. de aviso	8.332.937,50
Apólices municipais	63.500,00	a prazo	289.413,10
Ações e debêntures	1.651.156,40	de Poderes Públicos	4.967.415,70
Letras do Tesouro Nacional	82.611.070,00	de Autarquias	59.704.004,70
Empréstimos em c/corrente	628.746,80	a prazo fixo	40.737.167,30
Empréstimos hipotecários	186.966.291,90	de aviso prévio	105.758.000,80
Títulos descontados	259.579.751,40		248.830.277,80
Agências no país	18.554.009,90	OUTRAS RESPONSABILIDADES	
Correspondentes no país	1.347.040,00	Agências no país	287.757.979,60
Outros créditos	549.686.910,00	Correspondentes no país	26.804.497,90
Imóveis	2.481.352,30	Ordens de pagamento e outros créditos ..	8.330.458,90
Outros valores	984.776,50	Dividendos a pagar	435.899,90
C — IMOBILIZADO			323.134.936,30
Edifícios de uso do Banco	9.249.668,40	H — RESULTADOS PENDENTES	
Móveis e utensílios	2.004.680,10	Contas de resultados	4.258.563,60
Material de expediente	282.110,50	I — CONTAS DE COMPENSAÇÃO	
Instalações	38,00	Deposantes de val. em gar. e em custódia	368.150.277,90
D — RESULTADOS PENDENTES		Deposantes de títulos em cobrança:	
Juros e descontos	174.411,40	do País	293.099.044,90
Impostos	135.035,10	do Exterior	97.991,40
Despesas gerais e outras contas	2.169.496,10		293.347.314,20
E — CONTAS DE COMPENSAÇÃO			1.269.466.858,10
Valores em garantia	149.635.343,20		
Valores em custódia	216.514.934,10		
Títulos a receber de c/alheia	293.197.056,30		
	1.269.466.858,10		

GENESIO MIRANDA LINS
Diretor-Superintendente
DR. RODOLFO RENAUX BAUER
Diretor-gerente
DR. MÁRIO MIRANDA LINS
HERCILIO DEEKE
Diretores-Adjuntos

Itajaí, 12 de março de 1948.
BONIFACIO SCHMITT
OTTO RENAUX
IRINEU BORNHAUSEN
ANTONIO RAMOS
Diretores

ÉRICO SCHEFFER
chefe da Contabilidade Geral
Dipl. Reg. na DEC n. 22.633
SERAFIM FRANKLIN PEREIRA
sub-chefe da Contabilidade Geral
Dipl. Reg. na DEC n. 17.391

Atualidades

PUBLICAÇÃO MENSAL INICIADA EM 1945
REDAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA MAURO RAMOS, 301
FLORIANÓPOLIS — S. CATARINA — BRASIL

Mensagem Triste

A vida, meu filho, para os que sabem que vão morrer, como eu mesmo sei, tem dias, horas e minutos que se movem num espaço mais dilatado. O sofrimento possui esse sinistro poder, que é o de aumentar o tempo, para prolongar o domínio da dor.

Em mim, somente o cérebro se conserva intato e livre de todo o mal, mas, até nisso vejo o domínio misterioso do sofrimento, que se não compadece dos martirisados, antes, lhes abre uma perspectiva mais clara, para que reconheçam seu estado.

Há em tudo isso, por certo, a mão da Providência, pois, si a dor é realmente uma grande mestra, por esse caminho ela mostra a muitos, a estrada da regeneração.

Não vale, pois, achá-la má, quando se transforma em bem. O meu leito é já um tumulto e a morte, uma sentinela à vista. Que sou eu? — Uma árvore cuja seiva está secando gradativamente. Apenas, o coração ainda pulsa de vagar como o pêndulo de um relógio a que faltasse corda.

Vêm sombras do passado e o futuro é um vazio para mim. Já viste um condenado a longos anos de prisão, espiando das grades os que se agitam na liberdade?

Já pensaste nos pássaros encerrados em uma pequena gaiola, sentindo saudades do espaço em que alegremente voavam?

Eu sou aquele condenado às vezes e outras vezes, sou o pássaro engaiolado.

E como aquele, suspiro pela liberdade e como este, canto também, mas, com lágrimas.

É tão grande a minha dor, que transpassa o coração do querido amigo que grava no papel estas palavras ungidas de sentimento, que vou ditando.

Não sei o que pensam de mim os que me visitam. Para eles tenho ainda brilho nos olhos, mas esse brilho é já de um fogo que não mais crepita, porque se apaga aos poucos.

Minha palavra perdeu a vivacidade e é agora, um som, apenas, do que foi a minha voz.

Nenhum movimento no corpo até o tronco; nenhum órgão com vitalidade. Tudo pertence à morte, porque a morte já se apoderou de meu corpo e dele está fazendo descansadamente, sinistra morada.

Quando leres esta mensagem, lembra-te dos dias vividos. Lembra-te do sol, da lua, das estrelas, dos encantos que enchiam nossos olhos, quando ainda o lar era uma alegria entre as alegrias da vida. Lembra-te de tudo isso e ora por mim, por este semi-cadáver, que já não tendo mais um coração para amar, tem um cérebro para recordar.

Adeus.

OSVALDO MELO

J. Melchiades

REPRESENTAÇÕES

Rua João Piuto, 5 — End. Tel. «JOTTA»

— FLORIANÓPOLIS

— Caixa Postal 379

Distribuidor dos Produtos KNOT

Rápida viagem ao Oeste Catarinense

ZEDAR PERFEITO DA SILVA

Em missão cultural da revista ATUALIDADES, visitamos alguns municípios do oeste catarinense. Ao chegarmos a Lajes, nós que a conhecíamos desde 1934, observamos como foi extraordinário o seu progresso. Só o Cine Marajoara, corajosa iniciativa de Mário Sousa e de outros, pode-se ombrear com os melhores do Rio, São Paulo e Porto Alegre. E as grandes iniciativas, quer do particular, quer do governo (federal, estadual e municipal), não sofrem solução de continuidade.

Lajes é por demais conhecida dos catarinenses nascidos no litoral, pelas suas tradições históricas, alto nível social, desenvolvimento material e espírito empreendedor de seus filhos. Mas, os municípios que formam o oeste catarinense não nos aparecem na sua realidade. A maior parte julga-os uma zona de far-west. A lenda chega muito deturpada às cidades do litoral. Entretanto, diremos uma verdade ao afirmar que o oeste catarinense não é mais o celeiro de Santa Catarina, porque o é em parte também do Brasil. Senão vejamos, em rápidos traços, tão rápidos como foi a duração de nossa excursão.

Em Campos Novos, encontramos uma cidade que se agita para progredir. Apesar da situação particular que lhes dá os importantes distritos à beira da estrada de ferro, mesmo assim Campos Novos — a sede — trabalha afanosamente para melhores dias. Joaçaba, para o forasteiro, é uma magnífica surpresa. Lá, encontramos frigoríficos, moinhos de farinha, fábrica de cama, de máquinas, de fósforo, de papel, etc. Todo o mundo quer prosperar e consigo fazer prosperar o município. Em seguida, com três horas de onibus, pela nova estrada, estivemos em Concórdia. Eis a terra

da promessa. Não se encontra uma pessoa desocupada. Na companhia amável do deputado estadual dr. João Estivalet Pires, tivemos o prazer de visitar o moinho de trigo «Concórdia», com capacidade e produção diária de 450 sacos de farinha de trigo. Vimos o trigo em grão armazenado em tudo quanto era espaço livre e um dos dirigentes que nos acompanhava adiantou-nos que a organização já estava providenciando tabladões e lonas para armazenar ao ar livre o resto da safra, a qual ia muito além da previsão mais otimista. Também visitamos o Frigorífico, que deve ser um dos mais completos do país. Quanto ao moinho, poderemos acrescentar que foi construído sob a mais rigorosa técnica. É bastante dizer que o aspirador recebe o trigo em grão e o operário só entra depois em ação para retirar a farinha ensacada. A obra apostolar que o Frei Achilles Kloeckner realizou ali é digna da mais ampla divulgação. O hospital São Francisco e a igreja matriz são construções de vulto que forçosamente lhe darão a imortalidade.

Em Videira, contamos como cicerone o próprio Prefeito, sr. Angelo Ponzoni, que é um dos mais progressistas industriais daquela rica zona. Ao assumir o cargo que o povo lhe confiou, teve o belo gesto de renunciar o subsídio. Vimos, entre outras organizações, a famosa cantina da Sociedade de Vinhos Catarinense Ltda., o cortume e o frigorífico «Perdigão». Só no Grande Hotel, onde estivemos hospedados, soubemos estarem ali no momento oito compradores de uva, de São Paulo, e compradores de trigo de Joinville, Paranaguá e Antonina. De lá, demos um salto a Caçador. Apesar das poucas horas que passamos na bela e industriosa ci-

dade, podemos apreciar o seu aspecto geral. Graças ao líder do P. S. D., na Câmara Municipal, que nos levou de automóvel, percorremos o monumental hospital em construção, que receberá o nome de Jonas Ramos, o Centro de Puericultura e observamos os edifícios e as chaminés fumegantes de suas fábricas de papelão, cerveja, moinho de trigo, etc. Digno de registro é o gesto dos vereadores de Caçador, que renunciaram a qualquer vantagem pecuniária no exercício do seu mandato legislativo.

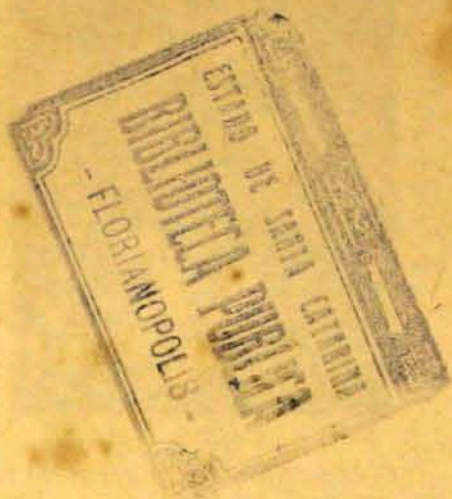
Via Curitiba, regressamos a Lajes e de lá à nossa Capital. A lição que aprendemos nessa excursão foi salutar. Vimos que o povo ali não mantém a velha e perigosa mentalidade colonial de tudo esperar do governo. Ali, a iniciativa particular é tudo, ou quase tudo. Mas, é justo explicar que os governos dentro das possibilidades não se tem descurado dos problemas vitais da privilegiada região.

Se nos perguntassem qual as necessidades mais prementes da zona visitada, ousaríamos dizer: Para Videira, a construção imediata de um Grupo Escolar. Mandar fazer um estudo do povoamento do vale do rio Canoas, que forçosamente ainda competirá em riqueza e valor com o do vale do rio do Peixe. Quanto aos demais, julgamos que a assistência técnica e financeira adequadas, com as facilidades de comunicação, operarão as condições para transformar o oeste catarinense num autêntico celeiro da pátria brasileira. E para melhor compreensão entre as suas comunidades, tomamos a liberdade de sugerir ao governo estadual uma excursão de representantes da imprensa de Tubarão, Laguna, Florianópolis, Itajaí, Blumenau e Joinville, àquela terra da fartura.

Companhia Brasileira de Trigo

Empregue seu dinheiro comprando ações dessa poderosa
Companhia paulista ~ Capital Cr\$ 60.000.000,00

Raça e cultura



A crise que há vários decênios se vem acentuando em toda a humanidade determinou uma notável mudança de rumo no desenvolvimento das ciências sociais. Compreendeu-se que a investigação científica não pode ficar de todo alheia à solução dos problemas humanos. Assim, o interesse dispensado pelos antropólogos e sociólogos contemporâneos ao estudo das relações entre raça e cultura deriva, em grande parte, das consequências, cada vez mais decisivas, dos contactos entre grupos raciais e culturais em todas as regiões do globo. Não raro essas consequências equivalem a dificuldades que é possível vencer somente após um estudo sereno e objetivo dos fatos.

O desenvolvimento dos meios de comunicação e do comércio internacional, a constituição dos modernos impérios coloniais e uma série de fenômenos ligados às últimas grandes guerras quebraram o relativo isolamento mantido durante séculos por certo número de povos, tribus primitivas, grupos raciais e comunidades de outra natureza. Dizer que «o mundo se está encolhendo» equivale a dizer que em toda parte, e com frequência maior do que em épocas mais antigas, se encontram e enfrentam grupos humanos que se distinguem pelos traços físicos de que são portadores, pelas línguas que falam, pelas normas que regulam o seu comportamento nas várias situações de vida e pelos valores que reconhecem e defendem. Daqui a poucos decênios o mundo será inteiramente cosmopolita. As diferenças entre as nações civilizadas vão diminuindo gradativamente, e os pequenos povos de cultura tribal são forçados a integrar-se na civilização ou então a desaparecer. Ao mesmo tempo, as diferenças somáticas se apagam pelo processo biológico da fusão racial.

No estudo dos contactos raciais e culturais e das relações entre cultura e raça deparamos desde logo uma dificuldade bastante grande. É que nós todos temos a tendência de tomar como ponto de partida a uns tantos preconceitos, às vezes arraigados de tal modo em nossa mentalidade que se nos afiguram quase como reações instintivas. De antemão, admitimos as qualidades excepcionais de nossa própria «raça» e a superioridade de nossos costumes e de nossas instituições sociais em face dos costumes e das instituições de outros povos. Trata-se de coisas que nos parecem evidentes, que «não se discutem», e de idéias e convicções que nos são caras — a tal ponto que constituem o alicerce de toda a nossa visão do mundo.

Outra dificuldade, em parte decorrente da anterior, é a maneira subjetiva de encararmos os dados da pesquisa científica sobre os fenômenos raciais e culturais. Intencionalmente ou não, a interpretação desses dados é feita muitas vezes através do prisma e em benefício de certos interesses políticos e econômicos. O próprio enunciado dos problemas já encerra, em numerosos casos, o resultado a que se deseja chegar. Os antropólogos que acreditam nas qualidades superiores da raça nórdica e na inferioridade biológica e cultural de quaisquer mestiços partem desta premissa no estudo dos fenômenos raciais. Com igual ingenuidade, outros tomam, por exemplo, como indiscutível a superioridade dos mestiços. Uns e outros não percebem, muitas vezes, que, em lugar de fazer ciência, elaboram argumentos pseudo-científicos para a defesa de determinadas doutrinas ou de certos interesses econômicos. Assim, a teoria — preconcebida — de que determinadas raças seriam incapazes de «elevar-se» ao nível de nossa civilização vem ao encontro do imperialismo colonial, que procura racionalizar ou justificar os métodos um tanto rudes, se bem que eficientes, com que explora os chamados povos primitivos.

Mas há ainda uma terceira dificuldade. O problema raça-cultura não se limita ao campo estrito duma disciplina, mas entra no domínio de várias ciências com métodos distintos. Além disso, observa-se não raro entre os especialistas um padrão de «respeito» pelos setores reconhecidos como campos de investigação de outras ciências. Aqui, entretanto, se trata de assunto situado em terreno por assim dizer marginal, dum complexo de fenômenos biológicos, psicológicos e sociológicos, ainda modificados muitas vezes por fatores históricos e geográficos. Não admira, pois, o ceticismo com que não poucos circunspectos homens de ciência encaram o espírito aventureiro dos que abordam tão difícil e perigosa tarefa.

EGON SCHADEN

O único

FLORISBELO
Rua João Pinto. 21

Alfaiate

Dra. Yeda Orofino



Dentre os ilustres professores que compoem o corpo docente da novel Faculdade de Farmácia e Odontologia de Santa Catarina, encontra-se a distintíssima senhorinha, dra. Yeda Orofino, elemento de grande projeção nos nossos meios sociais e funcionária de destaque do Departamento de Saúde Pública do Estado.

Formada em 1944 pela Faculdade de Odontologia e Farmácia

da Universidade de Porto Alegre, onde conquistou, pelo seu grande talento, notas distintas, vem a nossa homenageada de ocupar na nossa Faculdade a cadeira de Técnica Odontológica, do 2º Ano, e de Ortodontia e Odontopediatria do 3º Ano cujo desempenho, estamos certos fará com brilhantismo e proficiência, dado o seu grande talento e preparo profissional.

A data magna da Grécia

Por ocasião da passagem do dia da Independência da Grécia, no dia 25 do mês p. findo, foi celebrada na Igreja Grega Ortodoxa missa cantada seguida de solene «Te Deum», em ação de graças pela passagem da data maior da Nação Helênica.

Prof. Arnaldo S. Thiago

Comunicando-nos a sua nova residência, no Rio, à Rua Pucuruí, n. 18, Tijuca, pede-nos o nosso colaborador Professor Arnaldo S. Thiago, que o tornemos público, para ciência dos seus amigos e conhecidos.

Dra. Euridice Luz da Gama Lobo d'Eça



Colou grau de bacharel em direito no dia 20 do corrente, a dra. Euridice Luz da Gama Lobo d'Eça esposa do 1º tenente do exército Luiz Felipe da Gama Lobo d'Eça e filha do professor Eduardo Pio da Luz e Dona Ceci Carneiro Cunha da Luz.

A solenidade teve lugar na Secretaria da Faculdade de Direito de Santa Catarina e foi presidida pelo Desembargador Urbano Muller Salles, Diretor da nossa alta instituição, com a presença de membros da Congregação, parentes, pessoas amigas da novel advogada, que teve como paraninfo de sua formatura o seu avô Major Pedro Augusto Carneiro da Cunha.

ALFAIATARIA FORNEROLLI

RUA TIRADENTES, 8

Elegância de seu corpo !

Restaurante Lira Tennis Clube de FRANCISCO PRAZERES

Diariamente

Atende serviços externos

Cozinha de 10,

Confôrta - Higiene - Ótima vista - Ambiente próprio para homenagear uma família ou amigos de fóra

1.^o aniversário do Govêrno Catarinense



Dr. Aderbal Ramos da Silva

Já decorreu o primeiro aniversário do Govêrno Catarinense, e o respectivo titular, dr. Aderbal Ramos da Silva, foi alvo de justas, sinceras e expressivas homenagens, porque o povo livre de nossa terra viu concretizadas as esperanças que o levaram a sufragar-lhe o nome: o advento de um govêrno de paz, de ordem, de liberdade, de justiça e de trabalho profícuo.

Com esta página, ATUALIDADES também lhe presta sua modesta, mas, desinteressada homenagem.

Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S. A.

Cópia fiel extraída do "Livro de Atas" das assembleias gerais ordinárias e extraordinárias do Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S. A.

Ata da assembleia geral ordinária do Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S. A. Aos trinta dias do mês de janeiro do ano de mil novecentos e quarenta e oito, pelas dez horas da manhã, na sala da diretoria, reuniram-se em assembleia geral ordinária os acionistas do Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S. A. Verificando-se a existência de acionistas para a formação do quorum legal, assumiu a presidência o sr. Genésio Miranda Lins, diretor-superintendente do Banco, convidando para secretários os srs. João J. de Alcântara e Gil Miranda. Aberta a sessão, foi lido o edital de convocação por três vezes editado no "Diário Oficial de Santa Catarina", de 19-1-48, 21-1-48, 23-1-48, nos jornais local o "Itajaí", números 24, 25 e 26, de 10-1-48, 17-1-48 e 24-1-48 e "Jornal do Povo", ns. 582, 583 e 584, de 11-1-48, 18-1-48 e 25-1-48, e dispensada a leitura do balanço e parecer do conselho fiscal, amplamente divulgados foi aprovado o balanço e contas da diretoria bem como o parecer do conselho fiscal. Antes porém, o presidente procedeu a leitura do relatório da diretoria do seguinte teor: "Srs. acionistas. Cumprindo as determinações estatutárias, é-nos grato oferecer-vos a exposição das nossas atividades no exercício de 1947, assinalando de passagem os principais acontecimentos ocorridos na vida econômica do país, e particularmente do nosso Estado. Depois de um rápido período de prosperidade econômica, prosperidade mais aparente do que real, sentimos, em meados do exercício que findou, os primeiros sintomas de uma crise cujas proporções ainda não podem ser avaliadas ante a tensão que se observa nas relações entre os países que neste após-guerra disputam a hegemonia política e econômica do mundo, e dos quais depende na maior parte, a conjuntura econômica das nações caudatárias. Como sempre acontece em todas as épocas de depressão econômica, os Bancos puseram em prática medidas acauteladoras, retraindo o ritmo das suas aplicações. Como era natural sobrevieram sérias dificuldades para todas as firmas que faziam os seus negócios exclusivamente à base do crédito bancário. Daí a acusação que, injusta e intempestivamente, lançaram contra os Bancos, atribuindo a causa da crise à retração do crédito, quando se sabe que essa medida foi determinada por circunstâncias emergentes da própria crise. Responsabilizar os Bancos pelos acontecimentos ocorridos é incorrer no erro de encarar isoladamente um fenômeno que só existe em função de outros, e que só uma análise de conjunto é possível revelar os nexos de causa e efeito que os ligam entre si. Na questão do crédito bancário, a crise é

anterior às medidas de restrição tomadas pelos Bancos. Estas foram efeitos daquela, não sua causa. O que se pode atribuir aos Bancos é a circunstância de haverem surpreendido o fenômeno no seu nascedouro, registrando, com uma sensibilidade termométrica, as depressões ocorridas na economia nacional. As causas, porém, foram várias, complexas e simultâneas. A inconvertibilidade da libra, a concorrência em maior escala dos mercados estrangeiros refletidos dos impactos da guerra, a medida do Govê no sentido de debelar a inflação estancando repentinamente o caudaloso manancial de papel-moeda responsável, em parte, pelo descalabro financeiro a que ficamos reduzidos em menos de um decênio, podem ser apontados como os fatores que mais influíram nos acontecimentos a que acima nos referimos. Entretanto, se fôra necessário destacar, dentre esses, o que mais decisivamente concorreu para a deflagração da crise, não resta dúvida que a cessação das emissões de papel-moeda seria o primeiro, porque sobreleva a todos os demais, sem que por isso se lhe possa atribuir exclusivamente na determinação dos acontecimentos. Hoje, debeladas as primeiras manifestações da crise que ameaçava a economia nacional, não podemos deixar de louvar a ação corajosa e oportuna do nosso Govê, ao decepar, com firme decisão, as cabeças da hidra inflacionista que tantos malefícios causou ao país, e a economia nacional, não podemos deixar de louvar a ação corajosa e oportuna do nosso Govê, ao decepar, com firme decisão, as cabeças da hidra inflacionista que tantos malefícios causou ao social e econômico. Se alimentássemos por mais tempo aquela farsa prosperidade com altas doses de zoro fiduciário, não só adiariamos o desfêcho do mal, como o tornaríamos mais grave e por conseguinte de resultados muitíssimos mais desastrosos para a economia nacional.

Uma vez que o govê punha freios à emissão do papel-moeda, os Bancos não mais poderiam continuar favorecendo a expansão do crédito dentro daquele ritmo que, até certo ponto, fôra estimulado pelo próprio surto emissorista. Segundo Eugênio Gudin não se pode falar, a rigor, em "expansão de crédito", se considerássemos que o crédito apenas acompanhou, como decorrência lógica, a expansão monetária. Dessa medida governamental, que a princípio produziu uma natural desarticulação na nossa economia, resultou uma maior disciplina, do crédito bancário, moderando-se, assim, os excessos que se vinham verificando em vários setores da produção nacional.

Outro fenômeno que pode ser considerado como consequente da restrição creditária é a diminuição dos depósitos bancários. Segundo a revista "Conjuntura Econômica", que insere, no seu número de dezembro de 1947, interessante artigo sobre o índice dos negócios bancários, "os depósitos e os empréstimos referentes aos 30 maiores bancos baixaram no mês de outubro; os depósitos diminuíram de 849 milhões (2%) e os empréstimos, que já estavam em regressão no mês an-

terior, caíram de 243 milhões de cruzelros (0.7%).

Não obstante existir uma lei contra a usura, ninguém ignora que é comum o empréstimo de dinheiro entre particulares, geralmente feito a taxas proibitivas. Ora, no momento em que os Bancos tiveram de adotar rigorosa política saneadora, com relação ao crédito, como medida de preservação dos seus interesses, os mais necessitados, ou melhor, os mais viciados encontraram no dinheiro de particulares uma válvula de escape para as suas negociatas, sujeitando-se ao pagamento de verdadeiras taxas de usura. Eis por que se registou, em quase todos os Bancos do país, de acordo com os dados fornecidos por aquela revista técnica, uma evasão dos dinheiros em depósito. Diante disso, cabe ao Govê exercer uma polícia mais rigorosa em torno da agiotagem, repelindo com vigor tanto os que a praticam como os seus beneficiários, para não dizer as suas vítimas.

Deve-se considerar que o dinheiro que os Bancos aplicam é uma mercadoria que no momento atual não está sujeita à lei de oferta e da procura, visto existir uma lei que fixa a taxa máxima de 12%. Ora, uma vez que ao Govê é difícil, sinão impossível evitar o empréstimo entre particulares, os Bancos se vêm seriamente ameaçados nos seus volumes de depósitos, constrangidos, por outro lado, às limitações impostas pelo Govê no que tange às taxas de aplicação. Não seria salutar, naturalmente, que o Govê elevasse a taxa máxima para as operações bancárias e deixasse a usura campar livremente. Mas que, mantendo aquela taxa, debelasse esse mal que vem corroendo subterraneamente as alicerces da economia bancária do nosso país. Só assim seria possível maior eficiência de depósitos às caixas dos Bancos, favorecendo a estes o cumprimento da função que lhes está reservada como legítimos propulsores da produção nacional.

Já que aludimos a alguns principais eventos ocorridos na esfera econômica do nosso país no ano que findou, não podemos deixar de fazer referências, à notícia que nos chega da ampla reforma por que vai passar a Carteira de Exportação do Banco do Brasil, objetivando maior elasticidade às nossas transações com o exterior. Entre os benefícios que o novo Regulamento da Carteira de Exportação conferirá aos produtores nacionais, merecem destacados os seguintes:

"Conceder adiantadamente para mercadorias depositadas em armazéns gerais e idôneos, quer por meio de warrantes, quer pela abertura de crédito mediante caução de conhecimento do depósito;

Contrato de penhor mercantil sobre mercadorias depositadas em armazéns particulares, onde não existam armazéns gerais, devendo ser o depositário pessoa

A Exposição

de ELIAS FEINGOLD

RUA FELIPE SCHMIDT, 54 - TEL. 1603

Casemiras - Tropicais - Linhos - Buins e Sedus. - Confeções finas para homens, senhoras e crianças.

TAPETES E CONGOLEUNS.

Distribuidor dos aparelhos de rádio "Olimpie", "Airmec" e RCA Radiola

VENDAS A VISTA E PELO SISTEMA CREDIÁRIO
FLORIANÓPOLIS

Restaurante Estrêla

Bebidas nacionais e estrangeiras

Cosinha a la "carte"

Asseio e prontidão

WALDEMIRO ALVES

Praça 15 de Novembro

idônea e não ter ligações de interesses com o autuário;

conceder adiantadamente sobre conhecimentos de transportes de mercadorias sobre contratos de venda de câmbio ao Banco do Brasil; sobre os saldos credores, em moedas estrangeiras, que as firmas exportadoras tiverem junto à Carteira de Câmbio, em conta gráfica, proveniente da cobrança de "letras de exportação" ou títulos similares;

comprar, nos portos ou nos centros de produção, no interior, por conta de terceiros, produtos nacionais exportáveis de fácil e segura conversão, os quais ficarão armazenados para exportação em época oportuna, ou seja quando a capacidade de absorção dos mercados consumidores em condições

satisfatórias; realizar, por conta própria, tais operações, quando circunstâncias especiais assim o exigirem imperativamente, em defesa dos interesses da economia nacional e mediante prévia e expressa anuência do ministro da Fazenda; nestas operações poderá ser incluída, a juízo da carteira e desde que assim o desejem os interessados, a cláusula retrovenda;

quando assim se tornar necessária para ultimar a exportação de produtos cuja venda esteja prévia e plenamente assegurada;

as operações serão realizadas a médio e longo prazo, considerando-se prazo médio até seis meses e longo até um ano".

É superfluo afirmar que a Carteira de Exportação do Banco do Brasil, com o novo aparelhamento que lhe acaba de outorgar o Regulamento aprovado pelo sr. ministro da Fazenda, abrirá novas perspectivas à indústria exportável do nosso país, proporcionando-lhes a assistência necessária para vencer as dificuldades surgidas nestes últimos meses.

Outro fato digno de registro neste relatório é a lei que deverá liberar os bens dos súditos do Eixo, cujo projeto se encontra na sua última fase, na Câmara Federal. Trata-se de uma soma apreciável, cerca de oito bilhões de cruzelros que se encontram represados, e que, reconduzidos para o curso natural dos valores em circulação, virão opulentar a fonte criadora de riquezas econômicas através de uma maior atividade em todos os setores da produção nacional. Está prevista, nesse projeto de lei, como medida de emergência, caso o Governo não possua recursos imediatos para restituição do patrimônio confiscado, a suspensão do bloqueio, isentando-se das restrições as novas contas bancárias e os lucros que venham a ser percebidos pelos que sofreram as consequências do decreto-lei n. 4.166, de 11 de março de 1942.

Trata-se, com efeito, de uma medida de elevado alcance econômico para o nosso país, permitindo que os alemães, italianos e japoneses aqui domiciliados reorganizem a sua vida econômica e continuem trabalhando para o progresso da nação através da livre mobilização dos seus recursos.

Voltando as vistas para o nosso Estado, cumpre-nos ressaltar que, em anos anteriores, sem dados estatísticos oficiais em que possamos basear as nossas observações acerca da produção estadual. Podemos afirmar, entretanto, que esta continuou em marcha ascendente no ano de 1947, não obstante a crise surgida em meados desse exercício.

No oeste catarinense os colonos e agricultores aumentaram consideravelmente a produção do trigo, cujos preços estão sendo cotados, ali, mesmo antes da safra, na base de Cr\$ 193,00 por saca. E os resultados não se fazem notar somente quanto à quantidade, mas também no tocante à qualidade, vantagens que suplantam a produção de todas as safras anteriores.

O trigo, como se sabe, é um alimento de fundamental importância na nossa vida. Entretanto, não tem merecido a necessária assistência por parte do Governo, contrariamente ao que ocorre em outros Estados da Federação, como por exemplo no Rio Grande do Sul, onde acaba de ser aprovado pela Comissão de Finanças da Câmara dos deputados o projeto de lei que autoriza o executivo a desapropriar dezesseis léguas de campo em Bagé, para aproveitamento da cultura mecanizada desse cereal. Referida a vultosa operação correrá por conta da União, ficando porém, ao Governo do Estado o encargo de lotear as referidas terras, para vendê-las a longo prazo a agricultores especializados. Num Estado como o nosso, cujas condições demográficas não chegam a registrar dez habitantes por quilômetro quadrado, existem ainda extensas áreas de cultura que estão a reclamar o braço do homem, e que podem ser aproveitadas pelos agricultores menos privilegiados, que lutam com escassez de terras e de recursos, se o Governo dirigir suas atenções para

esse magno problema da nossa economia rural.

Na região serrana não se constatou nenhuma alteração digna de nota na indústria pastoril, a qual continua desfrutando de excelente cotação, a par de um apreciável aumento da população bovina.

No Vale do Itajaí, verificou-se a crise do comércio madeireiro, oriundo da falta de interesse dos mercados platinos, os maiores consumidores da madeira catarinense. Essa crise foi seguida, como era natural, de uma baixa de preço, notando-se, porém, ultimamente, uma reação que, embora não seja de molde a restabelecer o alto nível em que se manteve essa indústria extrativa nos últimos três anos, poderá assegurar-lhe o equilíbrio dentro de um plano inferior, porém mais estável. Como consequência dessa crise, tivemos de retrair as nossas aplicações nesse setor, difundindo-a, porém, em outras esferas industriais, como por exemplo na do tabaco, que vem merecendo, por parte do Governo, cuidado especial, não só quanto ao plantio, como também na parte referente aos processos de seleção e classificação do fumo.

A não ser a madeira, não se notou nenhuma modificação, sinão para melhor, na produção industrial dessa riquíssima área cultural do nosso Estado. A exportação se processou dentro de uma escala crescente. Em 1946, enquanto importamos cerca de Cr\$ 40.000.000,00 dos mercados nacionais e estrangeiros carregamos para esses mesmos mercados cerca de Cr\$ 120.000.000,00, registrando-se, por conseguinte, um saldo ativo de Cr\$ 80.000.000,00, a favor do nosso balanço comercial. Em 1947 a exportação elevou-se para Cr\$ 144.000.000,00, ao passo que a importação baixou para Cr\$ 38.000.000,00, em números redondos. Verificou-se um "superavit" de Cr\$ 106.000.000,00.

Enquanto em outros portos do Estado, como por exemplo o de São Francisco do Sul, se constatou um declínio no fluxo de navios, em Itajaí o movimento portuário não sofreu a menor solução de continuidade, antes pelo contrário se apresentou com maior intensidade que nos anos anteriores. Não resta dúvida que a acessibilidade do nosso porto à produção do interior do Estado, principalmente do Vale do Itajaí, é uma das razões por que tem sido assiduamente visitado por navios de pequena cabotagem e de longo curso. E esse movimento ainda será amplamente desenvolvido o dia em que se ultimarem as obras da estrada de ferro que deverá ligar Blumenau a Itajaí, cujo andamento deve ser acelerado, pois que temos apenas 14 quilômetros construídos quando a extensão do trecho é relativamente insignificante, não indo além de 49 quilômetros. O Governo Federal, porém, segundo estamos informados, acaba de abrir um crédito de 20 milhões de cruzelros para as obras dessa estrada, cuja conclusão é de vital importância para a economia do Vale do Itajaí.

No sul do Estado a indústria extrativa do carvão atingiu um nível recorde, suplantando mesmo a produção das ba-

cias carboníferas do Rio Grande do Sul. Já em 1946 a nossa produção foi de 917.445 toneladas, contra 897.445 extraídas naquele Estado vizinho. De 1946 para 1947, verificou-se um acréscimo de cerca de 100.000 toneladas.

Naquela região sulina não existem outras fontes industriais dignas de nota. A falta de energia elétrica tem sido, indubitavelmente, a causa da inexistência de indústrias, principalmente no rico Vale do Tubarão, cujas condições naturais oferecem elementos notáveis para o aparelhamento de um grande parque industrial.

Para concluir este breve relatório, passemos a tratar, a seguir, do nosso movimento interno, começando pelo

AUMENTO DE CAPITAL

O novo aumento de capital do nosso Banco somente poderá ser apreciado depois de promulgada a nova Lei Bancária, que ora se discute no Congresso Nacional. Tão logo isso se verifique, devemos adaptar-nos às exigências dessa lei, que esperamos entre em vigor dentro de um curto lapso de tempo.

Fundo de reserva — Com as novas dotações ocorridas no último balanço, os nossos fundos de reserva se elevam à expressiva cifra de Cr\$ 18.865.766,20.

Dividendo — A exemplo dos balanços anteriores a importância para o pagamento de dividendos corresponde a uma taxa de 12% a.a. já aprovada pelo conselho fiscal e para o qual esperamos também o vosso beneplácito.

Imóveis — A nossa conta de imóveis está representada por Cr\$ 3.541.435,30, compreendendo os seguintes edifícios, todos ocupados por agências do nosso Banco: Rio do Sul, Tubarão, Brusque, Joazeiro, Lajes, Cacador, Criciúma, Florianópolis, Aranguá, Gaspar, Blumenau, Itirama, Indaial, Jaraguá do Sul, Joinville e Concórdia. Possuímos ainda terrenos em Laguna, Taló, Bom Retiro, Urussanga, Porto União, Canoinhas, Ituporanga, Curitiba, Mafra e Piratuba. Em Curitiba estamos readaptando, em excelente local, o prédio que havíamos adquirido e do que já vos demos conta. Em Itajaí continua em andamento a construção da nossa sede, tendo sido também autorizadas construções em Canoinhas, Laguna e Videira, esta última em face do sinistro ali ocorrido e que destruiu completamente as nossas instalações naquela praça, hoje já inteiramente restauradas, assim como todos os serviços internos.

Participações — Além dos bônus do Estado de Santa Catarina, apólices municipais e estaduais no valor de Cr\$ 239.034,00, possuímos 25 ações da Companhia Siderúrgica Nacional, no valor de Cr\$ 25.000,00, bem assim uma cota da Mútua Catarinense de Seguros Gerais, também da mesma importância. Possuímos ainda o Banco de Obrigações de Guerra, Cr\$ 3.096.109,10; Apólices Federais de Cr\$ 90.317,00; títulos de Capitalização da Sul América, valor de resgate, Cr\$ 463.972,00; 145 debêntures da Companhia Industrial e Comercial Salinger, no valor de Cr\$ 145.000,00; um título n. 4.211 da Auxiliadora Predial Cr\$ 26.156,40; 5 ações do Ginásio Tuba-

EDIÇÕES ATLAS

Santa Catarina Ltda.

Rua Felipe Schmidt, 52 - Florianópolis

(Uma Organização a Serviço da Cultura Nacional)

Últimas novidades recebidas

Pirandello, Os Velhos e os Moços	Cr\$ 55,00
Pinheiro, Organização e Reorganização de Serviços Administrat. e Comerciais	Cr\$ 50,00
Jonney, O MILAGRE DOS SINOS	Cr\$ 60,00
Duarte, Palmares pelo Avesso (o livro da revolução de 1932)	Cr\$ 45,00
Niven Busch, Duelo ao Sol	Cr\$ 40,00
Jean Paul Sartre, O Muro	Cr\$ 35,00
Ledo Ivo, Caminho sem Aventura	Cr\$ 35,00
Alba de Cespedes, Ninguém Volta Atraz	Cr\$ 40,00
Alves, A Previdência Social no Brasil	Cr\$ 12,00
Dutton, Principios de Organização Aplic. às Ativ. Comerc. e Industriais	Cr\$ 120,00
David Ricardo, Princip. Economia Política e do Imposto	Cr\$ 25,00
Malta, O Inglês sem Aux. Professor	Cr\$ 60,00

Atendemos pelo Reembolso.

rão Cr\$ 5.000,00; 200 ações da Empresa Força e Luz de Santa Catarina, Cr\$ 180.000,00; ações da Empresa Força e Luz de Videira, Cr\$ 20.000,00 e 240 ações da Usina de Açúcar Adelaide S. A., Cr\$ 1.200.000,00.

Depósitos e aplicações — O volume dos nossos depósitos, somou no último balanço, a importância de Cr\$ 246.372.451,30, enquanto que a aplicação corre paralelamente a essa cifra, acrescendo-se parte das nossas reservas. Os nossos depósitos já atingiram a importância superior a que ora registamos e a explicação de sua diminuição os prezados acionistas encontrarão na primeira parte deste relatório. Já se verifica uma sensível reação e dentro de um futuro próximo esperamos registrar somas ainda não alcançadas.

Cobranças — A nossa verba de "Efeitos a cobrar", representada por títulos de conta própria e de terceiros, eleva-se a importância de Cr\$ 290.410.760,90, um pouco inferior à máxima já registrada. Considerando o período da paralisação das compras que se verificou no comércio de todo o país, justifica-se plenamente essa pequena diminuição.

Funcionários — O nosso corpo de funcionários cujo número aumentou para 612, continua a prestar-nos colaboração eficiente, ficando aqui consignados os nossos agradecimentos.

Conselho fiscal — Os dedicados membros do nosso conselho fiscal nos tem prestado assistência valiosa, por isso os nossos agradecimentos. Para o período do exercício financeiro de 1943, deveis eleger novo conselho fiscal, nos termos dos estatutos do Banco.

Conclusão — Agradecendo a atenção dos nossos prezados acionistas, desejamos comunicar-vos ainda que, depois destes esclarecimentos, permanecemos ao vosso dispor para o que desejardes.

Itajaí, 30 de janeiro de 1948. Genésio Miranda Lins — diretor-superintendente. Dr. Rodolfo Renaux Bauer — diretor-gerente. Dr. Mário Miranda Lins — diretor-adjunto. Hercílio Deeke — diretor-adjunto. Irineu Bornhausen, Otto Renaux, Antônio Ramos e Bonifácio Schmitt — diretores, o qual foi ouvido com atenção e plenamente aprovado pelos presentes. Com a palavra o senhor Paulo Bauer, foi pelo mesmo proposto um voto de luvor à diretoria, conselho fiscal e funcionários pelos excelentes resultados obtidos. E tendo sido indicado, pelo acionista, dr. José Bonifácio Schmitt, fosse reeleito o conselho fiscal, a assembléa se manifestou unisonamente a favor, permanecendo a sua remuneração como a da diretoria, no mesmo, como até então. Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão, lavrando-

se a presente ata, que vai subscrita pelos presentes e encerrada por mim João J. de Alcântara, que a escrevi, Itajaí, 30 de janeiro de 1948.

Genésio Miranda Lins, Irineu Bornhausen, Antonio Ramos, Bonifácio Schmitt, Paulo Bauer, Arno Bauer, Nestor A. de S. Schieffer, Augusto L. Voigt, Silvestre Schmitt, João J. de Alcântara, Fritz Schneider, José Bonifácio Schmitt, Rodolfo Renaux Bauer, Francisco E. Canziani, Cesar Ramos, Abilio Ramos, Osni Ramos, pp. de Antonio Diomário da Rosa Luz, pp. de Gasparino Dutra, pp. de Carmosina F. dos Santos França, pp. de Artur Hardt, pp. de Alfredo Schroeder, pp. de Walter (Augusto) Hering, pp. de Walter Hansen, pp. de Arnaldo Hansen Júnior, pp. de Germano Brandes Junior, pp. de Edmund Schroeder, pp. de Edgar Jacobson, pp. de Cora Rolim Magalhães Rocha, pp. de Arcangelo Bazzanella, pp. de Adolfo Frischknecht-João J. de Alcântara, pp. de João Nunes Neto, pp. de Elisa Guimarães Cabral Nunes, pp. de Francisco Carlos Cabral Nunes, pp. de Luiz Carlos Cabral Nunes, pp. de Maria Cabral Nunes, pp. de Guiomar Cabral Nunes, pp. de Leandro Crippa — por substituição de Antonio Ramos — João J. de Alcântara; pp. de Antônio de Sousa Lima, pp. de Walter Rhinow, pp. de Massad Deud, pp. de Felipe Assaf, pp. de Willy Júlio Hermano Henrique Schosland, pp. de Marcos Goerresen, pp. de Marcília Stefane de Oliveira, pp. de Daniel de Oliveira, pp. de Maria Schoeffel Mattana, pp. de dr. Tiago Ribeiro Fontes, pp. de Luiz Francalacci, pp. de dr. Anibal Torres Costa, pp. de Severiano Albino Corrêa, pp. de Luiz Magalhães Medeiros, pp. de Paulo Jacó May, pp. de Antônio Delpizzo Júnior, pp. de Ludgero Franklin Pereira, pp. de Manoel Feijó, pp. de Irma Ghizzo Feuerschuette, pp. de Teodoro Tonon, pp. de Luiz Pedro de Oliveira, pp. de Alcino Geraldí, pp. de Teodoro B. Schlickmann, pp. de Domingos Bortola Perim, pp. de Gregório João Gonçalves, pp. de Ernst Hermann Siebert, pp. de João Antunes Corrêa, pp. de Jerônimo Bittencourt, pp. de Ataliba Dias Viana, pp. de Maria Salomé de Medeiros Castro, pp. de Pedro Bertoncini, pp. de Gasparino Zorzi — por seus filhos menores Alcebíades e Aristides Bresola; pp. de Artur Pereira — por sua filha menor Dulce Miriam Magalhães Pereira; pp. de Walter Fontana, pp. de Maria Basílica Tabalipa de Oliveira, pp. de Minehen Franzmann Zimmer — Nelson A. de S. Schieffer, pp. de Mehl Selm Mussa Miguel, pp. de Inácio Nandi, pp. de João Luiz Nandi, pp. de Lúlia Fretta Ghissi, pp. de Evaldo Meneghel, pp. de Rita Fretta Meneghel, pp. de Werner Knabben, pp. de Luiz Me-

neghel, pp. de Bernardo Antônio da Silva, pp. de Honorata Fellsberta da Mota Faria, pp. de Henrique Otto Feuerschuette, pp. de Orlando Bortoluzzi, pp. de Eurico da Silva Fontes, pp. de Gilda Renaux, pp. de Adalberto Renaux, pp. de dr. Carlos Júlio Renaux, pp. de dr. Luiz Renaux, pp. de Paulo Cordeiro, pp. de Osvaldo Bittencourt Corrêa, pp. de Mussi Dtb Mussi, pp. de Plínio Brasileiro de Sousa, pp. de Mário Matos, pp. de Paulo Mendonça, pp. de Francisco Martins da Fonseca, pp. de Custódia Brasileiro de Sousa, pp. de Alberto Crippa, pp. de Jaime de Oliveira, pp. de Sadi Candemil da Silva, pp. de Wenceslau de Oliveira, pp. de Antônio Batista da Silva, pp. de Humberto Zanella, pp. de João Tomaz de Sousa, pp. de Willybaldo Ferdinando Stracke, pp. de Salomão André de Castro, pp. de dr. Paulo Carneiro, pp. de Divo Guimarães Teixeira, pp. de Rodolfo Weickert, pp. de Irene Bianchini Pagani, pp. de João Júlio dos Santos Oliveira, pp. de Otávio Capanema, pp. de Júlio Oliveira — Paulo Bauer, Gil Teodoro de Miranda, João J. de Alcântara. É cópia fiel da ata da assembléa geral ordinária do Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S. A., realizada em 30 de janeiro de 1948. Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S. A. Direção geral: Gil Teodoro de Miranda, secretário da diretoria.

Reconheço a firma supra de Gil Teodoro de Miranda e dou fé. Itajaí, 25 de fevereiro de 1948. Em fé EK, da verdade. Enrico Krobel, tabelião do 2º officio.

ALFAIATARIA FORNEROLLI

Rua Tiradentes, 8

Elegância de
seu corpo!

Crédito Mutuo Predial

Resultado do 11º Sorteio «PLANO B» realizado no dia
31 de março.

CADERNETA — N. 14.208

Prêmio maior em mercadorias no valor de Cr\$ 5.000 00.

Aproximações superiores em mercadorias no valor de Cr\$ 650,00, cada uma	Aproximações inferiores em mercadorias no valor de Cr\$ 250,00, cada uma
CADERNETA N. 14.209	CADERNETA N. 14.207
CADERNETA N. 06.038	CADERNETA N. 06.036
CADERNETA N. 39.406	CADERNETA N. 39.414
CADERNETA N. 38.572	CADERNETA N. 38.370
CADERNETA N. 04.193	CADERNETA N. 04.191

Troféu de última batalha

A sala estava cheia de alunos e, não obstante, havia silêncio quase completo.

A professora, uma jovem loira, bonita e simpática, chamou o garoto, um pretinho irrequieto e de olhos vivos; entregou-lhe alguma coisa e apertou-lhe a mãozinha de ébano, dizendo:

— Muito bem, Pedrinho! Meus parabéns. Tudo dez! Foram as melhores notas de tôdas as classes. Você é estudioso, inteligente e aplicado, e assim deve continuar. Há de ser um exemplo para seus colegas. Aqui está seu boletim. Guarde-o bem. Mostre-o a seus pais. Eles não de ficar orgulhosos de você!

Uma salva de palmas estrugiu no recinto por algum tempo.

O pequeno sorriu, pegou do papel e baixou a cabeça, com os olhos úmidos de emoção. Quis falar, mas não pôde. Apenas conseguiu dizer em voz trêmula:

— Sim senhora...

Afastou-se devagar, e foi sentar-se, comovido, prestes a chorar de alegria.

*

* *

Finda a cerimônia, festa íntima de encerramento das aulas, Pedrinho saiu ligeiro; saiu correndo com o boletim na mão. Tinha pressa; queria chegar à casa sem mais demora, para mostrá-lo aos pais, e receber o prêmio merecido: — um abraço maternal e algumas palavras de estímulo.

Atravessou em poucos segundos o pátio interior da escola. Cruzou célebre o jardim. Transpôs o portão e ganhou a rua a correr, a correr sempre, radiante, orgulhoso e feliz.

*

* *

Um caminhão, porém, conduzido por um ébrio, surgiu em louca disparada, e alcançou o menino. Atirou-o ao chão. Passou-lhe por sobre o corpinho frágil. Não houve tempo nem de soltar um gemido.

Havia letreiros nos postes: CUIDADO! DEVAGAR! ESCOLA! Mas motorista embriagado não liga a letreiros. Às vezes, mesmo em bom juízo, lê mal, não sabe ou não gosta de ler. E gente assim, em geral, é rude, e tem certa indiferença, — talvez desprezo, pela vida humana...

E Pedrinho, o crioulito inteligente, esperto e de olhos vivos, — o primeiro dentre todos os alunos, que momentos antes vivera as melhores horas de sua vida, jazia agora numa pôça de sangue, — morto, crânio esmagado, corpo disforme, membros dilacerados.

Apenas o bracinho direito, estendido perpendicularmente aos ombros, nada havia sofrido. E na mãozinha exânime, — respingado de sangue, prêso entre os dedos crispados — conservava, como um troféu de última batalha, o boletim que a professora lhe entregara...

JOSÉ CORDEIRO

Minha senhora !

Quando um agente do CRÉDITO MUTUO PREDIAL, fizer uma visita a sua residência e oferecer uma caderneta do nosso Clube de Sorteios, V. S. deve inscrever-se, porque, além de um sorteio mensal com onze prêmios maiores, extraídos pela Loteria Federal, é ainda a única que cobra uma mensalidade de Cr\$ 5,00, paga pontualmente seus prêmios a domicílio e paga o reembolso TOTAL, de acôrdo com o Decreto-lei n. 7.930, de 3 de setembro de 1945.

Um centenario notavel - Tijucas - Araranguá

E-nos sempre agradável e por este motivo não podemos silenciar, deixando passar obscurecida através da História Catarinense, as duas efemérides que assinala o próximo dia quatro de maio, que nos lembra a elevação aos fôros de Freguesia, dos antigos distritos de Tijucas e Araranguá, atualmente municípios e comarcas de grande desenvolvimento comercial, industrial e social.

Dir-se-ia que Tijucas e Araranguá geograficamente distanciados entre si, são, não obstante, semelhantes a duas "irmãs-gêmeas". Foram elas criadas e registradas no mesmo dia por um só criador que foi o presidente da Província general Antero José Ferreira de Brito, talvez com a mesma tinta e mesma pena, com que assinasse a sanção apenas a diferença que Tijucas recebesse o número 271 e a aos Decretos Legislativos que lhe foram presente, havendo, freguesia do Araranguá o n. 272, naturalmente porque uma teria que nascer primeiro. E esta foi a "irmã" Tijucas que se tornou, dest'arte, mais velha, querendo assim, para si, esta autoridade sobre sua irmã do Sul.

Tijucas encontra-se sobre a margem esquerda do rio que tem o mesmo nome. Está a 27°-14'-00" de latitude sul e 48°-40'-21" rumo N. N. O. com dez metros de altura sobre o nível do mar. Como comarca tem a área de 1.593 quilômetros quadrados visto que é composta ainda dos municípios de Nova Trento e Porto Belo. É classificada como de terceira entrância.

Como município, a que foi elevada pela lei número 464, de 4 de abril de 1859, tem a área de 852 quilômetros quadrados, compreendendo seis distritos importantes, que são: Séde — Boa Vista — Boiteuxburgo — Canelinha — Major e São João Batista.

Decorridos 48 anos de sua elevação á Freguesia, ou seja em 1896, quando da minha primeira viagem á Tijucas e logo depois á sua "irmã" Araranguá, conheci do seu progresso e do grande movimento comercial desenvolvido pelos tijuquenses. Notei quanto da sua administração, não só a municipal, mas a judiciária e eclesiástica, que eram desempenhadas a contento geral pelas seguintes pessoas:

Seu primeiro pároco — Reydm. padre — José Gnecco.

Administração judiciária: — Juiz de direito — vago. Suplentes: 1º — Isidoro José Marques Firmo. 2º — Estevão Cunha e 3º — Gabriel Leal de Sousa Nunes.

Promotor público — Zeferino Antônio Rodrigues de Carvalho.

Administração Municipal: — Antônio Firmino de Noveis, superintendente; Miguel Vieira de Brito, secretário; Antônio de Paula Valente Lima, procurador-tesoureiro; Celso Belisário da Silveira e Antônio Silva, fiscais; Joaquim José das Flores e João Serafim Pereira, guardas-fiscais.

Conselho Municipal: — Estevão Cunha, presidente; Manoel José Soares Pereira, vice-presidente; José Alves de Brito, Joaquim José Sant'Ana Filho, José Luiz Pereira, José Luiz Tibúrcio Júnior e José Mendes da Costa Rodrigues, membros.

Instrução pública: — Chefe escolar — Zeferino An-

(J. LUPERCIO LOPES)

tônio Rodrigues de Carvalho. Professores — Sergia Claudemira de Medeiros Lima, Donato Alípio de Campos e Rosalina Garcia de Abreu no lugar Passagem. (Tivemos conhecimento, á última hora, que esta senhora existe. É a veneranda sogra da nosso conterrâneo sr. João Mathias Gustenhofen).

Autoridades policiais: — Comissário — Albano Leal; 1º suplente — João Pedro Carreirão; 2º — Antônio de Paulo Valente Lima; 3º — Bernardo Augusto Laus. Sub-comissário: Vitor Pereira Lal; 1º suplente — Bernardino Antônio Narciso; 2º — João Barthen Junior e 3º — Diogo Francisco da Silva.

A lei número 271, acima referida, é assim redigida:

LEI N. 271 DE 1848

ANTERO JOSÉ FERREIRA DE BRITO, PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA

Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléia Legislativa Provincial decretou e eu sancionei a lei seguinte:

Artigo 1º — A população estabelecida na Barra do Rio Tijucas, Termo da Vila de Porto Belo, fica desmembrada da Paróquia d'este nome, para formar uma outra Freguesia com a denominação de São Sebastião da Fôz do Tijucas, — precedendo as licenças do ordinário na forma da Constituição do Bispado.

Artigo 2º — A Capéla, ora existente naquele lugar, servirá provisoriamente de Matriz, até que o Presidente da Província, depois de obter as precisas informações, designe o lugar mais próprio para o Arraial da Freguesia e assento da respectiva Matriz.

Artigo 3º — A nova Freguezia terá por limites ao Norte, o Rio dos Bobos, e ao Sul o das Tijucas Grande; ficando o Presidente da Província autorizado a marcar os limites do centro, depois de proceder as necessárias explorações.

Artigo 4º — O Parocho perceberá a mesma Congrúa e Beneses que competem aos Parochos da Província.

Artigo 5º — Ficam revogadas as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as Autoridades a quem o conhecimento, e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contem. O Secretario desta Província a faça imprimir, publicar e correr.

Dada no Palácio do Governo da Província de Santa Catarina, aos quatro dias do mez de Maio de mil oitocentos e quarenta e oito, vigésimo sétimo da Independência e do Imperio. (Ass.) Antero José Ferreira de Britto.

Carta de Lei pela qual V. Excellencia Manda executar o Decreto da Assembléia Legislativa Provincial, que Houve por bem Sancionar, desmembrando a Povoação estabelecida na Barra do Rio Tijucas, Termo da Villa de Porto Bello, da Parochia d'este nome, para formar uma outra Freguezia com a denominação de — São Sebastião da Fôz do Tijucas — como ácima se declara.

Para V. Excia. Ver, José Caetano Cardoso a fez.

— A CAPITAL — — A CAPITAL — — A CAPITAL — — A CAPITAL — — A CAPITAL — — A CAPITAL —

A CAPITAL

Oscar Cardoso S. A.

Confecção DISTINTA - Marca registrada

Da Fábrica ao consumidor, distribuída pela casa

A CAPITAL

Endereço Telegráfico: CAPITAL

Filiais: Blumenau e Lages

O melhor sortimento em artigos para homens, senhoras e crianças

Publicada, Sellada e Registrada nesta Secretaria do Governo da Província de Santa Catharina, em cinco de Maio de mil oitocentos e quarenta e oito. Manoel da Costa Pereira".

Voltemos, pois, a dizer sobre a sua "irmã" Araranguá. Esta próspera cidade, já denominada a Princesa Meridional do nosso Estado, estende-se garrida numa planície "interminável do sul a norte e em direção a oeste, abrangendo grande parte do município; encontrando-se também em direção reta, de N. a Sul, diversas lagoas navegáveis, como as de Urussanga, do Estevão, da Mãe Luiza, da Serra, do Caverá e do Sombrio". Em direção à Oeste, alguns morros e morrêtes isolados, como o morro Agudo, Conventos, Mãe Luiza, Morretes e Cortado, todos, porém, aproveitados pela lavoura, no plantio do café, bananas, etc.

Sua sede encontra-se também garbosa e enflôrescida, assentada sobre a margem direita do rio que tem, também o seu nome. Está a 28°—56'—04" lat. sul e 49°—30'—12" longitude W. G. rumo SSO, também com dez metros de altura sobre o nível do mar. Como comarca tem a área de 2.893 quilômetros quadrados. É de segunda entrância. Não se compõe de outros municípios, como sua "irmã" mais velha.

Como município, a que foi elevada pela lei número 901, de 9 de Abril de 1883, seu território tem a mesma área da comarca, dividido em sete distritos, que são:

Sede — Meleiro — Morretes — Passo do Sertão — Sombrio — Turvo e Volta Grande.

Em 1896, ou sejam 48 anos depois de Freguesia, Araranguá desenvolvia-se admiravelmente. O seu comércio, a exportação do que produzia a sua lavoura, a sua indústria, produtos de laticínios e outros, bem atestavam o trabalho constante e laborioso dos habitantes desta fertilíssima zona.

Tem como riquezas naturais, o carvão, ferro, cobre, estanho, piritis, prata, pedras-calcareas, de fogo, de louça, barro de telhas, de tijolos, de louça, etc. É rica nos três reinos da natureza.

Notável também era a cooperação em prol do seu engrandecimento, promovida pelos araraguenses que, envestidos dos cargos públicos que desempenhavam com critério e inteligência, concorriam com eficiência, ao lado dos demais habitantes, para a pronta solução a tudo que se relacionasse ao seu progresso e ao bem estar dos seus jurisdicionados.

A sua administração judiciária, eclesiástica e municipal, estavam assim desempenhadas:

Parte judiciária — Juiz de direito, o dr. José Virgolino Correia de Queiroz. 1º suplente — Antônio João Raupp; 2º — José Antônio da Silva e 3º — José Henrique de Andrade e Silva.

Promotor público — Coronel Apolinário João Pereira. Adjunto — Júlio Joaquim da Silva.

Tabelião — Luiz de Oliveira Leite. — A comarca era de 1ª entrância.

Juizes de paz — 1º — Quintiliano Antônio de Emerim; 2º — Laurindo Fernandes Indalcio; 3º — Martinho Pacheco de Freitas, e 4º — João de Souza Machado.

Escrivão — Genovêncio Pereira de Santa Helena.

Parte eclesiástica — Revmo. padre João Matos da Cunha, — o primeiro paroco de Araranguá.

Parte municipal — Ainda no ano de 1896 o governo do município era assim representado: Coronel João Fernandes de Souza, superintendente municipal; Orestes Galdino de Araujo, secretário; Manoel Fernandes da Costa, tesoureiro; Antônio José da Conceição, porteiro, e Luiz Alves de Souza, fiscal.

Conselho Municipal — João Américo do Nascimento Costa — presidente; Carlos Guilherme Gerhardt — Vice-presidente; João Alves da Silva — secretário; Manoel Francisco de Medeiros e Luiz Antônio da Cunha — membros.

Instrução pública — Chefe escolar — Quintiliano Antônio d'Emerim. Professora da sede — Verile de Bem Pereira. Do arraial de Cangicas — Ignácia Pereira da Conceição.

Parte policial — Comissário — Manoel Fernandes da Costa; 1º suplente — Pedro Fernandes de Sousa; 2º — Juvêncio T. de Santa Helena; 3º — Antônio Teodoro de Souza. Sub-comissário — Manoel Patrício Rios; 1º suplente — Manoel Carlos da Rosa; 2º — Manoel Crescêncio Cardoso e, 3º — Alvim Ignacio da Costa.

— A lei número 272, que elevou o distrito à Freguesia, independente da Laguna, tem o seguinte teor:

"Lei n. 272, de 4 de Maio de 1848.

ANTERO JOSÉ FERREIRA DE BRITTO, Presidente da Província de Santa Catharina.

FAÇO saber a todos os seus HABITANTES, que a As-

sembléia Legislativa Provincial, Decretou, e eu sancionei a Lei seguinte:

Artigo 1º — A Povoação do Araranguá fica desmembrada da Freguezia de Santo Antonio dos Anjos da Laguna, para formar uma Nova Freguezia sob a invocação de Nossa Senhora Mãe dos Homens, precedendo as licenças do ordinário.

Artigo 2º — Esta Freguezia terá por limites, ao Sul o Rio Mampituba, e ao Norte, o Urussanga; ficando o Presidente da Província autorizado a marcar os limites ao Oeste, feitas as necessárias explorações.

Artigo 3º — O mesmo Presidente, depois de obter as precisas informações, designará o lugar para o assento da respectiva Matriz.

Artigo 4º — O Parocho perceberá a mesma Congrua e Beneses que competem aos da Província.

Artigo 6º — Ficam revogadas as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as Autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram, e façam cumprir tão inteiramente como nela se contem. O Secretario desta Província a faça imprimir, publicar e correr.

Dada no Palacio do Governo da Província de Santa Catharina, aos quatro dias do mez de Maio de mil oitocentos e quarenta e oito, vigésimo sétimo da Independência e do Imperio. (Ass.) Antero José Ferreira de Britto.

Carta de Lei pela qual Vossa Excellencia Manda executar o Decreto da Assembléia Legislativa Provincial, que Houve por bem Sancionar, desmembrando a Povoação do Araranguá da Freguezia de Santo Antonio dos Anjos da Laguna, para formar uma Nova Freguezia sob a invocação de — Nossa Senhora Mãe dos Homens — como acima se declara. Para Vossa Excellencia Ver, José Caetano Cardoso a fez.

Publicada, sellada e registrada nesta Secretaria do Governo da Província de Santa Catharina, em cinco de Maio de mil oitocentos e quarenta e oito. (As.) Manoel da Costa Pereira..

Assim descritas como vieram fazer parte da Carta Geográfica do Estado de Santa Catharina, ocupando lugar de destaque, daquelas antigas freguezias, passaremos a dizer ainda, sobre a situação das mesmas, presentemente, e como concorrem, anualmente, para os cofres gerais da Nação.

Tijucas e Araranguá, esta servida do histórico e caudaloso rio que lhe dá o nome e onde já se travaram em 1893, dois pequenos combates entre as forças legais da "Divisão do Centro", sob o comando do general Arthur Oscar de A. Guimarães e as forças, a bordo do vapor *Iupemerim*, sob o comando do primeiro tenente Filinto Perry. O primeiro combate foi nas proximidades do Rio Negro, e depois no Morro dos Conventos. O rio é de uma profundidade admirável. Por ele saem os seus produtos em quantidade, como farinha, milho, feijão, assucar, banana, aguardente, produtos suínos, arroz, etc. Mas tudo dependendo da sua ingrata barra.

Tijucas faz também a mesma exportação, em grandes hiates, mas chora também pelo mesmo mal — a barra obstruida.

E ambos os municípios aguardam o desenvolvimento das vias-ferreas; ao norte da "Santa Catharina" e ao sul, da "D. Teresa Cristina". Não obstante, são atualmente duas cidades que crescem e florescem. São embelezadas pelos seus jardins e avenidas arborizadas.

A sociedade de ambas as cidades, mantem excellentes clubes de diversões.

E, para melhor se ajuizar do desenvolvimento dessas Freguesias, que festejarão condignamente os seus primeiros Centenários no dia Quatro de Maio próximo futuro, vamos apresentar os seguintes dados, que dizem da riqueza e condições financeiras, relativas ao exercício de 1947.

MUNICIPIO DE TIJUCAS

Para os seus cofres, a Prefeitura Municipal arrecadou a importância de Cr\$ 273.192,60; para o Estado, a Coletoria recolheu a importância de Cr\$ 745.737,20; para a União, a coletoria federal recolheu a de Cr\$ 898.600,30. A Agência Postal, a de Cr\$ 18.658,10 e a Estação Telegráfica, Cr\$ 21.866,20.

Totais: a favor da União — 939.124,60. Do Estado — 745.737,20 e do próprio município — 273.192,60.

MUNICIPIO DE ARARANGUÁ

Recolhida aos seus cofres, pela respectiva Prefeitura, Cr\$ 895.480,00; para o Estado, a sua Coletoria arrecadou a importância de Cr\$ 1.772.724,50; para a União, a coletoria federal recolheu a de Cr\$ 949.004,20; a Agência postal a de Cr\$ 33.914,10 e a Estação Telegráfica, a de Cr\$ 67.183,50.

(Continúa na penúltima página)

Carlos Hoepcke S. A.

Comércio e Indústria

Telegramas: "HOEPCKE"

* *

MATRIZ — Florianópolis — Santa Catarina.
FILIAIS — Blumenau — Santa Catarina.
Joaçaba — Santa Catarina.
Joinville — Santa Catarina.
São Fco. do Sul — Santa Catarina.
Lajes — Santa Catarina.
Laguna — Santa Catarina.
Tubarão — Santa Catarina.

ESCRITÓRIO EM CURITIBA — Paraná, Praça Gen-
eroso Marques, 138.

SÃO PAULO — São Paulo, rua 15 de Novembro, 200,
7º andar.

SANTOS — São Paulo, Praça da República, 33, 1º
andar.

SECÇÃO DE FERRAGENS

Ferragens em geral.
Materiais de construção.
Louças e tintas.
Comestíveis.

SECÇÃO DE FAZENDAS

Tecidos em geral.
Armarinhos — Tapeçarias
Panos para cortinas e estofamentos.

SECÇÃO DE DROGAS

Perfumarias.
Produtos químicos e farmacêuticos.

SECÇÃO DE MAQUINAS

Máquinas e motores para todos os fins.
Motores Diesel — Bicicletas — Motocicletas.
Rádios — Geladeiras — Enceradeiras.
Material para instalações elétricas e mecânicas.
Artigos elétricos — Ferramentas de precisão.
Secção especializada em artigos para presentes.

SECÇÃO AUTOSHELL

Automóveis e caminhões — Chevrolet — Oldsmobile
— Cadillac — Peças e acessórios "GM".
Produtos de petróleo da Anglo Mexican.
Pneus e produtos "Goodyear".
Officinas e Postos de Serviço nas principais cidades de
Santa Catarina.

SECÇÃO MARÍTIMA

Estaleiro Arataca — Vapores
Aparelhamentos completos para cargas e descargas
em Florianópolis e São Francisco do Sul.
Despachos marítimos em Florianópolis, São Francisco
do Sul, Laguna e Santos.

Fábricas de Gêlo e de Pontas 'Rita Maria'
FLORIANÓPOLIS

O Sentenciado

MARILÚ

Bate seis horas o sino da Capéla...
Triste, encostado aos ferros da janéla,
Velho prêso medita, em oração...
Cada dia, é uma negra eternidade,
Pr'a ôle, que espéra a vóz da liberdade,
Entre as grades de sórdida prisão!

Tudo mudou! A vóz está abafada!
Faces magras! Cabêlo enbranquecido!
O corpo, curvo, está envelhecido!
Seus ôlhos teem uma expressão cansada!...

Curva a cabeça, que éra moça e bêla,
E envelhecêra, alí, naquela céla!...

E, nest'hora sublime, nesta hora
Em que tudo é saudoso, o prêso chóra...

Tem o rosto de lágrimas banhado
E o olhar suave e entristecido...
— É a saudade de um filho muito amado!
— E' a lembrança de um filho mui querido...

De certo já cresceu, está mudado,
Como êle próprio, sem o notar, mudára...
Mas, no seu coração de pai, na sua lembrança,
O filho é ainda a mesma e eterna criança,
Que, muita vez, com beijos embalára...
Daría a liberdade e a existência
Só para vê-lo, e se a sua inocencia
Não se manchára com a prisão do pai!

E, entre soluços, pede a Deus que o valha:
— «Dá-me tua justiça, que não falha!
Pois a dos homens, julgo-a impotente!
Diante de ti, que és forte e onipotente!

Como ladrão fui prêso e fui punido!
Porém, muito mais ladra e mais injusta
E' uma justiça que, para ser justa,
Rouba de um filho o pai estremecido!»

O Caluniador

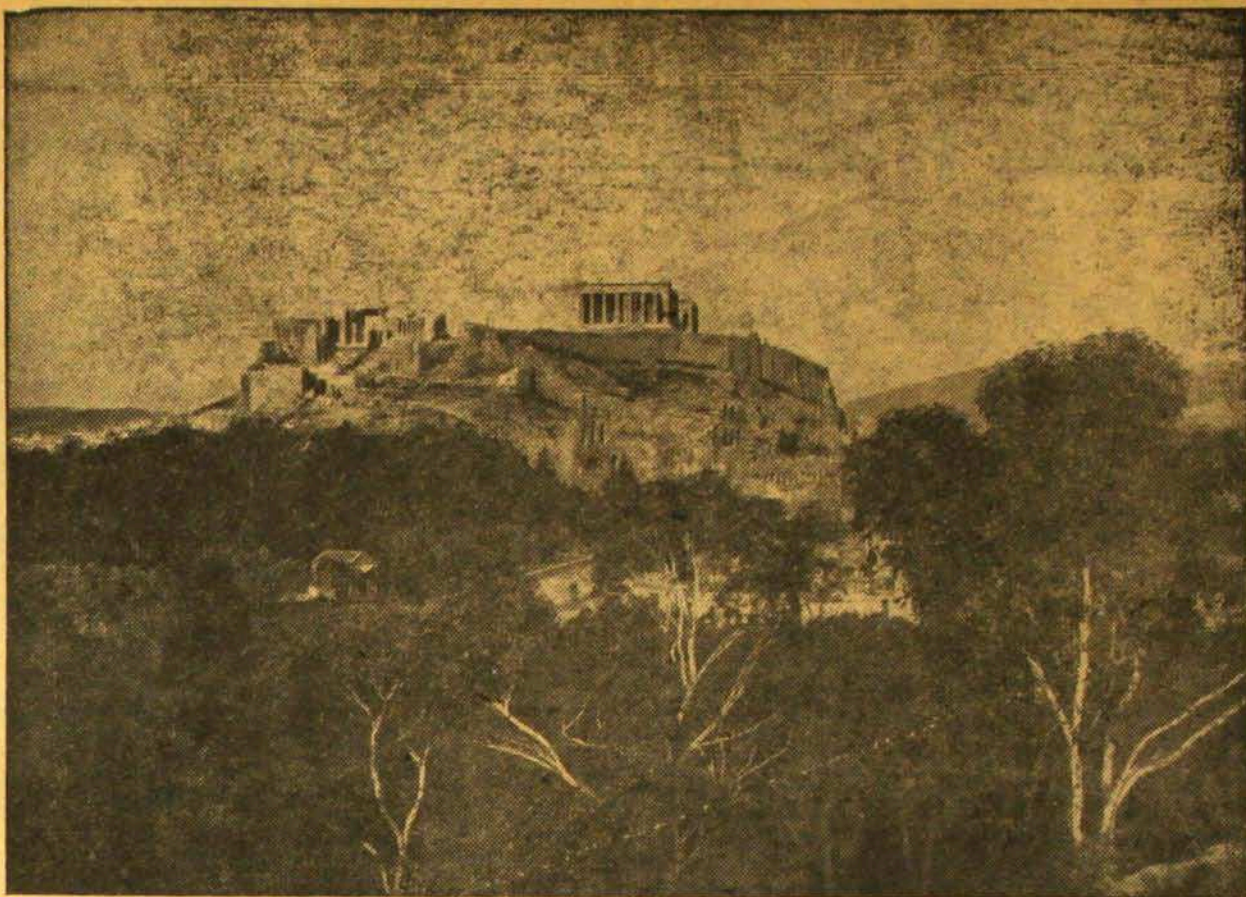
Espetro horrível de olhar ferrenho
Que macúla a alma inocente e pura:
Covarde homem por quem não há empenho,
Rasteja a terra em penitencia dura;

«E' mais odioso que o assassino»;
Já o disse alguém do caluniador.
Ele é abjeto em ser ferino...
Pois a vida rouba ao seu contendor;

A honra é ao mundo seu melhor tesouro
Mas a calúnia a rouba cruelmente,
E se não a mata deixa o desdouro...

Marcar a fronte desse ser deshumano:
A exemplo da Grécia antiga, ingente
E haverá paz na terra em manancial.

ALFREDO XAVIER VIEIRA



"Acrópolis" de Atenas

Macedonia - O Baluarte da Grécia

MONSENHOR JOÃO CHRYSSÁKIS

A Grécia Setentrional toda, e em particular a Macedônia, este antiquíssimo berço do Helenismo, suporta outra vez hoje, por fatal e indizível coincidência, o criminoso e furioso ataque dos barbaros contemporâneos Orientais e dos seus repugnantes sequazes balcânicos, que em vão se esforçam por nivelar e fazer desaparecer a Mãe da Liberdade, para virarem-se em ssguida, tranquilos, na realização do plano funesto da sua odiada slavocomunista cosmocracia. Assim, por mais uma vez, na multiseular historia Helênica, a martirizada Macedônia torna-se a heróica e indomável defensora da Independência e Integridade Helênicas, e ergue-se como coolssal muralha defensiva, contra a qual rompem e cáem por terra todas as invasões dos Hunos vermelhos e dos dignos (!) descendentes de Crumo e de Samuel.

Conhecem bem os visinhos limitrofes, que a nossa cara Macedônia é inteiramente o coração e o pulmão da Nação Grega, e é por isso que a atacam com tanta selvageria e ódio inexorável. Porém, o martirizado povo Macedonico, digno continuador das suas grandes e nobres tradições históricas, recusa a se submeter à força bruta, e sempre altivo e sincero, mais do que nunca, acha-se resoluto a defender, até o ultimo momento, o seu eterno carater Grego e os seus preciosos lares.

Podem queimar, incendiar e devastar!... Podem matar e pilhar, sinistros hefialtas!... Mas nunca conseguirão torcer o inflexível sentimento

Macedonico e a sua vontade ferrea, agora que se defende poderosamente para salvar o que constitue o mais sagrado e sublime da Raça Helênica, a Liberdade Grega!... Das profundezas dos seculos ressoa e ouve-se distintamente o grito estentóreo dos imortais Macedônios, que anima e conduz os guerreiros de hoje: «*Não, não passarão!*»

Neste momento todos os Gregos dirigem os seus olhares angustiosos, porém com os seus pensamentos orgulhosos para o Norte, onde se desenrola atualmente o mais decisivo e o mais épico choque da História Helênica. Sentem perfeitamente todos os Gregos, não só a grandeza da luta homérica, que ora se trava, mas também os pesados sacrificios dos seus irmãos Macedônios, e com eles sofrem e se compadecem.

Consideramos ademais profundamente, o drama inaudito do hinterland Macedonico. Cada aldeia se transforma em glorioso Altar de holocausto pela Grécia e cada pedra Macedônica se converte em pira da Sua Liberdade. Em verdade! Quantos nobres esforços, quantas lagrimas ardentes, quantas batalhas imponentes e quantos rios de sangue não se juntam para simbolisar, com a palavra sagrada que comove toda a alma Helênica, sempre leal e pura: «*MACEDONIA!*»

Sempre primeira nas lutas e no martirio!... Sempre primeira, também na Honra e na Glória!...

Florianópolis — Março de 1948.

A CRUZ E SOUZA, no 50º aniversário de

Supremo Verbo

VAI, PEREGRINO DO CAMINHO SANTO,
FAZ DA TU'ALMA LÂMPADA DO CEGO,
ILUMINANDO, PEGO SOBRE PEGO,
AS INVISÍVEIS AMPLIDÕES DO PRANTO.

EI-LO, DO AMOR O CALICE SACROSSANTO !
BEBE-O, FELIZ, NAS TUAS MÃOS O ENTREGO...
EIS O FILHO LEAL, QUE EU NÃO RENEGO,
QUE DEFENDO NAS DOBRAS DO MEU MANTO.

— ASSIM AO POETA A NATUREZA FALA !
EM QUANTO ELE ESTREMECE AO ESCUTÁ-LA,
TRANSFIGURADO DE EMOÇÃO, SORRINDO...

SORRINDO A CÉUS QUE VÃO SE DESVENDANDO,
A MUNDOS QUE SE VÃO MULTIPLICANDO,
A PORTAS DE OURO QUE SE VÃO ABRINDO !



Caminho da Gloria

ESTE CAMINHO É COR DE ROSA E É DE OURO,
ESTRANHOS ROSEIRAIS N'ELE FLORESCEM,
FOLHAS AUGUSTAS, NOBRES REVERDECEM
DE ACANTO, MIRTO E SEMPITERNO LOURO.

N'ESTE CAMINHO ENCONTRA-SE O TESOURO
PELO QUAL TANTAS ALMAS ESTREMECEM;
É POR AQUI QUE TANTAS ALMAS DESCEM
AO DIVINO E FREMENTE SORVEDOURO.

É POR AQUI QUE PASSAM MEDITANDO,
QUE CRUZAM, DESCEM, TRÊMULOS, SÔNHANDO,
N'ESTE CELESTE, LIMPIDO CAMINHO

OS SÉRES VIRGINAIS QUE VÊM DA TERRA,
ENSANGUENTADOS DA TREMENDA GUERRA,
EMBEBEDADOS DO SINISTRO VINHO.

CRUZ E SOUZA

Dirse-ia que o escravo, latente em Cruz e Souza, transfizera a chibata do cativo de seus pais, e avós, na batuta magistral com que marcava o ritmo ululante das suas dôres irrepresas. Certos adjetivos impróprios, as mancas regências, os duros pleonasmos, e as interjeições, e as pragas, e os uivos, sugerem-nos o fantasioso juízo temerário de que o Poeta Negro lavrara os seus versos apanhando hereditariamente as vergastadas de um feitor... Apanhando do Destino, esse brutal capataz de almas eleitas. Apanhando do Preconceito Social, esse feroz carcereiro dos caracteres independentes... Cremos que Cruz errou na sua língua bárbara, porque chorava e, chorando, soluçando, foi que estropiou sinceramente a frase portuguesa. Os decassilabos de seus sonetos, entre os quais ele incluiu um "é quem ficou para sempre esquecido"; o ingênuo qualificativo daqueles "marfins ebúrneos"; o inadequado dizer daqueles "vícios mais singelos", — marcam, todos, não o seu despreparo, mas o estertor verbal de um pensamento de mártir, regougando como pudesse, associando o gemido à palavra ideativa, consorciando, num conúbio trágico, a dor moral e a expressão literária.

Barreiros Filho

Cruz e Souza foi um grande destino que a morte interrompeu.

Tendo vindo ao mundo para revelar aos homens, na radiância da forma, os segredos de beleza que um deus sem nome escondera na flama do verso e nos liames da prosa — foi acorrentado, como Prometeu, no cimo de um grande monte e teve, roendo-lhe incessantemente o coração, o bico adunco de um preconceito racial ridículo e inútil.

Não o desacorrentou a força e o beijo das oceânides; mas, em compensação, alçou-se à imortalidade nas asas da glória, libertado das misérias do mundo e do insulto iconoclasta dos homens.

Othom d'Eça



seu falecimento

Triunfo Supremo

QUEM ANDA PELAS LÁGRIMAS PERDIDO,
SONAMBULO DOS TRÁGICOS FLAGELLOS,
É QUEM DEIXOU PARA SEMPRE ESQUECIDO
O MUNDO E OS FÚTEIS OUROPEIS MAIS BELOS !

É QUEM DEIXOU PARA SEMPRE ESQUECIDO
EXPURGADO DOS VICIOS MAIS SINGELOS
E DISSE A TUDO O ADEUS INDEFINIDO
E DESPRENDEU-SE DOS CARNAIS ANELOS !

É QUEM ENTROU POR TODAS AS BATALHAS
AS MÃOS E OS PÉS E O FLANCO ENSANGUENTANDO,
AMORTALHADO EM TODAS AS MORTALHAS.

QUEM FLORESTAS E MARES FOI RASGANDO
E ENTRE RAIOS, PEDRADAS E METRALHAS,
FICOU GEMENDO, MAS FICOU SONHANDO !

Vida Obscura

NINGUEM SENTIU O TEU ESPASMO OBSCURO,
Ó SER HUMILDE ENTRE OS HUMILDES SÉRES,
EMBRIAGADO, TONTO DOS PRAZERES,
O MUNDO PARA TI FOI NEGRO E DURO.

ATRAVESSASTE NO SILÊNCIO ESCURO
A VIDA PRESA A TRÁGICOS DEVERES
E CHEGASTE AO SABER DE ALTOS SABERES
TORNANDO-TE MAIS SIMPLES E MAIS PURO.

NINGUEM TE VIU O SENTIMENTO INQUIETO,
MAGOADO, OCULTO E ATERRADOR, SECRETO,
QUE O CORAÇÃO TE APUNHALOU NO MUNDO.

MAS EU QUE SEMPRE TE SEGUI OS PASSOS
SEI QUE CRUZ INFERNAL PRENDEU-TE OS BRAÇOS
E O TEU SUSPIRO COMO FOI PROFUNDO !

CRUZ E SOUZA

Em Cruz e Souza, o poeta foi o homem; a poesia, — a alma. Dissociar do artista a pessoa humana seria correr o risco de não compreender bem o gênio em toda a incisão de sua obra. Há, nos versos do Catarinense genial, um mundo de dolorosas compensações subjetivas ao desajustamento do negro talentoso numa sociedade geralmente prosaica e convencionalista. Por vezes, dir-se-ia, faíscas de esperança lhe abriam sulcos rútilos de clemência no espírito amargurado:

"O coração de todo ser humano
Foi concebido para ter piedade..."

Eram relâmpagos que lhe não espancariam, todavia, as sombras da alma, a cuja sensibilidade cariciosa se recolhêra o artista, como a buscar evasão a contundentes preconceitos à cerca de uma suposta inferioridade étnica. A sua concepção do mundo é, então, a de um revoltado:

"Ó Mundo, que és o exílio dos exílios,
Um monturo de fezes putrefacto..."

O poeta, que logrou ser novo e original sem desafiar o ridículo, superava, assim, pela sua arte genial, a sociedade de seu tempo, — numa vitoriosa afirmação de superioridade do Espírito, que é a perpetuação do vate, através dos tempos.

GUSTAVO NEVES

Atualidades

Publicação mensal
Redação e Oficinas: Av. Mauro
Ramos 301 — Florianópolis
S. Catarina — Brasil

Propriedade — Direção — Redação e Gerência:
E. I. KUEHNE

—O—

Assinaturas:

Anual Cr\$ 18,00
Número avulso Cr\$ 1,50

—

Anúncios de acordo com a
tabela de preços

—O—

"ATUALIDADES" acolherá de boa vontade todos os originais, não se responsabilizando, porém, pelos conceitos emitidos em artigos etc. assinados.

Os originais — mesmo os não publicados — ficarão em poder da Redação.

.....

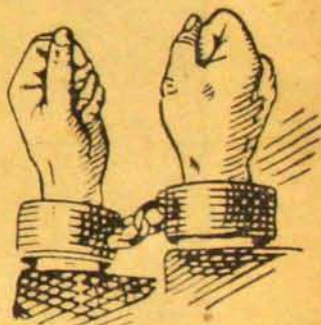
A venda avulsa de "Atualidades"

é feita pela Agência Progresso,

Praça 15.

.....

As algemas



da IGNORÂNCIA
podem ser destruídas
A leitura da Sabedoria

Desejando livros
sobre
qualquer assunto
peça-os a

LIVRARIA ROSA

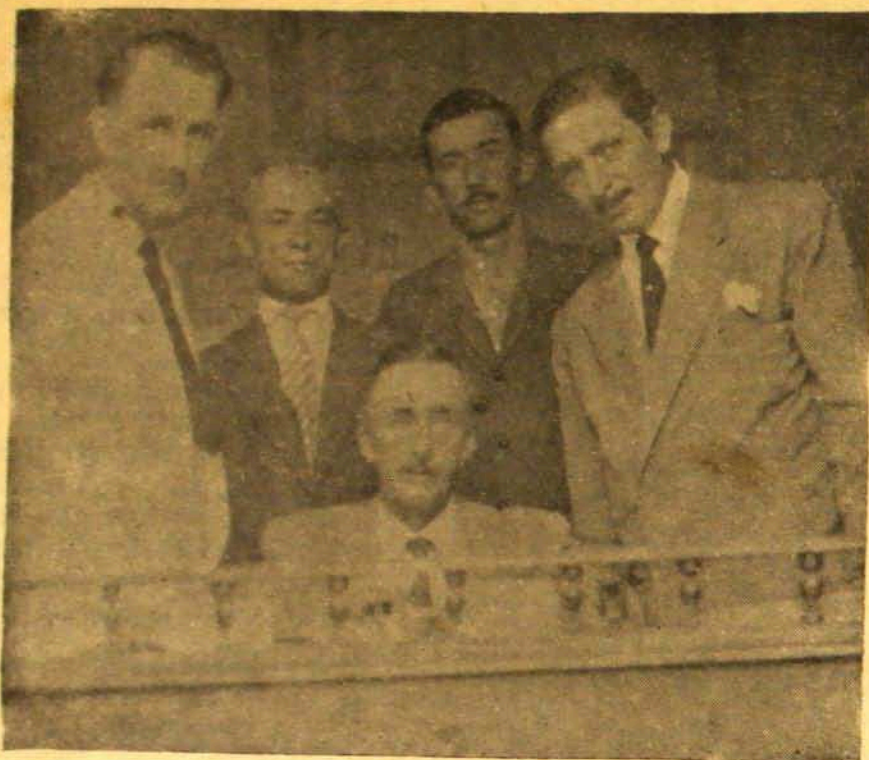
Rua Deodoro, 33

FLORIANÓPOLIS

Atende pelo Serviço
de Reembolso Postal.

EMPRESA CONSTRUTORA UNIVERSAL

(A maior Organização predial do Brasil)

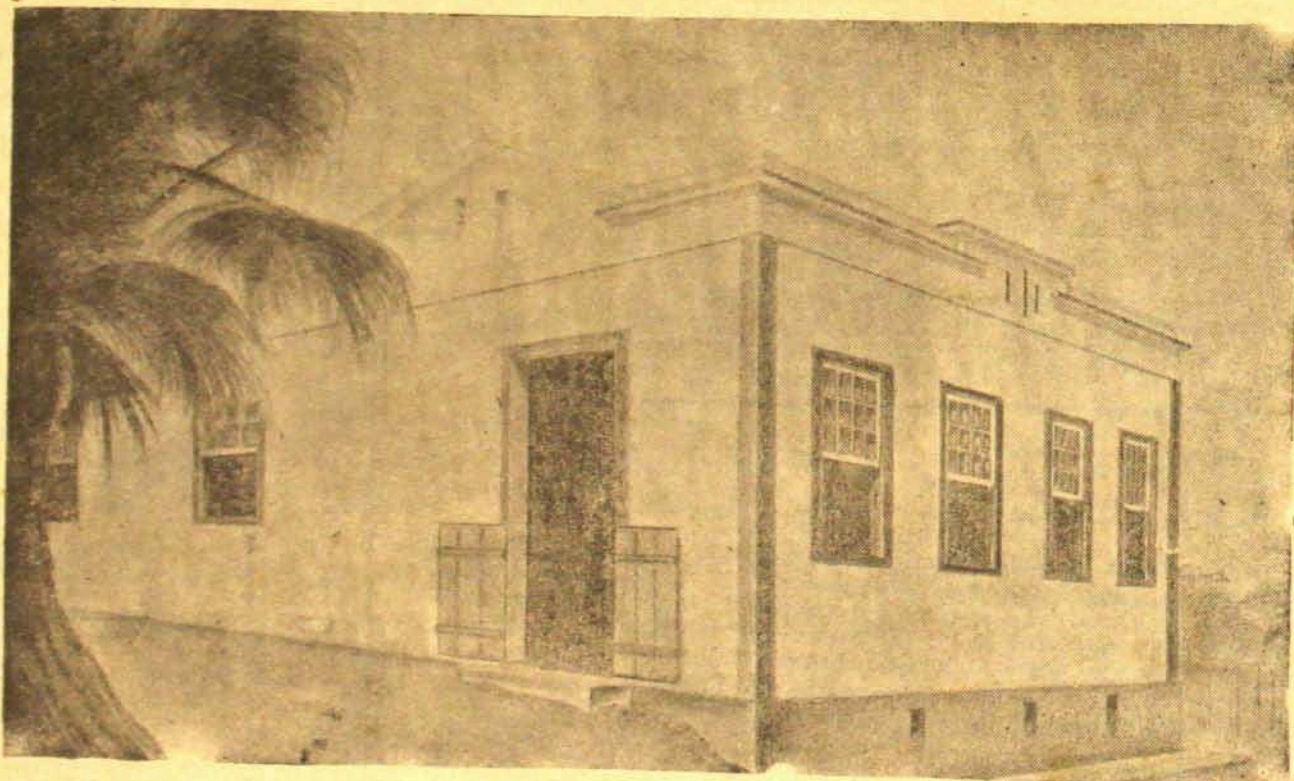


Continua distribuindo mensalmente CASAS aos seus associados.

Faça a insignificante ECONOMIA de TRINTA CENTAVOS (Cr\$ 0,30) diariamente e... V. S. poderá possuir o seu LAR PROPRIO.

Basta apenas, subscrever um título do NOVO PLANO ALAGOAS garantido pelo Decreto-lei n. 7.930.

Fotografia tirada por ocasião da entrega do premio abaixo.



O proprietário desta confortavel residência é o sr. dr. JOSE' CANDIDO DE BORBA-(Caló), domiciliado à Rua Deodoro n. 16, nesta Capital, contemplado no Sorteio de julho último.

Informações: no Escritório Central—Rua Felipe Schmidt (Edificio Amelia Neto)—Florianópolis e nas principais praças do Estado, com os respectivos AGENTES.

Ari de Castro



Deixou há poucas semanas o cargo de Secretário da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Santa Catarina o sr. Ari de Castro, Secretário do Departamento de Saúde Pública do Estado.

Membro de uma das mais ilustres e tradicionais famílias serranas, Ari de Castro — filho de Candido de Castro e sobrinho do saudoso beletrista e grande tribuno, Tiago de Castro — é personalidade que se destaca, entre as da nova geração.

Inteligente, culto e fino, e, por outro lado, senhor de ótimas qualidades morais, impõe-se, desde logo, onde quer que exerça sua atividade. Prova-o a instalação mesma da Faculdade de Farmácia e Odontologia. Ele coadjuvava admiravelmente os drs. Agripa de Faria e Benoni Laurindo Ribas, concretizadores da idéia. Fez uma viagem ao Rio de Janeiro; e graças aos esforços que despendeu, as diligências preliminares junto ao Ministério da Educação tiveram mais rápido andamento.

Ari de Castro deixou a secretaria da nova escola superior, temporariamente, já se vê. Mas é possível que, dentro em breve, cessados os motivos imperiosos que o obrigaram a afastar-se, a ela volte, — com a mesma proficiência, dedicação e atividade de antes, traços predominantes de seu caráter.

A venda avulsa de "Atualidades" é feita pela Agência Progresso, Praça 15.

O 50º aniversário da morte de CRUZ E ZOUZA

O cinquentenário do falecimento do prosador e poeta João da Cruz e Sousa, glorioso filho de Santa Catarina, ocorrido a 19 do corrente, foi solenemente comemorado não somente em a nossa Capital, — cidade natal do saudoso vate — como na Capital da República e outras cidades do País.

Coube ao nosso conceituado Instituto Histórico e Geográfico, a patriótica iniciativa de promover a comemoração de acontecimento tão signcativo da efeméride nacional, pois a obra de Cruz e Sousa representa um dos mais brilhantes capítulos da história de nossa literatura.

A iniciativa de nosso Instituto Histórico, associaram-se a Cidade de Florianópolis, por intermédio do seu ilustre e digno Prefeito, o qual mandou colocar no pedestal do monumento de Cruz e Sousa, à Praça Benjamim Constante, riquíssima palma de flôres naturais; a Academia catarinense de Letras, que fez inserir nas colunas do jornal "O Estado", apreciada colaboração dos seus ilustres membros; e ainda as brilhantes associações literárias: Clube de Cooperação Cultural e Círculo de Arte Moderna.

As 20 horas, presentes no salão nobre do Instituto Histórico, à rua Tenente Silveira, o sr. Desembargador Henrique Fontes, incansável e digno Presidente do Instituto, capitão Rui Stokler de Sousa, representante do sr. Dr. Governador do Estado, membros do Instituto e outras associações culturais, e elementos de todas as classes sociais, inclusive exmas senhoras e senhoritas de nossa melhor sociedade, realizou-se uma sessão homenageadora da memória do saudoso espírito de EVOCAÇÕES, tendo o sr. Desembargador Presidente pronunciado, ao abrir a sessão, as seguintes, aplaudidas e conceituadas palavras:

Meus Senhores,

Cruz e Sousa sempre muito mereceu do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Por José Boiteux, seu fundador, teve o Instituto parte precípua na ereção da herma do poeta, sendo a pedra fundamental lançada exatamente há vinte e cinco anos.

Festejou-lhe o Instituto o octogéssimo aniversário de nascimento, realizando, a 24 de novembro de 1941, comemorações que, sobre haverem sido brilhantes pela contribuição oratória que lhe deram os saudosos sócios Gil Costa e Carlos Corrêa, tiveram a vantagem de fixar, indubitavelmente, o evento no ano de 1861. Tiveram, principalmente, o mérito soberano de conseguir e divulgar um estudo do eminente sociólogo e exegeta literário professor Roger Bastide, da Universidade de São Paulo, que abriu inesperados rumos para a apreciação da obra de Cruz e Sousa.

Nesse estudo — O LUGAR DE CRUZ E SOUSA NO MOVIMENTO SIMBOLISTA, são examinadas, sob nova luz, as raízes e a marcha do simbolismo, e é o simbolista brasileiro perscrutado sem preocupações nacionalistas, mas cientificamente e em comparação com pontífices estrangeiros da escola; conclui o mestre francês por classificar o poeta brasileiro como uma das três maiores figuras do simbolismo, fulgindo em constelação com o francês Mallarmé e o alemão Stefan George.

Em 1943, a 24 e 25 de novembro, novas e solenes homenagens tributou o Instituto ao vate conterrâneo, nelas oficiando Tasso da Silveira, poeta e mestre de literatura, com magnífico ensaio, que se desdobrou em duas conferências, e em que, já à luz da interpretação do professor Bastide, é exposto o conteúdo espiritual da poesia cruzessoussiana, a qual, segundo o conferencista, veio a tornar-se essencialmente cristã.

No dia em que se completa o cinquentenário da morte do angustiado poeta, mais uma vez congrega o Instituto admiradores para nova comemoração. Desta feita, porém, excetuadas as palavras singelas do Presidente e os versos comovidos do consócio Ildefonso Juvenal, que representam o Instituto e a sua invariável devoção ao altíssimo cantor, serão os da nova geração literária, serão os componentes de duas associações trabalhadoras e pugnazes — o Clube de Cooperação Cultural e o Círculo de Arte Moderna, — que sobre ele hão de falar.

— Far-lhe-ão restrições arrasadoras?

— Não sei. Aderiram à comemoração e eu confiei no entusiasmo, na sensibilidade estética, na sinceridade e no critério dos meus jovens confrades, com os quais não assumo atitudes de patriarca nem ares de mentor, mas de simples companheiro de trabalho social, em que não se preinde da experiência dos velhos nem da ponderação dos homens

Polícia Militar

Solicitou e obteve sua inclusão na reserva, o ilustrado conterrâneo coronel Cantídio Regis, Comandante Geral da Polícia Militar.

Por decreto estadual recente, foi promovido ao posto de Coronel e Comandante Geral da Polícia Militar o Tenente-Coronel João Alves Marinho.

Foi promovido ao posto de Tenente-Coronel da Polícia Militar o Major Lara Ribas, antigo delegado da Ordem Política e Social.

«Atualidades» cumprimenta os distintos militares, enviando-lhes votos de felicidades.

Falecimentos

ALFREDO GOMES

Em sua residência, em Coqueiros, a 7 de março, faleceu o sr. Alfredo Gomes de Oliveira, funcionário federal aposentado, irmão do dr. Carlos Gomes de Oliveira, Diretor do Departamento das Municipalidades e figura de relêvo no cenário intelectual catarinense.

A notícia causou profundo pesar, não só em Florianópolis, onde o extinto contava com vasto círculo de amizades, mas também em Joinville, seu torrão natal.

A família enlutada «Atualidades» envia pêsames.

ATANAGILDO NEVES

Após longa e pertinaz enfermidade faleceu, também a 7 de março, o sr. Atanagildo Neves, progenitor do nosso colaborador, jornalista Gustavo Neves, Secretário do Instituto Histórico e da Academia Catarinense de Letras.

O extinto, que era membro da diretoria da Liga Operária, e possuía invulgares qualidades de espírito e de coração, teve a acompanhar-lhe os despojos até a necrópole onde foi sepultado, uma verdadeira legião de amigos e admiradores.

Ao jornalista Gustavo Neves a família enlutada as condolências de «Atualidades».

maduros nem do ardor e do espírito de novidade dos moços.

Ouçamos, pois, os moços, atentamente, atenciosamente. Precisamos conhecer o seu juízo sobre Cruz e Sousa.

Pego, entretanto, licença para dizer aos homens de todas as idades que não acredito em potencialidades miraculosas de escolas literárias. As novas podem ser fecundas — e, em geral, o são — pela crítica com que fulminam rotinas embaraçantes, pelo cabedal de excelências que colhem das anteriores e pela genialidade de seus cardiais, que se tornam novos modelos; mas, muitas vezes, tornam-se esterilizadoras pela adoção de novos ídolos e de novas rotinas; mas há também as que podem tornar-se dissolventes, pelo desprezo sistemático de tudo quanto é do pretérito, sem consideração aos tesouros de beleza imarcescível que se encontram nas obras de todos os tempos. As escolas devem estar sempre abertas para a vida; devem ser umas como bases para início e orientação de voos; não devem assemelhar-se a trilhos de vias férreas, e, menos ainda, a bombas atômicas para dismantelar todo o passado.

Nem são as escolas que fazem os artistas supremos. Estes o são independentemente delas e apesar delas. As águias não se engaiolam.

Cruz e Sousa, fôsse qual fôsse a escola em que se filiasse, seria sempre artista supremo; seria, com o gênio que Deus lhe deu, o estranho «cavador do trágico Infinito», que

«Alto levanta a lâmpada do Sonho,
E com seu vulto pálido e tristonho
Cava o abismo das eternas ânsias».

Usaram da palavra pela ordem do programa: doutorando José Tito da Silva, do Clube de Cooperação Cultural, que leu belo e aplaudido discurso; Salim Miguel, do Círculo de Arte Moderna, cuja alocução sobre o «O atualismo de Cruz e Sousa», causou magnífica impressão pelos conceitos inteligentemente expendidos, excelente trabalho que teve a coadjuvação do sr. Dr. Anibal Nuns Pires, o qual declamou o soneto «Vida Obscura», de Cruz e Sousa; Roberval Silva, do C. C. C., e senhorinha Sueli Gouveia, do C. A. M., os quais recitaram com brilhantismo, respectivamente: «Canção Negra», e «Vespéral» belos versos do poeta dos «Broquéis» e do «Missal», sendo calorosamente aplaudidos; Ody Fraga e Silva, do C. A. M., que em belo improviso, discorreu sobre «Cruz e Sousa e a Arte Moderna»; ainda Roberto Silva, que declamou lindo soneto intitulado «Revoada Gloriosa», da lavra do festejado poeta Dr. Antenor Moraes, escrito especialmente para aquela comemoração; doutorando José Medeiros Vieira, Presidente do C. C. C., que discorreu brilhantemente sobre a obra poética de Cruz e Sousa, entremeando o seu estudo com algumas das suas melhores poesias, como o «Velho vento vagabundo», em cujos versos, — julga o talentoso acadêmico — Cruz e Sousa simbolizou o vento sul que sopra, por vezes, impietosamente, inquietando a nossa Florianópolis. O excelente trabalho de José Medeiros Vieira, o qual soube muito bem expressá-lo, muito agradou, — conquistando o orador francos e calorosos aplausos.

Achando-se presente àquela sessão o festejado escritor e poeta Dom Júlio N. Herrêra, digno Consul do Uruguai, sincero apreciador da obra de Cruz e Sousa e estudioso de nossa literatura, lhe foi pelo sr. Desembargador Presidente concedida a palavra, tendo ss. produzido breve apologia à cultura brasileira, salientando a obra de Cruz e Sousa cuja memória prestou significativa homenagem, declamando o seguinte soneto, escrito especialmente para aquela solenidade:

HOMENAGE

AL VATE INMORTAL CRUZ E SOUSA

Si para perpetuar de un genio la memoria,
En bronce o en granito, la humanidad levanta
Su estatua y en el libro sagrado de la historia,
Sus hechos y su nombre, en letras de oro implanta.

Tú, que te has perpetuado como una gloria santa,
No careces de estatua que recuerde esa gloria,
Pues tú «Diamante negro» con un fulgor que encanta
Vivirán en tus versos, tu nombre y tu memoria.

Porque ellos son, sin duda, la estatua indestructible
Que simboliza um genio del Arte imperecible,
— Orgullo de una Patria que ese nombre atesora.

Y así que en homenaje, con un fervor de esteta,
Mi humilde musa exalta tu genio de Poeta
Y, de hinojos, mi alma tu nombre rememora.

Por último, encerrando o programa, declamou o sr. Farmaceutico Ildefonso Juvenal, membro do Instituto, um poema de sua autoria,

consagrado á memoria de Cruz e Sousa, cujos versos bem inspirados e ditos com muito entusiasmo, impressionaram vivamente a assistência, que não lhe regateou francos e merecidos aplausos.

As comemorações de Cruz e Sousa em a nossa Capital, tiveram repercussão em todo o país. Por varias vezes, estações de radio da Capital da República, inclusive a "Hora Nacional", e de outras Cidades, referiram-se ás mesmas, aplaudindo a iniciativa do nosso Instituto Histórico.

O sr. desembargador Presidente recebeu a respeito, diversas manifestações de aplausos e solidariedade.

Da Capital da República, onde se encontra, enviou o sr. dr. Afonso Costa, eminente cultor dos belas letras, e ex-Presidente da Federação das Academias de Letras, expressivo telegrama, aplaudindo a iniciativa e associando-se ás homenagens.

O Centro Cultural "Antônio Guimarães Cabral", de Laguna, também endereçou ao sr. desembargador Presidente do Instituto, honroso telegrama, hipotecando inteira solidariedade ás homenagens prestadas á memoria de Cruz e Sousa.

Dámos em seguida, o soneto de autoria do sr. dr. Antenor Moraes:

REVOADA GLORIOSA

EM HOMENAGEM A MEMORIA DE CRUZ E SOUSA

Canlar, é despertar os pensamentos
E faze-los voar quais passarinhos:
— Uns, vão viver de agruras e tormentos
E outros vão gosar a paz dos ninhos.

Outros ainda, partem contra os ventos
E conseguem vencer males daninhos,
Mas vão deixando ás margens dos caminhos
Os farrapos de dôr dos seus lamentos.

Desses bandos, no entanto, alguns perecem
Não suportando as rudes caminhadas,
Porque chegar á méta não merecem.

Porém os versos teus — sonóros trinos —
Proseguem vencedores nas jornadas,
Sem perder, um sequer, os seus destinos.

DESTROÇOS

João Frainer

Avança o jovem, cubiçosos olhos
Pelo infinito espaço das quimeras...
Vive-as gozando as doces primaveras
e em seu caminho não conhece escolhos.

Lindos sonhos de amor ridente acolhe-os
e tem ideais, aspirações sinceras.
Há de os ter como as siderais esferas,
de glória os seus aurifulgentes sólios.

Mas a jornada é longa. A viagem cansa...
Os sonhos findam... Morre-lhe a esperança
e o desengano lhe provoca o pranto...

De quanto cubicára apenas resta
em cada mão, a sombra de uma festa,
pedaços de ilusão em cada canto!...
Florianópolis, março de 1948.

Dr. Rafael G. Cruz Lima
— E —
Dr. Carlos Loureiro da Luz
ADVOCADOS

Escritório: Rua João Pinto n. 18

— Organização Comercial Catarinense —

(39-p)

NOSSA CAPA

Ilustra a capa da presente edição, o monumento ao Consul Renaux que, brevemente, será colocado numa das praças de Brusque.

E' um trabalho notável dos escultores Zacco Paraná e Malinverni Filho.

Cel. João Pinho

Na capital de Republica, ao lado da estremosa esposa, filho, parentes e amigos, o Coronel João Guimarães Pinho comemorou, no dia 20 do mês de março, o seu 86º aniversário natalício. O Estado de Santa Catarina deve-lhe assinalados serviços, pois o Coronel João Guimarães Pinho foi, durante muitos anos, Chefe Político da zona Sul, Presidente da Assembléia Estadual e, interinamente, por três vezes, assumiu o governo do Estado. Também muito popular é o seu nome na imprensa barriga-verde, onde vem escrevendo, desde há muito, para o jornal lagunense «O Albor», sob o pseudônimo de Artur Machado, as famosas «Cartas do Rio».

«Atualidades» ao registrar tão grata efeméride não só cumprimenta o Coronel João Guimarães Pinho, como pede a Deus pela sua saúde.

Bruno Hildebrand

Fez anos a 16 deste mês o sr. Bruno Hildebrand, Diretor do Expediente e Pessoal da Prefeitura Municipal de Blumenau e procer prestigioso do P. S. D. naquele município.

O aniversariante, que é dotado de fina educação e alto grau de inteligência, cultura e dinamismo, e grandemente estimado em todo o vale do Itajaí, foi, certamente, alvo de manifestações de apreço por parte dos que o conhecem e estimam.

Se ricos quereis ficar
De modo facil e legal,
Fazei hoje uma inserção,
no CRÉDITO MUTUO PREDIAL

Revelações

ARNALDO S. THIAGO

Apaga-se, no céu, a derradeira estrêla.
Foge, no extremo azul, uma nuvem desfeita.
Alarga-se a amplidão. O olhar do sol espregueita
De uns nimbus através... Que luz ardente aquela!

Abre se, enfim, de todo, a colossal umbela.
O canto auroreal dos pássaros enfeita
A paisagem do céu de beleza perfeita.
Uma santa alegria invade-nos ao vê-la.

Luz, muita luz do céu podemos ver na Terra;
Tôda a gama de luz que o lindo sol encerra:
E' preciso, porém, amar a Natureza.

Deus também se revela ao homem que O procura,
— Desde que O saiba amar e a tôda criatura —
Com o imenso esplendor da Divina Beleza.

No Necroterio

(Upanishads e Nirvanismo)

Uma defunta em um esquife aberto.
Velas chorando, em cuja luz havia
Desolação de morte, ou de deserto,
Que me mudou o alento em agonia;

Na qual, me pareceu volver a certo
Estado antigo que me pertencia...
Como que de um sonho, logo desperto;
E às velas em pranto, algo em mim, dizia:

Ocultam, vossas lagrimas, delirio
De alma que sofre e cuja dôr comporta
O que é desventura, ou então, martirio!

Sabei, — se é que isto vos conforta, —
Como vós já fui no infinito um cirio,
Assim velando a humanidade morta.

ARTUR GALETTI

FPOLIS. 1913.

Torrefação e moagem de café

“MIMI”

Fabricante: I. C. Pires

Rua Cel. Pedro Demoro, 1352

ESTREITO

FLORIANÓPOLIS — S CATARINA

Tome Café “MIMI”

Exija-o de seu fornecedor

Sala vazia

Para o distinto amigo Zedar P. da Silva

Festas, folguedos, risos, alegria...
E os musicais acordes ritimando
As dansas; lindos pares vão bailando
Ao crepitar da sua fantasia...

E quando o alvorecer de um novo dia
Já se aproxima, tudo vai findando
E todos vão a sala abandonando
Numa saudade quasi nostalgia...

Meu coração — sala festiva ha pouco —
Tambem freuiu num devaneio louco
Sem saber que minh'alma envelhecia.

Assim, foram-se os sonhos de esperança
E a desventura — dolorida lança —
Me fêre o coração — sala vazia!

S. VIEIRA

Cristo no Golgota

Deus agonisa em seu penar imenso,
Envolvendo o orbe com olhar divino,
E para justos surge outro destino:
Aberta a terra por abalo intenso!...

Palavras imortaes do lenho infenso,
Bendito pelo sangue purpurino;
Palavras de perdão, do amor mais fino
Brada e expira entre terra e ceus suspenso!

No Calvário findou o cruciante drama;
Findou-se a via sacra, toda amor,
Que os homens todos comovendo clama!...

Dando-lhe o mundo dura soledade,
Ficou a Virgem Santa, toda a dor,
Mas está salva ó ceus, a humanidade.

ALFREDO XAVIER VIEIRA

Fabrica de Artefatos de Cimento

Rua Mato Grosso
BLUMENAU

Telefone 1248
Caixa Postal, 121



GRESSER & CIA.

LADRILHOS
HIDRAULICOS

Cores firmes
Desenhos modernos
Resistentes - Duraveis

LADRILH. ESPECIAIS
«Granitoid»
para fabricas e oficinas

DEGRAUS e
LADRILHÕES

VIBRALITE CERAMITE

para todos os fins

TUBOS DE CIMENTO

com e sem armação

POSTES, PIAS,
TANQUES

Conheceram-se pelo Eter

Manuel B. Corrêa

Ah, meu caro, em tórno da vida dêste amigo que acabo de apresentar-te, há um drama invulgar. Muitos, creem que a vista reflete a alma da pessoa, mas, nem sempre tal afirmação psicológica confirma o que os órgãos visuais aparentam. Como celibatário, poderíamos tomá-lo por egoísta de sua personalidade, e, mesmo platônico pelo modo com que encara a sublime e extranha força, sintetizada na palavra amor. Mas, no seu caso temos o inverso, vejamos:

Um belo dia êste meu culto amigo, apaixonando-se pela eletricidade resolveu estudar todos os seus fenômenos e explorar o vasto campo da complexa ciência que tantos benefícios trouxe à humanidade. Depois o rádio lhe fascinou, passando a estudá-lo na sua dupla forma, a de receber e transmitir, tornando-se dêste modo um perfeito rádio-amador. Instalou um moderno aparelho de rádio no seu próprio gabinete de estudos. Ao lado do aparelho e do emaranhado de fios que o fazia vibrar numa comoção alegre, se achava a sua pequena biblioteca, a qual se compunha de obras selecionadas. Pelas suas lombadas, percebia-se a familiaridade que havia entre êle e aqueles que honraram a literatura universal. Iniciando uma série de comunicações por intermédio do rádio, aumentou, assim, o número de suas amizades, pois o rádio, além de prestar inestimáveis benefícios a todos, aproxima as pessoas. Para ampliação dos seus conhecimentos, e, para satisfazer aos imperativos da sociedade, filiou-se à associação de rádio-amadores, e, assim transformou seu gabinete num templo, pois, religiosamente, pela manhã e à noite lá se encontrava êle recebendo e transmitindo suas mensagens e cumprimentos de cordialidade com seus distantes colegas.

Numa noite calma como as noites outonais, pois mesmo que éolo surgisse inesperadamente não per-

turbaria a harmonia reinante, embevecido pelas maravilhas que o rádio lhe revelava, queda-se absorto, pois, sua atenção fôra quebrada por uma doce voz feminina, que num instante dominou o vasto campo cósmico, como se fosse uma melodia.

Como um automato, procurou saber de quem era aquela cativante voz. Interceptando comunicações e interrompendo as habituais palestras dos seus colegas de espaço, conseguiu obter o nome por intermédio do simbólico prefixo, e, com surpresa, viu que se tratava de uma ilustre colega, até então desconhecida. Lúcia, se chamava a rádio-amadora e residia no coração da metropole paulista.

No dia seguinte, defronte de seu aparelho, nervoso e dominado pelo entusiasmo, chamou Lúcia, e, seu chamado fôra respondido. Trocaram-se cerimoniaes cumprimentos de apresentação.

Entre ambos, ficou convencional do que diariamente se chamariam e permutariam as últimas notícias do dia que se verificariam nas cidades onde residiam, como também outros assuntos que se relacionassem com o rádio. Assim, meu caro, os meses se resumiam em anos e suas palestras assumiram o caráter de obrigação religiosa. Lúcia é uma moça inteligente e culta, seus conhecimentos sobre literatura geral foram além da sua primeira opinião. Às vezes, ambos permutavam opiniões à cêrca da parte mais transcendente da eletricidade. Ela ouvia comovida, êle falar sobre todos os fenômenos que promanam da eletricidade e que a razão humana justifica, porém deixa uma válvula de dúvida sobre tão complexo problema.

Suas palestras diárias foram aumentando dia-a-dia. Pela manhã, se o dia amanhecesse límpido ou borrascoso era motivo de finas críticas. Confessavam-se simpáticos aos imortais Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro, Humberto de Cam-

pos, Anatole France e Flaubert. Muitas vezes o comentário da semana era a física nos seus múltiplos aspectos. Demócrito, era centro vivo, dirigiam palavras de louvores ao genial grego, pelas suas ousadas concepções sobre o átomo.

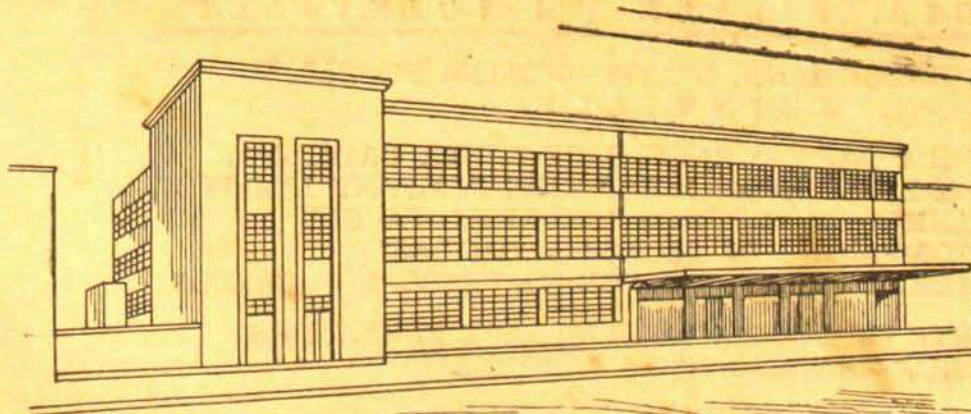
As palestras multiplicavam-se. Já não se contentavam em se ouvirem mutuamente. Lançavam mão da linguagem escrita. Trocaram longas cartas, impregnadas de lirismo arrebatador, donde do sopé ao rodapé das linhas, na clássica atitude de flecheiro, Cupido não descansava em torturá-los. Numa tarde, Lúcia, avisou-lhe, pelo ar, que colocara no Correio, uma sua fotografia. O coração de José palpitava de emoção alegre, tal era o seu contentamento, pois iria conhecer a mulher que lhe estimulára o coração para viver, representando o sublime papel de musa na sua vida.

Cada carta que lhe chegava às mãos, o fazia estremecer ao pegá-la, e, abria-a com sofreguidão. Afinal, recebeu a esperada fotografia da sua Marília, e, tal qual Dirceu, as exclamações de alegria transbordaram sua alma. Mandou colocá-la numa rica moldura argentea e pô-la sobre sua mesa de trabalho. Julgava-se felicíssimo. Nela via-se Lúcia, ao meio busto, bem fornida, fartos cabelos pretos que lhe desciam em curvas até meio pescoço, colo artístico e branco como a túnica de Nesso, olhos dum preto aveludados e meigos, seios fartos. Para ambos, a vida era a síntese da perfeição, e, êles sentiam em efluvios balsâmicos as delícias do amor puro. Levaram uns dois anos nesse idílio sem se conhecerem pessoalmente, mas, pelo convívio diário através do eter, das fotografias e longas cartas, suas almas amalgamaram-se numa amizade forte.

Cumpridor de suas obrigações, pois se educára na rígida disciplina do cumprimento do dever, nunca faltou um dia sequer ao traba-

Drogaria e Farmácia - "Catarinense" S. A. -

A maior organização farmacêutica do sul do Brasil



SÊDE DA MATRIZ, em construção

MATRIZ: JOINVILLE

STA. CATARINA — C. Postal 95

FILIAIS: FLORIANÓPOLIS - Rua Trajano, n° 5 — BLUMENAU - Rua 15 de Nov., n° 508
BRUSQUE - Av. João Pessoa, n° 47 — JOAÇABA, Rua Paraná, 38

Distribuidores para o Estado de S. Catarina dos produtos dos laboratórios:

S. A. de Perfumarias Roger Chéramy
Ely Lilly & Co. of Brasil, Inc.
Laboratório Xavier
Química Baruel Ltda.
E. C. de Witt & Cia. Ltda. (Fixbrill)
Johnson & Johnson do Brasil, Prod. Cirúrgicos
Laboratórios Andrômaco S. A.
A. J. Ferreira & C. Lt. (Urodonal etc.)
Bernard Bruggemann (Perl-It)
Perfumaria Anhangá Ltda.
Laboratório Vitex Ltda.
Renato Guimarães (Safrol etc.)

lho, sempre foi o primeiro nas obrigações que lhe afetavam. Raramente viajava, e, isto, quando o fazia, era quase por dever às suas atribuições, mas, há muito que a idéia de ir a São Paulo lhe obsedava. Tinha necessidade de conhecer pessoalmente Lúcia. Queria admirá-la mais próxima de si, e, mesmo, tornar concretos os sonhos que afagava, pois, já sentia que o platonismo o enervava. Requereu suas férias com uma licença que se prolongava por trinta dias. Levou-lhe de sua terra, lindos presentes. Esta sua viagem a paulicéia era clandestina, pois pretendia fazer uma surpresa a Lúcia e sua família. Na véspera de partir, ligou seu aparelho e avisou-a de que seus aéreos cumprimentos e transmissões seriam suspensos por alguns dias, porquanto ele iria ausentar-se da cidade, a serviço da firma, no interior do município, mas, quando retornasse continuaria com as suas habituais comunicações.

Ele partiu para São Paulo, esperançoso e com o coração transbordante de alegria. Como era natural, o borborinho do maior centro industrial do país, à primeira vista lhe impressionou. Hospedou-se num hotel modesto e no dia imediato foi visitar Lúcia. Ao tocar a campainha, seus dedos tremiam, mas, dominando seus nervos, esperou segundos que lhe representavam séculos. Nesse ínterim, sua vista correu celeremente pela fachada do edifício onde ele iria ser recebido, e então pôde avaliar a grandeza de suas linhas arquitetônicas e o gosto artístico de seus moradores. Era um palacete de colunas jônicas com janelas ogivais, em combinação harmoniosa.

Não precisou esperar muito, a porta fôra aberta por uma linda garota de onze anos de idade, a qual num grito de alegre admiração, exclama: José!? E, sem que ele pudesse ao menos saber com quem estava falando ela o assalta de perguntas, e, tomando-o pelas mãos, leva-o para uma pequena sala de espera, ricamente atapetada e mobiliada. Era a irmã mais moça de Lúcia e disse-lhe que o retrato que possuía sua família, era o suficiente para identificá-lo. Maria, afobada, como quase todas as crianças de sua idade, pede licença para se afastar, a-fim-de anunciar a visita de José. Sobe a escada

de dois degraus, e avisa seus pais e Lúcia. Esta, ao receber a notícia sente um estremecimento, como-se, afoba-se e joga ao chão seu trabalho de agulhas e poem-se a se pentear com uma rapidês assombrosa. Seus pais descem imediatamente, se apresentam. Informam a José de que Lúcia está se aprontando. A conversa foi banal, apenas a formal, se fizera boa viagem e se seus parentes estavam bons. Nisso, convidam José a passar para o andar superior, onde se achava Lúcia, a qual já se encontrava pronta a espera de um dos seus momentos supremos. Deixára a porta entreaberta. Maria empurra a porta, e José, acompanhado entra, mas, quando seus olhos depa-ram com Lúcia sentada em uma cadeira de rodas, e uma linda colcha lhe cobrindo as pernas, José, corre-lhe ao encontro, e, estupefatto, supondo tratar-se de algum acidente admira-se de que não lhe haviam informado. Pega as mãos de Lúcia e acaricia-as, enquanto todos os presentes, emudecidos pela rápida cena não se movem. Lúcia, ao movimentar-se, sentiu que a colcha escorregára, e, corando procura, em vão repor a cobertura sobre sua imperfeição, mas, era tarde, ele vira suas pernas ressequidas pela paralisia, penduradas, imóveis, com os pés deformados e sem ação. Perpassa-lhe um arrepi-o pelo corpo. Sua dor foi tão grande naquele momento que seus olhos tornaram-se baços, seu coração deixára de pulsar ritmicamente, era um bater descompassado e do-rido, sentiu um suor gelado a empapar-lhe a fronte, tal era a sua dor, mas, a comoção acompanhada deste cortejo de sintomas, fôra imperceptível a todos os presentes, pois sendo, um homem super educado, controlára-se e recalando os efeitos da chicotada que o destino acabára de lhe dar, toma as mãos de Lúcia e respeitosamente aperta entre as suas sentando-se defronte aquela bela imagem, metade viva e metade morta, tão digna do seu respeito e admiração.

Conversam e sorriem, o riso puro, o riso sem malícia. Nisso, a criada viera avisá-los de que o almoço estava pronto. José, levanta-se para voltar ao hotel, porém, Maria tomando-lhe as mãos, diz-lhe que o seu hotel é aquele, e, vai mostrar-lhe um lindo apartamento, contíguo ao quarto de Lú-

cia. Admirou-se de ver sua bagagem no quarto que lhe indicaram, pois, enquanto conversava, a mãe de Lúcia mandára buscar suas malas para alojá-lo em sua casa. Confundido com as gentilezas, aceitou o convite.

Esteve vinte dias ao lado de Lúcia. Pôde vê-la, senti-la e compreendê-la bem. Toda a família cumulou-lhe de gentilezas e contaram-lhe o quanto sofreram, quando ela ainda menina fôra atacada pela cruel paralisia. Viajaram pela América e Europa, mas seus esforços foram vãos, então, diante da impotência da medicina e da negativa de todo sacrifício, conformaram-se com a dura imposição do destino, aceitando passivamente a amarga dádiva que lhes fôra reservada. Mas, resolveram primar pela sua educação. Hoje, ela, está com seu caráter formado. Possui conhecimentos linguísticos, música, física, eletricidade etc. independente de trabalhos manuais, onde é inegualável na perfícia com que suas finas mãos manipulam os de ordem doméstica.

Passava ele horas ao lado dela, conversando sobre os mais palpitantes e desconexos assuntos: a literatura e as ciências. Afinal, suas férias já se achavam no término. José, avisa a Lúcia e sua família de que partirá no dia seguinte, prometendo voltar noutras férias para passar em companhia deles. Iniciou-se os preparativos para o retorno. Ao chegar, à sua cidade, reata suas habituais atividades e à noite continua as suas palestras radiofônicas com Lúcia, enquanto o Correio, normalmente trazia-lhe circunstanciadas notícias, as quais não podiam ser transmitidas pelo éter.

Em suas cartas ela condensava o seu amor simples, onde seus anseios de moça eram nobres e seus olhos fechados à realidade brutal não haviam abertos para o despertar do grande sonho que vinha acalentando em pensamentos. José a amava e sabia que a retribuição ao seu amor era intensa, mas, ao seu sentimento antepunha-se uma série de obstáculos que julgava tornar impossível prender-se definitivamente, através o matrimônio àquela criatura, e isto, bastante o martirizava. A noite, no leito, passava horas a pesar, em pensa-

Conclue na penultima pag.

ARP & CIA, FILIAL EM JOINVILLE

RUA LUIZ BROCKMANN, Nº. 179 — CAIXA POSTAL, 76
JOINVILLE

AGENTES PARA O ESTADO DE SANTA CATARINA:
"THE LONDON & LANCASHIRE INSURANCE COMPANY LIMITED"
"COMPANHIA DE SEGUROS "CRUZEIRO DO SUL"
"COMPANHIA DE SEGUROS "SAGRES"
INCÊNDIO — TRANSPORTES — ACIDENTE PESSOAL — CASCOS

SUB-AGENTE EM FLORIANÓPOLIS: JAPY FERNANDES
RUA TRAJANO, Nº. 33 — SOBRADO

VISTORIADORES: — THE LONDON ASSURANCE
COMPANHIA DE SEGUROS "IMPERIAL"
COMPANHIA "ROCHEDO" DE SEGUROS

‘Um Casal Ilustre’

Somente hoje veio-me às mãos, com uma dedicatória cordial do seu ilustre autor, o magnífico trabalho biográfico de Nuno d'Eça, editado pela revista “Atualidades”. Foi o caso que o exemplar a mim destinado, ficou até agora em poder da poetiza Castorina Lobo, e vice-versa.

Logo que recebi o exemplar destinado àquela professora, tive disposição de ânimo para escrever alguma coisa a respeito de produção de tanto realce na biblioteca biográfica do país; não sei porque circunstância ocasional, entretanto, deixei de fazê-lo, do que, aliás, ficou-me pesar na consciência, pois aquilo que nos causa sofrimento, ao próximo não devemos fazer...

Perdoe-me o snr. Nuno d'Eça, à vista desta satisfação que lhe estou eu dando, e que ninguém jamais se lembrou de dar-me — o que prova que ainda não perdi a sensibilidade moral...

Sabe, porém, perfeitamente o ilustre autor de “Um casal ilustre”, que predomina em nosso mundo intelectual brasileiro uma glacial indiferença pelo que “os outros” escrevem. Temos a impressão de que os nossos escritores vivem naquela beatitude do chinês que se comprazia em contemplar, com indizível carinho, o próprio umbigo!

Por esse motivo, não pude conter-me e escrevi uma longa carta, recentemente, ao ilustre snr. Nerêu Ramos — o mais viçoso ramo da frondosa árvore genealógica, a cuja sombra nos veio conduzir o livro de Nuno d'Eça, — por haver o atual Vice-Presidente da República feito referências amistosas, em epístola que me enviou, ao meu modesto opúsculo sobre a evolução cultural da franciscana gente: isso, porque já é notória originalidade receber-se qualquer agradecimento (quanto mais referência!) a qualquer presente de livro que se faça...

Deus me livre de tal procedimento!

A exaltação, justa e oportuna, de uma estirpe ilustre, é obra de pública benemerência, por servir de exemplo aos contemporâneos. Honrar os que souberam edificar LARES, é procurar no bom conceito da Família engrandecer a Pátria. Se esta pode contar com semelhantes alicerces, tem garantias sólidas de prosperidade; se a invalidarem, malbaratando a cooperação da família, se converterá num agregado apenas de indivíduos aptos a nutrir-se e a procriar, jamais numa Pátria, no sentido elevado do termo.

A prole do Snr. Coronel Vidal Ramos segue-lhe os passos no caminho aberto pelo vigoroso serrano; atua na vida pública do Estado com a galhardia e o desembaraço do progenitor operoso e combativo. Da virtuosa progenitora herdou os pendores religiosos com que, sob a égide da Igreja Católica, procura cumprir o primordial

dever de todo o homem consciente de sua missão na terra. Com esses elementos de ordem cívica e moral, pôde impôr-se aos contemporâneos, dominando a política do Estado e desbordando, com o mais vigoroso dos Ramos, para o amplo cenário da vida nacional.

Sei o que estou dizendo — e digo-o com absoluta imparcialidade, porquanto sigo caminhos diferentes na vida; sou espírita e, por o ser, encontro-me no ostracismo, do qual só poderia sair se algum dos partidos militantes — a U. D. N. e o P. S. D. — não temessem as iras do clero, chamando espíritas para funções eletivas. (Refiro-me a esses dois partidos porque ambos têm um programa sério e quase idêntico: o de bem servir à Nação).

Fui contemporâneo, em Política, do Snr. Coronel Vidal Ramos. Àquele tempo, sob o bastão geral de comando do Snr. Lauro Müller, reinava uma grande paz, uma paz benéfica em Santa Catarina. No antigo Congresso Representativo, os deputados tratavam-nos fraternalmente. Tudo fazíamos de acordo, sem absolutamente haver nisso servilismo, mas bem entendida cooperação, com o Governador do Estado — quer fôsse este o Snr. Vidal ou o Snr. Schmidt. (Cito apenas os dois, porque foram aqueles que encontrei no governo durante as duas legislaturas em que servi como deputado).

O Snr. Coronel Vidal Ramos — pois que é do ilustre lageano que estamos agora tratando — sempre manteve uma admirável linha de conduta. Tínhamos todos por ele viva simpatia, que se manifestava em nossas atitudes de solidariedade, da qual, se discrepei na célebre questão do arbitramento, foi por motivo de princípios; mas assim o fiz sem prejuízo da consideração que sempre votei ao inclito homem público catarinense. O meu ilustre correligionário está hoje afastado das lides políticas e posso fazer-lhe elogios, sem receio de que me venham acoimar de bajulador.

É preciso que se lhe faça justiça: daí o prazer com que todos os seus velhos contemporâneos recebemos o livro de Nuno d'Eça. Os que não tiveram a felicidade de conhecer sua exma. esposa, sentem através das referências póstumas o vigor da sua alma religiosa e o quanto teria valido ao nobre patriarca lageano, nas suas horas de amargura, a que nenhum homem público pode escapar, o conforto moral de uma palavra de ânimo, arrimada à fé viva da crença em Deus e na imortalidade da alma.

Abraçando, mui cordialmente, o snr. Nuno d'Eça, congratulo-me, também, com a direção de “Atualidades” pela iniciativa da publicação do trabalho em apreço.

Florianópolis, 28-2-948.

Arnaldo S. Thiago

Relojoaria Diamante Azul

De OTAVIO F. DA SILVA

Rua Trajano n° 19 (antigo prédio da Cia. Souza Cruz)

Bijouteria -- Artigos finos para presentes -- Aneis -- Canetas Parker

-- Tintas -- Louças de Porcelana Mauá

POLAROID -- O moderno oculo para o sol,

Para suas compras, procure nossa Relojoaria, que atenderemos com a maior solicitude

Noticias Bibliográficas

Sob os auspícios da Livraria Rosa, Rua Deodoro, 33

por J. T. ROSA JÚNIOR

* * NOVELI JÚNIOR (Luiz Gonzaga) é paulista, de Itú.

É médico pediatra. É professor de Sociologia. É deputado federal. Também é romancista. Estreiou em 1944, com "SANTA CLARA", romance, sobre condições sociais do interior paulista.

Agora, em 1948, lançou novo romance: "NÃO ERA A ESTRADA DE DAMASCO". Nesse livro, apresenta Novéli Júnior a história de um homem que buscou na solidão, do interior, após doente e desiludido dos homens e das cousas da cidade, a paz que sua alma desejava e seu corpo necessitava. Tudo iria bem, até final, não fôra a intromissão de determinada criatura...

Na análise dessa luta e, conseqüente, derrota o autor revela grande agudeza psicológica.

É uma edição da Livraria José Olímpio.

* * "OS GRITOS DO PRÓPRIO EU", servem de título a um romance de fundo psicanalítico, que a Editora Anchieta, de São Paulo, acaba de publicar, em excelente tradução, do inglês, pelo prof. João Albuquerque. Olive Higgins Proudy, autor da obra, faz o heroe do seu romance, através da penetrante psicologia de sua noiva, escutar, no desenrolar de dramas íntimos, os gritos do próprio eu.

* * Em "FOLHAS QUE CAEM", John Louis Bonn, S. J., o festejado autor de "A RONDA DOS DIAS", nos retrata, de modo vivo, a personalidade dinâmica de Madre Valência, fundadora do St. Francis Hospital, em Hartford, Connecticut.

De "FOLHAS QUE CAEM", já se disse ser "uma biografia tão intensamente real que se assemelha a uma novela bem feita".

É uma edição da Agir.

* * "NOIVOS E ESPOSOS" — Com esse título a Livraria José Olímpio lançou a referida obra, de autoria do Padre Alvaro Negromonte.

Trata sobre os problemas do matrimônio, encarando-os sob os mais diversos pontos e apontando-lhes soluções.

* * Dorival Caymmi, através da Livraria Martins, acaba de lançar "CANCIONEIRO DA BAHIA". Sobre esse livro do "cantor das graças da Bahia" Jorge Amado escreveu várias páginas elogiosas.

Na obra reuniu, Caymmi, algumas dezenas de canções, sambas, cantigas etc., juntando à letra sua, música sua.

* * "SUL" — Com esse título surgiu, em Florianópolis, uma nova revista literária.

O seu primeiro número é merecedor de todo aplauso. Dirigem-na Aníbal Nunes Pires, Ody Fraga e Silva.

* * "O IMORALISTA", de André Gide, é publicação recente da Livraria do Globo. Gide, foi, como se sabe, um dos últimos contemplados com o Prêmio Nobel.

* * "ANJOS NA TEMPESTADE" — Com este título a revista "GRANDE HOTEL" acaba de iniciar a publicação de uma eletrizante história de amor — A Livraria Rosa, autorizada pela Editôra, enviará, gratuitamente, a quem o solicitar um prospecto ilustrado contendo o início desse extraordinário romance de amor.



Parabens!

Muitas felicidades pelo nascimento de seu filhinho!

Mas, não se esqueça, que o melhor presente para o seu PIMPO-LHO é uma caderneta do CRÉDITO MUTUO PREDIAL.



Distribuidores no Estado de Santa Catarina dos Produtos de Ferro e Aço da Cia. Siderúrgica Nacional (Volta Redonda).

— Equipamentos completos para construção de estrada de rodagem.

— Motores à óleo cru, gasolina e querosene.

— Material de rádio-recepção.

— Material de garage: Macacos, Ferramentas, Carregador de Baterias.

— Máquina para soldar-Eletrodos. Máquina para gravar.

— Grupos Eletrogeradores, para fornecer luz para sítios.

— Talhas elétricas. Guinchos.

— Máquinas para olarias.

— Porcelana técnica.

— Produtos veterinários.

— Arados, cultivadores, grades de discos e de dentes. Pás, enxadas.

— Inseticidas. Carrapatecidas.

— Cimento. Arame farpado.

— Válvulas Iguassú.

— Folha de fibra de madeira comprimida.

— Móveis Rio Negrinho.

— Cereais.

OSNY GAMA & CIA.

Representações — Conta Própria — Importação — Exportação

Rua Conselheiro Mafra, 84 — C. Postal, 239
Telefone 1.607

FLORIANÓPOLIS

MASSAS ALIMENTÍCIAS

Stein

SEMPRE AS MELHORES



Vistas de Itajaí

quando atingida por violenta tromba d'agua



No Outono da Vida

Especial para "ATUALIDADES"
Por José Pires Zytkeuwisz

Em abastado castelo nos arredores de Lajes, a senhora Amália vivia esquecida entre as suas recordações.

Moça ainda, perdera o marido; depois, a desventura tornou-se mais cruel; levou-lhe a única filha, na qual havia concentrado todos seus afetos e agora estava como que sepultada naquele êrmo. Fôra bela e ainda o era. Difícil seria precisar a sua idade, tanta mocidade havia ainda na sua voz e na sua figura. A sua beleza é daquelas que resistem ao tempo e que mais se firmam na expressão do rosto do que na delicadeza e regularidade das linhas.

Certo dia d. Amália recebeu uma carta de uma sobrinha, a quem apenas conhecia, que, orfã de pai, perdera também a mãe e a ela se dirigia para pedir-lhe conselhos. Sentiu-se feliz de poder ser útil a alguém e convidou a sobrinha a vir passar alguns dias com ela. Apaixonada, como era, pelo silêncio e pela solidão, não lhe custou pouco, a princípio, introduzir uma estranha em sua casa; mas depressa se afeiçoou à sobrinha senhorita Helena e acabou por induzi-la a ficar definitivamente com ela.

Helena era moça e bela e a sra. Amália contava casá-la. Encontrava, à propósito, em Lajes, um rapaz que lhe havia demonstrado sempre a mais respeitosa simpatia e que ela o julgava digno de ser o esposo de Helena. Chamava-se Ricardo. A sra. Amália convidou-o a ir a seu castelo, e como era excelente musicista e magnífico cava-lheiro, compunha músicas com ela e a acompanhava em seus passeios.

O interesse que a sra. Amália tomava em preparar a felicidade dos dois, reanimava-a; tornára-se alegre, ativa, e toda a sua vida triste desaparecera.

Entretanto ela se enganara quanto aos sentimentos de Ricardo. Ele amava, amava profundamente, mas não à Helena.

Helena era inegavelmente uma linda e atraente pequena, mas não tinha o encanto da sra. Amália. O seu rosto era regularíssimo, mas faltava-lhe expressão. Contudo, se parecia um pouco com a tia, sempre simpática e cortês, boa e delicada, pronta a convencer-se, apaixonar-se, entusiasmar-se. Apesar de seus vinte anos e da sua grande beleza, Helena não lhe agradava; a mocidade com os seus en-

cantos e a sua chama, era na sra. Amália que ele encontrava.

Era preciso que a viuva se convencesse de que estava enganada nos seus projetos. A verdade apareceu-lhe um dia em que ela falava de Helena à Ricardo. Helena saía, e a sra. Amália vendo-a, exclamara:

— "Que cousa divina a mocidade!"

— "A mocidade? Ora d. Amália, disse Ricardo, a mocidade tem-se em qualquer idade. E quantos não a tem, senão, em aparência? Ter vinte anos, não ter sofrido, divertir-se como uma criança, ser indiferente a tudo, é uma mocidade inútil. Mas ter vivido e ter guardado uma chama no fundo do coração, entusiasmar-se pelo que é belo e grande, derramar em torno de si, o calor e a vida, crer no ideal, representar-lhe a expressão, impor a admiração a todos que a cercam, inspirar simpatia, amizade, amor — eis a verdadeira mocidade vivificante e boa; e então eu direi como a senhora — "A MOCIDADE É UMA COUSA DIVINA"!"

Ricardo falara com admiração, envolvendo a sra. Amália num olhar ardente. A viuva perturbava-se. Um súbito rubor cobriu-lhe as faces, seus lábios moveram-se num ligeiro frêmito e parecia abalada por uma emoção imprevista.

Naquela noite, quando Ricardo saiu, a impressão do seu isolamento apertou-lhe o coração. Entretanto, estava habituada à solidão e amava-a até. Que se passava nela? A sua consciência não queria responder...

A sra. Amália não devia impressionar-se com o amor de Ricardo por ela, mas devia descobrir ainda uma cousa estranha e que quasi não queria confessar a si mesma: e era que Ricardo não lhe era indiferente. E foi por isso que suas palavras a perturbaram, porque a alegria enchera-lhe o coração repentinamente. Cega que estivera! Como podia acreditar que o que sentia por ele era uma simples e sincera amizade quando era amor que a perturbava... Lembrava-se de que os dias em que ele aparecia eram os melhores de sua existência, que se sentia descobrir nêle as mais nobres qualidades de espírito e que seus pensamentos só se ocupavam d'ele. Mas ao mesmo tempo que a sra. Amália via aparecer-lhe diante dos olhos, a verda-

de, um sofrimento indefinível invadia-a. Como poderia gozar êsse amor insensato que havia tomado conta de seu coração? Na sua idade era impossível recomeçar a vida.

Não devia amedrontá-la o pensamento de uma luta para conservar uma afeição cara, luta que tinha de sustentar contra o tempo, contra os anos, contra o triste declinar da sua beleza? Luta sem dignidade, doloroso combate o de uma mulher que não sabe compreender que é preciso dar lugar aos moços, que é preciso envelhecer com resignação.

Tudo isso, a sra. Amália se dizia, mas sentia que a sua paz estava perdida e decidida a vencer-se, a sua tortura era ainda maior, porque devia sufocar uma paixão que nascera e crescera sem que ela percebesse.

Quando Ricardo foi novamente visitar-lhe, ela vestia um vestido simples e severo, mas trazia na cintura, rosas pálidas e seus cabelos estavam penteados com mais graça que de costume. Helena não pôde deixar de olhá-la com inveja. Pareceu-lhe que ela nunca tinha tido tanta graça e tanta sedução. Atravessando a sala para chegar ao terraço, a imagem das duas mulheres refletiu-se no quadro de um grande espelho. Uma cheia de frescura, representava a mocidade radiante, a alegria despreocupada, a vida em todo seu esplendor. A outra era mais elegante, mais suave na sua calma, triste; ao lado do estio a beleza tranqüilla do outono. Ricardo olhara para o espelho, e instintivamente voltando-se para a sra. Amália, exclamou:

— "Como a senhora ainda parece tão moça!"

"AINDA"! Um dia antes, esta palavra teria feito sorrir a sra. Amália, que confessava francamente a sua idade. Porque, entretanto, agora, causava-lhe um sofrimento tão agudo?

É a realidade que envolve todos os sonhos!

E firmemente decidida a sufocar a sua mágoa, decidiu fazer com que Ricardo se cassasse com Helena.

— Minha sobrinha é rica e eu mesma posso assegurar-lhe parte de minha fortuna. Quero vê-la feliz, e ficarei satisfeita em saber que o senhor pensa nela.

— Eu? exclamou Ricardo. Pois

Pães, doces biscoitos balas e caramelos
nos Varejos **MORITZ**

não compreendeu que o meu coração não é mais livre? Casar com uma mulher que não se ama, pode ser; mas casar com ela quando se ama outra, é impossível.

Houve um momento de silêncio:

— Desculpe-me Ricardo, disse por fim a viúva, que queria romper uma situação um tanto embaraçosa; não sabia que seu afeto já tivesse dona; na verdade fui indiscreta.

— Não, não foi, tornou Ricardo num movimento apaixonado. É a sra. que eu amo. E amo-a porque pensa que não é amada. Amo-a pela sua nobre bondade, amo-a porque é só, porque sofreu, porque desdenhou os prazeres frívolos, a vaidade do mundo. Amo-a porque é moça, da divina mocidade da alma; porque é bela, da suprema beleza que vem do espírito e do sentimento. A sra. me quer dar uma mulher pois bem, já a encontrei. O meu futuro, a minha felicidade, só dependem da senhora.

Ela ouvia estas palavras ardentes em um extase mudo. Não se recordava de ter ouvido nada semelhante, já que nunca tinha sabido o que era ser amada.

Casada muito cedo com um homem muito mais velho que ela, não podia encontrar nêlo senão um amigo e perdendo-o não sentira a mágoa de um coração destroçado para sempre.

Tinha sofrido menos de uma grande mágoa do que a falta de felicidade e agora êsse sentimento desconhecido, aparecera-lhe enebriante, delicioso!

Sentia-se amada quando já não esperava mais que pudesse sê-lo, quando já se tinha despedido da mocidade, da esperança, da alegria.

Que encanto! Que surpresa!

Involuntariamente pegou nas mãos de Ricardo e chorou.

— Ah! Ricardo, porque me fazes prever um sonho belo!

E calou-se. O amor não precisa de muitas palavras; sentir-se perto um do outro, penetrados na mesma comoção, basta.

Era no princípio do outono, tempo dos perfumes suaves. A sra. Amália estava NO OUTONO DA VIDA, no momento em que o coração tem os últimos sonhos e sente os últimos ardores.

A noite passou-se para a sra. Amália em amargas reflexões. Na surpresa de uma felicidade inesperada, acreditar que tudo era possível; mas a voz da razão falara no dia seguinte, quando Ricardo veio vê-la, em vão tentou sorrir-lhe; soluços apenas saíram-lhe dos lábios:

— Não esquecerei que lhe devo a única e verdadeira alegria que me pudesse ser concedida. Será a eterna consolação da minha vida recordar a sua confissão. Mas é preciso que eu o ame e que encontre forças para renunciá-lo... é

preciso que eu recuse ligar a minha existência à sua mocidade, ao seu coração.

Ricardo tentou responder-lhe, mas ela continuou:

— Meu amigo, poucos dias bastam para fazer nascer a flor da ilusão que tôda a sua ternura não saberia prolongar. Que seria de mim se percebesse que seu amor diminuía e, talvez, que amasse a outra, lastimando assim, sua generosa loucura? Não, o amor não foi feito para mim; é preciso que eu renuncie a esta felicidade que se oferecia à minha vida. Suplico-lhe que pense em mim como em uma amiga, a mais dedicada que pudesse encontrar.

— Pensa que seria possível isso que deseja? O amor não se transforma em amizade à nossa vontade. Aceita-o ou recusa-o: o meu será sempre o mesmo...

E desesperado continuou:

— Ah! A senhora me faz maldizer a minha mocidade.

— Ricardo, disse a senhora Amália, creio em si com tôda a minha vida; sinto que me ama, mas tem ainda um longo caminho ante de si e receio que um dia se arrependa de haver contraído essa união.

— Porque êsse receio? O tempo não é forçadamente um inimigo; muitas vezes completa apenas o que a mocidade havia esboçado. Nem sempre a experiência endurece os corações. O amor conta, calcula, conhece os anos? Não se é sempre moço quando se ama, quando se é amado? O verdadeiro amor não sobrevive a tudo, não é eterno?

E conversaram ainda longo tempo. Ela defendia a resolução de renunciar a êle, e êle se obstinava na vontade de vencer essa resistência.

Passaram dois meses e a senhora Amália era inexorável e cumpria o seu sacrifício, não sem verter lágrimas amargas. Porque a felicidade procura-a tão tarde? Não era um tormento oferecê-la quando já não era possível aceitar? Amar e ser amada e fugir a essa felicidade como a um delito, a uma loucura... e além de tudo, na sua idade podia abandonar êste sentimento delicioso, que só parece feito para a mocidade? Podia entregar-se ao pensamento de, um dia, apenas inspirar compaixão àquele que amava? A compaixão, o mais doloroso dos sentimentos — A compaixão que o amor repele. Não precisava iludir-se. Chegaria o momento em que Ricardo não poderia amá-la senão através da generosidade. E se fosse só isso. O seu jovem marido havia de censurar o seu coração por tê-lo ouvido. Que tormento então para ela. Que remorso. Depois surgiria entre êles a triste dissimulação: êle escondendo o seu aborrecimento; ela, calando o que compreendia. Era

preferível para ambos a eterna recordação de um belo sonho. Mas nada abalava a paciência de Ricardo. Dócil, triste, resignado, esperava. Ela amava-o, estava certo disto; era muito sincera para escondê-lo, e nessa certeza atingisse uma força invencível.

O tempo passava, as horas fugiam rápidas para a sra. Amália, desfazendo por trás dos últimos dias de sua mocidade os últimos encantos da sua beleza. A serenidade de seu caráter estava perturbada, desapacera a calma de seu espírito. Sofria profundamente. Podia ter-se resignado a não procurar o amor sonhado, mas repeli-lo quando êle lhe era oferecido. Era muito difícil e a sua saúde resintia dessa luta interna, indiscritivelmente. Seus amigos aconselharam-na a se tratar. Helena falara de um médico a quem devia consultar; ela resistia, surda a todos os conselhos.

Certas ocasiões sentia um desejo insensato de jogar-se aos braços de Ricardo, declarando-se vencida, pedindo-lhe que perdoasse o seu orgulho e dizendo que queria ser feliz. Ver a felicidade sob as mãos, vê-la passar junto dela, fingindo que não a via...

Um dia passeando com Helena, sentiu de repente, uma dor forte no coração. Soltou uma exclamação de dor e caiu.

Helena ficou atônita, enquanto pela mente da senhora Amália passou uma idéia que lhe serenou a fisionomia...

— Ó se fosse possível, exclamou...

Anunciou a Helena que queria consultar o médico de que lhe havia falado, mas com uma condição: a de conhecer exatamente a opinião do médico.

Helena satisfeita por vê-la finalmente disposta a iniciar uma cura, prometeu tudo o que ela quiz, bem longe de supor que a sentença era de vida ou de morte que esperava...

Veio o médico, examinou cuidadosamente a sra. Amália, depois passou para o quarto próximo cuja porta Helena deixara meio aberta.

— Que pensa doutor? perguntou ela, não é grave o caso, não é verdade?

— Perdão, senhorita, gravíssimo. Não posso esconder que sua amiga está perdida. Penso que, apesar de qualquer tratamento, não poderá viver mais que dois anos.

Helena tremia, enquanto a seus ouvidos chegava um grito de alegria.

— Posso então ser feliz... exclamou a sra. Amália.

Quando o médico saiu, ela correu para Helena que procurava consolá-la.

(Conclue na penultima pag.)

Faça seu anúncio pela mais potente emissora do sul catarinense:

«Radio Eldorado» - Cresciuma

Será extinguiuvel a mendicancia?

João Prainer

É uma utopia pensar que é possível suprimir a pobreza no seio da sociedade humana. É possível, porém, tornar menos chocante o contraste entre ricos e pobres. E isso depende apenas de um pouco de compreensão e de boa vontade por parte dos primeiros.

Por via de regra, o homem rico é generoso. Está sempre pronto a colaborar nas obras de assistência ao necessitado. Sua contribuição, nesse sentido, atinge às vezes a somas bem expressivas a ponto de tirna-lo alvo das simpatias e dos louvores de seus semelhantes.

Ao lado dessa generosidade, ha o auxilio em menor escala, é certo, mas maior em extensão, do homem da classe media. Também este, em sua grande maioria, tem sempre a alma aberta para praticar o bem, e difficilmente recusa seu apoio material a tudo quanto diga

respeito á proteção dos menos favoritos da sorte.

Como se explica, pois, que com tanta espontaneidade nò amparo às iniciativas de fins caritativos, ainda seja tão grande a miséria e tão dolorosamente desamparada se encontra a pobreza?

A resposta, a nosso ver, só pode ser a falta de metodo na distribuição dos beneficios.

Se, ao contrário do que acontece em toda a parte, o auxilio aos indigentes não se fizesse isolada e esporadicamente, mas todo ele se concentrasse numa entidade devidamente equipada para atender o problema, obteríamos muito melhores resultados. A sua aplicação seria mais ampla, mais equitativa, e, principalmente, mais continuada e eficiente.

Se percorremos, por exemplo, as ruas da nossa capital, encontrare-

mos todos os dias e nos mesmos locais, quasi, os mesmos pedintes.

Os transeuntes respondem a essas mãos estendidas segundo o seu bom ou mau humor, ou segundo as possibilidades materiais do momento. Em virtude disso, a coleta de cada mendigo varia muito de dia para dia e de um para outro.

Entretanto, se todas as esmolas convergissem para um unico orgão distribuidor, os indigentes seriam facilmente retirados das ruas, instalados em local mais humano, onde teriam maior conforto e menos atribulações.

Essa providência representaria, é certo, uma restrição á liberdade do atingido, que já não poderia andar onde quer o quando quer, forçado, em razão de sua miserabilidade, a permanecer em residência coletiva e sob certa vigilância. E a mesma providência pode, até, prejudicar um ou outro pedinte, por lhe diminuir a renda, às vezes polpuda. Em compensação, todos seriam atendidos com mais justiça e com maior solicitude, e a sociedade ver-se-ia livre de um aspecto menos agradável de sua engrenagem.

Afora o alcance desse resultado, se adotassemos um sistema unico de amparo ao necessitado, poderíamos enumerar outros, notadamente aquele que levaria o auxilio ás famílias realmente pobres mas que não pedem esmola, a outras que se encontram em situação embaraçosa, por motivo de doença ou desastre, e ainda a individuos aparentemente inutilizados para o trabalho mas capazes de serem recuperados para



Pacotes para a Europa

Entrega rápida, de stock já existente na Europa
Encaminhamento de pacotes feitos pelos interessados
Serviço rápido e entrega garantida!

Peçam informações a
H. G. MOLEND

Caixa Postal 152 — Rua Bocaiuva 60 — Telefone 1352
FLORIANÓPOLIS

um desenvolvimento normal de atividades, como os fisicamente depauperados, os alcoolatras, os tarados, etc.

Um programa tão nobre não é de difícil execução. Pelo contrário. É facilimo. Basta que todos os que ainda cultivamos os sentimentos da solidariedade nos agrupemos sob a bandeira da AÇÃO SOCIAL CATARINENSE. Façamo-lo hoje mesmo, e todos esses mendigos que vemos ilustrando esta pequena digressão literaria, deixarão de constituir um entrave ao nosso progresso, mais do que isto, um testemunho cotidiano de nosso descaso por um problema tão grave, e, ainda, um atestado falso contra as tradições de altruismo que sempre enobreceram e ainda enobrecem a alma florianópolisana.

(Distribuição do Departamento de Propaganda da Ação Social Catarinense).



A Caridade

João Frainer

Um mendigo que triste pede esmola,
um cego que suplica compaixão,
aquela mão que de pedir se estiola,
em nosso peito às vezes bate em vão.

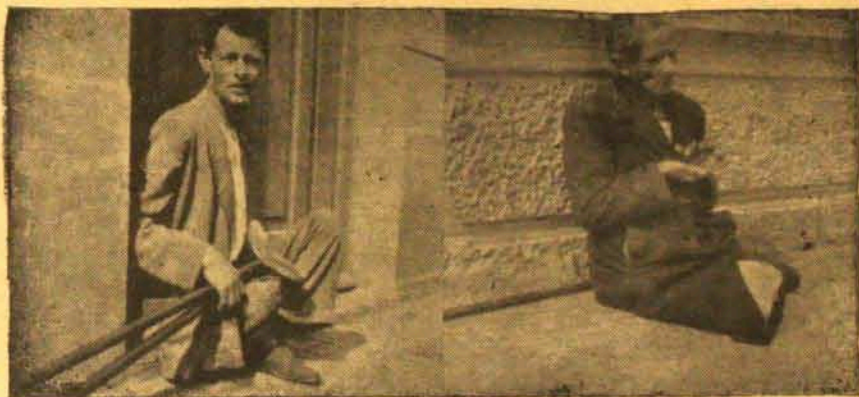
Entretanto, fazer o bem consola,
traz alegria ao coração.
Encher do pobre a misera sacola,
É entre todas a melhor ação.

Não negues nunca, pois, a quem implora,
a migalha que sobra na tua mesa.

Não deixes para dar em outra hora,
quanto guardas apenas de avareza.

Um sorriso no rosto de quem chora,
Vale mais do que toda a tua riqueza.

Fpolis, 4 de fevereiro de 1948.



FARMACIA MODERNA

De EDUARDO SANTOS

A Farmácia que mais lhe convem pelos seus módicos preços, escrupulo e enorme variedade em seu estoque de tudo quanto diz respeito a esse ramo de negocio.

Aviamento de receitas feito com todo escrupulo e sempre por preços sem concorrência.

Perfumarias dos melhores fabricantes.

Agora à Rua João Pinto n. 4 --- Telefone, 1975

COMEMORAÇÕES DO SEGUNDO CENTENÁRIO DA COLONIZAÇÃO AÇORIANA

(Do Diário Oficial do Estado de Santa Catarina, de 27 de fevereiro de 1948)

Realizou-se nos dias 20, 21 e 22 do corrente a primeira parte do programa das comemorações do segundo centenário da colonização açoriana em nosso Estado, traçada pela Comissão Executiva constituída por iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

No dia 20, às 9 horas, procedeu-se ao assentamento da pedra fundamental do monumento comemorativo desse centenário, que será levantado no Jardim Oliveira Belo, em frente à Prefeitura Municipal.

Presentes altas autoridades civis, militares e eclesiásticas, representantes de todas as classes sociais e grande massa popular, o Governador em exercício, sr. dr. José Boabaid, a pedido do senhor desembargador Henrique da Silva Fontes, presidente da Comissão Executiva, deu por iniciadas as comemorações, sendo, a seguir, executado o Hino Nacional. Lido pelo 1º secretário da mesma Comissão, dr. Carlos Gomes de Oliveira, um telegrama em que o venerando ex-Governador sr. coronel Vidal Ramos, descendente de açorianos, se associava às solenidades, foi dada a palavra ao sr. deputado dr. Osvaldo Rodrigues Cabral, orador oficial, que, em magnífico discurso, exaltou a importância social, etnográfica e política da colonização açoriana que, havia duzentos anos, tivera início em nosso Estado.

Terminada a oração, sob vivos aplausos, procedeu o senhor 1º secretário à leitura da ata referente à solenidade. Assinada pelas autoridades e por grande número dos presentes, foi essa ata, com outros documentos concernentes às comemorações, com jornais do dia, e moedas em curso, posta em uma urna metálica, que, devidamente fechada, foi pelo Prefeito Municipal, sr. dr. Adalberto Tolentino de Carvalho, sob palmas da assistência, colocada na fundação do monumento projetado, ouvindo-se novamente o Hino Nacional.

Das numerosas pessoas que assinaram a ata conseguimos anotar as seguintes: dr. José Boabaid, Governador do Estado, em exercício; desembargador Urbano Müller Salles, presidente do Tribunal de Justiça; desembargador Guilherme L. Abry, presidente do Tribunal Eleitoral; cônego Frederico Hobold, representante do sr. Arcebispo Metropolitano; dr. Thiers Fleming, representante do sr. Ministro da Viação; vice-almirante Antônio Alvares Barata, comandante do 5º Distrito Naval; tenente-coronel João Pedro Gay, representante do general comandante da 5ª Região Militar; dr. Ruy Feuerschuette, presidente em exercício da Assembleia Legislativa e representante do município de Crescuma; coronel Pedro Lopes Vieira, presidente da Comissão Permanente da Assembleia; dr. Adalberto Tolentino de Carvalho, prefeito municipal; João Batista da Costa Pereira, presidente da Câmara Municipal de Florianópolis; deputado federal professor Orlando Brasil; dr. Milton Leite da Costa, procurador geral do Estado; deputados estaduais dr. Osvaldo Bulcão Viana, dr. José Maria Cardoso da Velga, dr. Antônio Nunes Varela e professor Braz Joaquim Alves; dr. Othon da Gama

Lobo d'Eça, Secretário da Segurança; dr. João Davi Ferreira Lima, Secretário da Fazenda; dr. Leoberto Leal, Secretário da Viação; dr. Francisco de Assis, representante do Secretário da Justiça; desembargadores Alcibiades Silveira de Sousa, Edgar Pedreira e José Rocha Ferreira Bastos; juizes de direito drs. Mário de Carvalho Rocha e Alves Pedrosa; jornalistas Adão Carrazzoni, do "Jornal do Dia", de Porto Alegre, e da Associação Riograndense de Imprensa; Gustavo Neves, diretor da Diretoria de Justiça; Alexandre Nogueira Mimoso Ruiz, Moacir Iguatemi da Silveira, do "Diário da Tarde"; dr. Francisco de Salles Reis, presidente da Junta de Conciliação e Julgamento; dr. Abelardo da Silva Gomes, Procurador da República; professores dr. João Bayer Filho, dr. Henrique Stodiek, Alfredo Zimmer, Américo Vespúcio Prates, Custódio Francisco de Campos, Francisco Barreiros Filho, dr. Wilmar Dias, João dos Santos Areão, José Figueiró de Siqueira e Henrique Brüggemann; dr. Vitor Lima, sub-procurador geral do Estado; dr. Elpidio Barbosa, diretor do Departamento de Educação; engenheiro José Nicolau Born, diretor de Terras e Colonização; padre Alvinio Bertholdo Braun, pelo Clube Pam-americano do Colégio Catarinense; tenente Orlando Braga, ajudante de ordens do comandante do 5º Distrito Naval; João José de Cupertino Medeiros, gerente do Banco do Brasil; Acary Silva, gerente do Banco Inco; professor Jorge José de Sousa, secretário da Academia de Comércio; Luiz Santil Teles, prefeito municipal de Tijucas; tenente Walmar Borges, ajudante de ordens do Governador do Estado; Sílvio Neves Bleyer, secretário do Diretório Municipal de Geografia de Campos Novos; José Gusmão de Andrade, insp. do Imposto de Consumo; dr. Abel Alvares Cabral Júnior, auditor militar da Polícia Militar; José Francisco Glavan, presidente da Junta Comercial; engenheiro Raimundo Rothsahl, da Prefeitura Municipal; vereadores dr. Victor da Luz Fontes, farmacêutico Gercino Silva e João Claudino da Rosa; Hermes Guedes da Fonseca, sub-diretor da Biblioteca Pública; engenheiro João Eduardo Moritz, governador do Distrito 29º do Rotary Internacional; Gasparino Dutra, coletor estadual; acadêmicos Hamilton Abade Valente Ferreira, presidente do Centro Acadêmico XI de Fevereiro, Carlos Bastos Gomes, Hélio Saciloti de Oliveira, Geraldo Gama Salles, Jorge da Luz Fontes, Ayres Ferreira da Gama Melo e Jorge A. Kotzias; 1º sargento Andrellino Natividade da Costa, presidente da Associação Cívico-Militar Marechal Guilherme; major Gustavo Adolfo da Silveira, major José Lupércio Lopes, e tenente Ildefonso Juvenal, membros do Instituto Histórico de Santa Catarina; José Antônio de Sousa Júnior, Marcolino de Lima, Ary Cabral, Osvaldo Costa, Tomaz Chaves Cabral, Gumerindo Nunes Gonçalves, Ary Jordão da Silva, Campolino Jacinto Alves, Celino Camargo Pires, Alfredo dos Santos, Marinho Henrique Fortes Melo, José Ventura Cravo, Luiz Carlos Santana, Walmar Z. Garcia, Nacif Jorge, Yoldori Bitten-

court, Cláudio Marques de Sousa, João Rodrigues da Silva, Nazaré Camisão, Teobaldo Melo Neves, José Pacheco, Oscar Borges Gagliostro, José L. Gose Wal-trick, Norberto Rihl, Dalmiro Caldeira de Andrada, Marinho Laus, Ary da Cunha Ocampo Moré, dr. F. G. Silva, Bento Aguiado Vieira, Artur Domingos de Abreu, Henrique Dejala, Eurico Soares de Oliveira, Almiro Caldeira de Andrada, tenente Gercino Gerson Gomes, Mário Coelho Pinto, Osni Pinto da Luz, Euclides N. Pereira, Fridolino Xavier da Rosa, Francisco Simas Pereira, Urbano Vicente Gama Salles, João Rodrigues da Silva; membros da Comissão Executiva: desembargador Henrique da Silva Fontes, presidente; dr. Osvaldo Rodrigues Cabral, 1º vice-presidente; dr. Heitor Blum, 2º vice-presidente; professor Carlos da Costa Pereira, secretário-geral; dr. Carlos Gomes de Oliveira, 1º secretário; professor Clementino Fausto Barcelos de Brito, 2º secretário; e Alvaro Tolentino de Sousa, tesoureiro. Das muitas senhoras e senhoritas que subcreveram a ata, pudemos colher os seguintes nomes: Sara Gomes de Oliveira, Sarah Isabel Gomes de Oliveira, Irlan-da Machado, Neli Carioni Rosa, Diná Mendonça Gevaerd, Aida Gomes Mendonça, Judite Viana, Henny Mary Hildebrand da Silva, Maria da Glória Almeida, Elza Malheiros, Ema Mancelos, Jurema Cavallazzi, Marina L. Gonçalves, Olga Barbosa, Teresinha de Jesus da Luz Fontes, Alba Maria da Luz Fontes, Ceci Camisão, Jandira Lima Luna, Maria da Conceição Vieira e Maria de Lourdes Mafra.

A noite do dia 20, a Sociedade de Cultura Musical realizou, no Teatro Alvaro de Carvalho, um de seus apreciados concertos, dedicando-o às comemorações do segundo centenário da colonização, pelo que foi de público. Teve numerosíssima assistência de autoridades, de famílias e de pessoas de todas as classes sociais. Foi iniciado com o Hino Português, em homenagem à velha e gloriosa metrópole de onde haviam vindo os colonos e, como festa de civismo que era, encerrado com o Hino Nacional. Regeu-o o maestro Emanuel Paulo Peluso, que também figurava no programa como autor da sinfonia "Grã-duquesa". Os músicos e seu regente foram farta e merecidamente aplaudidos.

No dia 21, às 20 horas, no salão de festas do Clube Doze de Agosto, proferiu o sr. deputado dr. Antônio Nunes Varela uma conferência sobre o evento festejado e que era parte integrante das suas comemorações.

A sessão foi presidida pelo sr. dr. José Boabaid, Governador em exercício, tendo tomado assento à mesa da presidência os srs. desembargador Urbano Müller Salles, presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Guilherme Luiz Abry, presidente do Tribunal Regional Eleitoral, cônego Frederico Hobold, representante do sr. Arcebispo Metropolitano, dr. Thiers Fleming, representante do sr. Ministro da Viação, tenente-coronel João Pedro Gay, representante do sr. general-comandante da 5ª Região Militar, deputado cônego Tomaz Fontes, secretários de Estado drs. Armando Simone Pereira e Othon da Gama Lobo d'Eça e desembargador Henrique da Silva Fontes, presidente da Comissão Executiva das Comemorações.

Aberta a sessão e executado o Hino Nacional, em breve mas incisiva alusão, tratou o sr. desembargador Henrique Fontes do desenvolvimento que iam tendo as homenagens aos velhos e denodados colonizadores. Teve em seguida a palavra o conferencista, que discorreu amplamente sobre os Açores, os açorianos e a sua colonização processada em terras de Santa Catarina, fazendo um estudo consciencioso e rico em detalhes históricos,

Fundição Rhein de Rudolfo Rhein

Fundada em 1913

FLORIANÓPOLIS — ESTREITO — Rua Cel. Pedro Demoro, 1170

Telefone 19

Recomenda-se para fundição de peças e construção de máquinas

que alcançou vivos aplausos da grande e seleta assistência.

Em edição próxima, estamparemos esse valioso trabalho.

No livro de presença da reunião, em que, entretanto, a maior parte dos assistentes não lançou suas assinaturas, conseguimos ler as seguintes: Alvaro Tolentino de Sousa, José Cordeiro da Silva, Adão Carrazzoni, Oswaldo Rodrigues Cabral, Andreino Natividade da Costa, Clementino Fausto Barcellos de Brito, Carlos Gomes de Oliveira, Francisco Eduardo Mira Gomes, Heitor Wedekin dos Santos, João dos Santos Areão, Vera Brito Silva, Emmanuel Pereira de Campos, Ciro Marques Nunes, Pedro Lopes Vieira, Manoel Ferreira de Melo, pelo Prefeito da Capital, Carmen Ferreira de Melo, Gustavo Silveira, Euzébio Nunes, Elpidio Barbosa, Antenor Taulois de Mesquita, Francisco Barreiros Filho, Tiago Vieira de Castro, José Gusmão de Andrade, Ademar Borges, Dalmiro Caldeira de Andrade, Carlos da Costa Pereira, C. Meneguzzi, Orlando Brasil, Antônio Adolfo Lisboa, Alves Pedrosa, Egídio Amorim, José Carlos Velloso, Ildefonso Juvenal, Ivo Silveira, Paulo de Tarso da Luz Fontes, Fernando Mendes Filho e Afonso Wanderley Júnior.

No dia 22, à noite, encerrou-se a primeira parte das comemorações com imponente Te-Deum, cantado na Catedral Metropolitana, com a presença do sr. dr. Governador, de outras altas autoridades e de copiosa massa popular. A pomposa solenidade teve o brilho da palavra erudita e vigorosa do sr. Arcebispo Metropolitano Dom Joaquim Domingues de Oliveira.

A todas as solenidades deu valioso concurso a banda de música da Polícia Militar, sob a regência do maestro sr. sub-tenente Alfredo dos Santos.

Brilhantes e animadas correram, pois, as comemorações que constituíram a primeira parte do programa traçado pela Comissão Executiva, o que é prenúncio do êxito da segunda parte, que consistirá num Congresso de História.

A seguir, publicamos as orações e documentos referidos na presente notícia.

TELEGRAMA DO SR. CORONEL VIDAL RAMOS

"Grato pelo convite, associo-me de pleno coração às festas de comemoração do segundo centenário da colonização açoriana. Descendente de açorianos, orgulhoso de sua estirpe, li com emoção a luminosa página de história que acompanha o honroso convite. Cordiais saudações".

ATA DA SOLENIDADE PARA O ASSENTAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DO MONUMENTO COMEMORATIVO

Aos vinte dias do mês de fevereiro do ano de mil novecentos e quarenta e oito, sendo Presidente da República o general Eurico Gaspar Dutra, Vice-Presidente da República o dr. Nerêu Ramos, Governador do Estado o dr. Aderbal Ramos da Silva, presidente da Assembleia Legislativa o dr. José Boabaid, presidente do Tribunal de Justiça o desembargador Urbano Müller Salles, presidente do Tribunal Regional Eleitoral o desembargador Guilherme Luiz Abry, Arcebispo Metropolitano D. Joaquim Domingues de Oliveira, Prefeito Municipal o dr. Adalberto Tolentino de Carvalho, presidente do Conselho Municipal o jornalista João Batista da Costa Pereira, comandante do 5º Distrito Naval o vice-almirante Antônio Alvares Barata, comandante do 14º Batalhão de Caçadores o major Cornélio de Castro Pinto, comandante da Base Aérea o capitão aviador Rafael Leocádio dos Santos, às nove horas da manhã, presentes as autoridades civis, militares, eclesiásticas, os representantes da imprensa e de todas as classes

sociais, que esta subscrevem, além de apreciável massa popular, foi lançada a pedra fundamental do Monumento Comemorativo do 2º Centenário da Colonização Açoriana, parte de um programa de comemorações desse centenário, iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, patrocinado pelo Governo e Assembleia Legislativa do Estado, pela Prefeitura de Florianópolis e a cargo de uma comissão executiva cuja Mesa é constituída pelo desembargador Henrique da Silva Fontes, presidente; deputado dr. Oswaldo Rodrigues Cabral, 1º vice-presidente; dr. Heitor Blum, 2º vice-presidente; professor Carlos da Costa Pereira, secretário-geral; dr. Carlos Gomes de Oliveira, 1º secretário; professor Clementino Fausto Barcellos de Brito, 2º secretário; e major Alvaro Tolentino de Sousa, tesoureiro.

Relembrando esse fato auspicioso e caro aos catarinenses, em grande parte descendentes da boa e destemerosa gente que Portugal não mandou das suas Ilhas, o historiador Oswaldo Rodrigues Cabral proferiu uma oração justamente aplaudida, cujo texto fica apenas a esta, como parte integrante dela.

Da solenidade que transcorreu com o maior brilho e sob aplausos da assistência, lavrou-se esta ata que, por mim, Carlos Gomes de Oliveira, 1º secretário, feita e lida, foi pelos presentes assinada, em duas vias, uma das quais é incluída na urna que ora se coloca na base do Monumento, ficando a outra arquivada no Instituto Histórico e Geográfico.

DISCURSO DO DR. OSWALDO CABRAL

Exmas. autoridades, meus senhores:

Foi num dia assim como este, numa tranquila manhã como esta, que o navio dos casais amanheceu fundeado, aqui defronte, na baía do sul e, sobre esse dia, sobre esse momento, rolaram duzentos anos, passaram-se dois séculos...

Da modesta Casa do Governo, desce o Governador Silva Paes, acompanhado dos seus familiares, radiante e satisfeito, rumo à praia que chegava, então, a poucos passos daqui.

O sonho que arquitetara, os projetos que concebera estavam a tornar-se uma palpável realidade. A ideia que acalentara, de povoar o sul do Brasil, do Rio de São Francisco até os serros de São Miguel das Missões, afim de garantir aos portugueses a posse perene da conquista, afim de apoiar as armas que na Colônia do Sacramento tinham o seu brilho marcial refletido nas águas do Prata — estava, no momento, tomando corpo, vivendo o seu primeiro instante de realidade.

Estavam ali, a poucos metros da praia, envolvidos ainda no balouço das águas da nossa baía, os desejados povoadores. Estavam ali os pacíficos consolidadores da obra hercúlea que andavam brasileiros e portugueses a cimentar, neste fim de continente. Chegavam os primeiros açorianos.

Não demoram em destacar-se de bordo as canoas pejadas de gente e o coração dos que em terra a aguardava, confrangeu-se.

Os homens eram espectros, pisando o chão da praia indecisos, com os gestos tardos e com os membros trêpegos. O olhar de interesse que lhes despertava a natureza engalanada da nossa Ilha, mal dissimulava a tristeza, não da saudade, mas do sofrimento. Depois, vieram as mulheres, brancas e maceradas, acalentando e amparando os filhos, amparadas elas mesmas pelos que as acompanhavam... E a praia coalhou-se aos poucos de gente e à notícia da tragédia, com a maior rapidez, passou de boca em boca.

Haviam saído do arquipélago maravilhoso, três meses antes. Os homens, servindo aos mistérios de bordo, ao rancho e às rondas; as mulheres, trancafiadas nas escuras e mal arejadas câmaras, fechadas a sete chaves e com guarda armada, para que sobre elas não se lançasse a cubija dos primeiros. Nos primei-

ros dias, o enjôo; depois, o escorbuto. Nos primeiros instantes, a saudade mesclada à esperança de uma vida, numa pátria nova; depois, o sofrimento dos dias intermináveis... Pelas águas do Atlântico, à medida que o barco avançava, iam ficando os corpos das crianças, depois, os das mães, e por fim, os dos pais... A alimentação fresca desapareceu; a água corrompeu-se nos depósitos; — e a saúde dos mais fortes não lhes deu superioridade sobre os mais fracos, caindo uns e outros ao péso da doença.

Mas, o barco continuava, já sem alegria, quase sem esperança, rumo à suspirada pátria, que ninguém mais contava alcançar.

Entretanto, 461 pessoas conseguiram vencer os oitenta e tantos dias da viagem e, nesta praia que pisavam, entre as que as esperavam, queriam encontrar ouvidos que ouvissem o drama de cada um, mãos que se estendessem para secar as lágrimas dos seus olhos pisados, corações que se apiedassem do estado em que chegavam e vertessem nas suas dores o bálsamo da consolação.

As providências exigiam, entretanto, atividade — e, em poucos momentos, transportaram-se para improvisados hospitais os que se viam em mais grave estado e se distribuíram pelas casas dos homens prestativos e caridosos os que ainda podiam dirigir-se. E cuidou o Governador de medicar a uns e de alimentar a todos, para depois dar conta a El-Rei do que se passara e das condições em que chegara o tão esperado transporte dos casais açorianos.

Meus senhores:

Os transportes continuaram a chegar. Com intermitências, durante oito anos, foram vindo dos Açores e da Madeira os povoadores de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Quasi cinco mil pessoas tiveram a coragem de se atirar à travessia, em busca do Brasil, em busca de uma nova terra, em busca de um novo lar.

Não há notícia, em toda a História do Brasil, de uma tão grande corrente migratória, destinada ao povoamento de uma região do seu vasto território. Muito menos de um movimento como este, organizado e planejado por um verdadeiro estadista, cuja visão abrangia um ângulo mais vasto do que o dos resultados imediatos, estadista que era também um cabo de guerra dos mais ilustres: — o Brigadeiro Joseph da Silva Paes.

A terra era fértil e farta, mas despovoada... Os poucos moradores dos rincões catarinenses não podiam retirar deles tudo o que eles poderiam dar, se cultivados intensivamente. As conquistas lusitanas ao sul estavam a exigir, entretanto, não apenas pontos de apoio, mas, principalmente, postos de abastecimento. Concebeu, então, aquele ilustre homem a ideia de fazer uma verdadeira mudança em massa de elementos humanos para estas zonas despovoadas, que seriam núcleos de produção e centros de radiação do elemento luso, capazes de erguer resistência às ambições de Castela.

Por sua vez, os Açores clamavam a El-Rei a necessidade de aliviar as ilhas do arquipélago do excesso de braços e de bôcas que nelas havia e que as levava à condição de pobreza.

E, assim, amadurecidos os planos, contraiu a Coroa o transporte de quatro mil pessoas, número depois excedido, regulamentou cuidadosamente as condições da viagem, determinou sobre a sua distribuição e criação de núcleos e povoações, marcou as áreas de terra a serem distribuídas, discriminou os favores a serem concedidos, estabeleceu as isenções a que tinham direito, instituiu a assistência material, financeira e espiritual que lhes cabia. As povoações foram como que traçadas no papel, necessitando apenas escolher o terreno sobre o qual seriam instaladas: — os arruamentos foram padronizados, as dimensões das praças e dos logradouros medidas, as igrejas localizadas. Foi tudo pesado, medido e conta-

(Continúa na penúltima página)

Companhia Siderurgica BELGO MINEIRA

Usinas em Sabará e Monlevade = Estado de Minas Gerais

Produção anual: 125.000 toneladas de aço

Escritório Central: AV. NILO PEÇANHA 26 — 5º andar — RIO DE JANEIRO

A Grande Família

Fantasia relativa aos Estados Sulamericanos

A. CABRAL JOR.

Continuação

XIV — Os Ministros que deverão compor o «C. A. S. A.», (os 10 representantes dos 10 países), devem ser pessoas de notavel saber juridico, escolhidas pela mais alta cõrte judiciária do país respectivo;

XV — O «C. A. S. A.» só cuidará de assuntos referente à politica interna de cada país, a pedido do Governo do próprio país. Poderá, porém, intervir, por meios diplomaticos, quando houver iminente perigo de ordem continental;

XVI — Será da competencia do «C. A. S. A.» tudo que diga respeito aos interesses da «Grande Família», tendo por finalidade precípua a garantia da paz, harmonia e do progresso sulamericano. Deverá estudar e difundir seus pareceres sobre todos os tratados e acordos internacionais, detendo-se, mais minuciosamente, sobre os que interessam diretamente à familia;

(XVII) — O «C. A. S. A.» promoverá reuniões que serão realizadas sucessivamente em os 10 países, de interesse pedagógico, literario, esportivo, científico, artístico, militar, judiciário, commercial, industrial, etc. etc;

(XVIII) — Os membros do «C. A. S. A.», inclusive o Presidente e o Secretário, em suas faltas temporárias, serão substituidos pelos diplomatas do país correspondente, e, quando necessariamente mais longas, por outro representante enviado pelo Governo do seu país, e também escolhido pela mais alta corte judiciária;

(XIX) — Toda falta deverá ser legal e rigorosamente justificada;

(XX) — O «C. A. S. A.» deverá sempre deliberar em definitivo, com a presença de todos os membros. Entretanto, a falta, por motivos imperiosos, legalmente justificada, de tres, no máximo, não impedirá a decisão dos seus trabalhos;

(XXI) — Não há fundamento que justifique a não participação de qualquer dos membros do Conselho, presente, que assim o faça por vontade própria. A sua presença e participação devem ser obrigatórias, ainda que vote contrário á maioria, fundamentando, neste caso, o seu voto vencido.

(XXII) — Os Governos dos países da «Grande Família» devem respeitar e dar cumprimento às decisões do «C. A. S. A.»

* *

Temos assim um esboço, em linhas gerais, do «Conselho de Amizade Sul-Americana», cujas

falhas serão supridas pela alta cultura da nossa gente, que porá em seus devidos lugares, acrescentando ou diminuindo, os pontos necessários à boa organização da «Grande Família».

Bem, por hoje, termina aqui a nossa palestra. A noite há muito cobriu a terra com seu manto penumbrado pela luz suave de Cairé...

Amanhã, domingo, iremos assistir à Santa Missa na Catedral da nossa suntuosa floresta, oficiada por Jesus. Depois, desejo apresentar-lhes mais uma fórmula, cujos principios se aproximam porém, ao coração da nossa gente, uma fórmula por intermédio da qual, os laços da união continental se tornarão mais e mais apertados.

SEXTA PARTE

Mais perto do coração

Tupalamos voa sereno, altivo e majestoso, pelo espaço, e, Rudacairé seguro em seu dorso, contempla, num domingo festivo de luz, o imenso coração formado pela «Grande Família». Que pediu, Tupalamos, enquanto assistia ao divino officio?

— Fôrça, saude e fartura, para mim e a Família, — respondeu Tupalamos.

— Pois eu, além da parte material, pedi a felicidade que tanto almejamos para todos nós, perfeita compreensão: harmonia em nossa morada, e amor, sobretudo amor entre as creaturas que vivem no continente sulamericano.

— Por falar em amor, paremos aqui sobre este planalto e diga-me a respeito do que ontem vc. me prometeu. Ando aguilhoado pela curiosidade! Fiquei a pensar sobre o caso e esta-me parecendo que irei ouvir alguma dissertação sobre as excelentes qualidades aproximativas do futebol.

— Não, meu caro Tupalamos; não há dúvida que o futebol é um esporte interessante, mas quando em prélios nacionais ou, internacionais, se a amizade do adversário não é tão preciosa como entre nós. Cada vez que há um jogo internacional entre os membros da Família, pula-me, de cuidados o coração. Para a nossa finalidade aqui, o futebol tem os seus defeitos ou inconvenientes. Por vezes traz certos desagradados entre os povos na disputa da vitória, cujo espirito, de algum modo,

Mate é a mais saudavel e a melhor bebida do Brasil, recomendada pelos mais notaveis cientistas do mundo.

Tomar MATE é garantir a saude!

se altera. Como sabemos, o espirito do povo reflete o sentimento da Nação.

A fórmula de que lhe pretendo falar, é coisa muito mais interessante. Aproximará de fato a nossa gente!

O assunto envolve, certamente, consulta e beneplácito da mocidade. Mas... entremos na sua exposição.

— Muito bem. Sente-se e fale, — proprôs Tupalamos.

— Começarei por lembrar uma velha lenda de tradição romana: Contam que houve uma época em que os súditos de Rômulo, na falta de mulheres para formarem a nação, raptaram, certa vez, as esposas e filhas dos Sabinos, em uma festa adrede preparada, em a qual, elas, a convite, e ignorando suas verdadeiras intenções, tomaram parte com seus pais e maridos. Os Sabinos seriamente ofendidos com a brutalidade de semelhante procedimento, assim tão violento, organizaram-se fortemente e foram lutar com os perversos raptadores. Quando, porém, os dois povos se achavam no ardor da grande luta, surgem as Sabinas com os filhos nos braços e entrelaçam-se entre os guerreiros. As armas foram suspensas, os ânimos serenados; houve entendimento entre os povos e formaram-se assim, as populações da primitiva Roma.

— Que pretende vc. dizer com tal história escabrosa?

— Que na minha fórmula há uma longínqua analogia, — mas ouça bem e não faça confusão! uma longínqua analogia com o que acabo de contar-lhe. Pretendo somente dizer com isso, que onde estiver o concurso da mulher, o homem será sempre mais feliz em seus empreendimentos. Muito especialmente, quando toma parte interessada, também o coração. Segundo refere a lenda, Roma foi fundada daquela forma violenta, enquanto que, conosco, não haveria violência alguma, senão espontaneidade, num cruzamento em prol da amizade continental, onde falaria mais de perto o coração. Em Roma, violentamente, formou-se uma nação; aqui, espontaneamente, consolidar-se-ia a confraternização de diversas nações soberanas, em uma só Família, cujos pais e filhos reunidos, propugnariam pelo interesse de todos, guardados os interesses de cada qual.

Teríamos, pois, mediante eleições populares, as «Cairés» e os «Rudás», formando casamentos «Rudacairés», para maior e melhor aproximação da «Grande Família».

E isto não pode, nem de longe, ser comparado ao futebol!

— Vamos, diga lá a fórmula!

— Digamos que a hipótese formulada já não o seja, isto é, que já tenha passado em julgado e, portanto, falaremos tal como se com isso todos estivessem perfeitamente acordes. Formulemos, pois, as condições necessárias ao caso:

E' assim que, «CAIRE'S», serão grupos de 9 moças de cada país sulamericano, que, por direta eleição popular, dos rapazes seus patrícios, representarão o papel de embaixatrizes da amizade continental, casando com rapazes dos diversos países sulamericanos.

«RUDA'S», serão, igualmente, grupos de 9 rapazes, de cada país sulamericano, que, por direta eleição popular das moças suas patrícias, representarão o papel de embaixadores da amizade continental, os quais, depois de votados, entrarão em sorteio que determinará o país para o qual, cada um, deverá seguir, afim de contrair matrimonio com uma do grupo daquelas 9 moças que aguar-

Sociedade Beneficiadora de Madeiras Ltda.

TELEFONE 1248 - RUA 7 DE SETEM-

BRO

Blumenau

Fornecedores de Madeiras

em geral

Forro paulista

Encantoneiras de qualquer

espécie

Alinhamentos, etc.

Especialidade:

soalho marca

STROBEL

Fabrica de Vassouras «ITACY»

de Veiga, Pinho & Cia.

REPRESENTAÇÕES e CONSIGNAÇÕES

AGENTES DA: Equitativa Terrestre, Acidentes e
Transportes — Serviços Aéreos "Cruzeiro do Sul" Ltda.

Caixa Postal, 65 — Tel. «ITACY»

Laguna
S. Catarina

Banco de Crédito Popu- lar e Agrícola de S. Catarina

CAPITAL REALIZADO Cr\$ 1.640.000,00

RUA TRAJANO 16 — SÉDE PRÓPRIA

Registado no Ministério da Agricultura pelo Certificado
n. 1, em 20 de Setembro de 1939

Endereço telegraf.: BANCREPOLA — Códigos usados:
MASCOTE 1ª e 2ª edição
FLORIANÓPOLIS

Empréstimos especiais a agricultores

EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — COBRANÇAS E
ORDENS DE PAGAMENTO

Tem correspondentes em todos os municípios do Estado.

Mantém carteira especial para administração de prédios

Recebe dinheiro em depósito pelas melhores taxas

C/C à disposição (retirada livre) 2%

C/C Limitada 5%

C/C Aviso Prévio 6%

C/C Prazo Fixo 7%

Aceita procuração para receber vencimentos em tôdas as
repartições Públicas, Federais, Estaduais e Municipais

COMERCIAL E INDUSTRIAL FETT LTDA.

Indust. e Exportadores

Madeiras beneficiadas :

Forro, assoalhos, abas, caibros, reguas, e
demais madeiras para construções.
Caixarias pinho. — Resserrados.

ESCRITÓRIO E DEPOSITOS :

Rua 24 de Maio 246/258.

Tel. 23 — Estreito — Florianópolis.

End. Telegr. — "TELMO"

Caixa Postal 16

Fábrica: CAMBIRÉLA, mun. de Palhóça

dam os seus noivos, nas capitais de seus países
de origem.

Esses 9 rapazes serão enviados pelo Govêr-
no respectivo, em avião, que terá o nome de «Tu-
palamos», às capitais dos Estados sulamericanos,
para o grande consórcio.

Todos os anos, em dia do mês que depois
marcarei, serão realizados os referidos matrimo-
nios.

Compreendeu bem até aqui?

— Estou meio confuso, disse Tupalamos. —
Não poderia você dar um exemplo para esclarecer
um pouco mais?

— Está bem. Darei um rápido exemplo: —
Estamos agora em La Paz, Capital da Bolivia, por
hipótese. As eleições já foram feitas e temos as 9
moças e os 9 rapazes bolivianos, «Cairés» e «Ru-
dás», habilitados aos matrimonios «Rudacairés». Os
Rudás foram sorteados e, cada qual já sabe em
que Capital sulamericana irá contrair matrimônio.
O Governo terá um avião, «Tupalamos-Bolivia»,
no qual os 9 rapazes viajarão. «Tupalamos-Bolivia»
irá descendo em cada Capital para aí deixar o Ru-
dá que o sorteio determinou.

Em todos os países se dará o mesmo, e, em
todas as capitais, irão chegando, sucessivamente, os
noivos. De modo que, no dia marcado, 9 bolivia-
nos estarão em 9 capitais diferentes, assim como
9 argentinos, 9 paraguaios e 9 brasileiros; 9 uru-
guaiois, 9 venezuelanos e 9 equatorianos; 9 colom-
bianos, 9 peruanos e 9 chilenos. Todos estarão
nas respectivas capitais determinadas. Nove rapa-
zes sulamericanos, cada qual de um país diferente,
prontos para contrair matrimônio com as nove mo-
ças que os esperam na Capital de seu país, e,
viajarão, já casadas, para o país de origem de
seus Rudás. Terminada a cerimônia, o avião «Tu-
palamos-Bolivia», que é o exemplo, regressará a
La Paz, com 9 casais, ou sejam, nove Rudás bo-
livianos, com nove Cairés: 1 argentina, 1 para-
guaia, 1 brasileira, 1 uruguaia, 1 venezuelana, 1
equatoriana, 1 colombiana, 1 peruana e 1 chilena.

A mesma coisa, na mesma época, se dará em
todos os países.

Não lhe parece que está bem claro?

— Perfeitamente, agora está claro. Mas eu
gostaria de saber se qualquer rapaz e qualquer
rapariga podem ser votados Rudá e Cairé.

— Não, não será assim um concurso qual-
quer. Essas moças e esses moços, representarão o
que há de melhor nos diversos centros sociais de
seus países. Serão candidatos a embaixadores da
amizade continental. Precisarão ter as suas quali-
dades.

Toda moça e todo rapaz poderão ser escolhi-
dos pelos votantes, contanto que sejam portadores
dos seguintes requisitos:

DEVEM AS CAIRÉS:

- 1.) — possuir beleza física e beleza moral;
- 2.) — ter, no mínimo, um curso secundário: ginásial ou normal;
- 3.) — ter a idade de 18 a 25 anos comple-
tos;

4.) — ser solteira e legítima nacional do país
de origem: verdadeira sulamericana. (O conceito
de «legítima nacional», fica a critério do próprio
país).

5.) — ter saúde, e, uma vez eleitas, serem
submetida a exames prenupcial;

6.) — aceitar os «Rudás» que, por sorteio,
entre os 9 eleitos, lhes couber.

As bases dêste ultimo sorteio, serão expos-
tas em outra parte.

OBSERVAÇÃO: — Se alguma das eleitas não preencher os requisitos estabelecidos, será substituída pela mais votada dentre as que não alcançaram a classificação das 9 Cairés, ficando a substituta também sujeita ao preenchimento dos referidos requisitos. O mesmo se dará com relação aos Rudás.

DEVEM OS RUDÁS:

1') — possuir beleza física e beleza moral;
2') — ter um diploma de curso superior ou ser oficial de uma das forças armadas do país. Aliás, todos os anos deve ser eleito um representante de cada arma militar: exército, armada e aviação;

3') — ter a idade de 21 a 28 anos completos;

4') — ser solteiro e legítimo nacional do país de origem: verdadeiro sulamericano. (O conceito de «legítima nacionalidade», como ficou dito quanto as Cairés.)

5') — ter saúde, e, uma vez eleitos, serem submetidos a exame pré-nupcial;

6') — aceitar as «Cairés» que, por sorteio, entre as 9 eleitas, lhes couber.

CONDIÇÕES OFICIAIS:

1') — O governo de cada país garantirá o futuro de todo Rudá civil, com um cargo publico de caráter efetivo, correspondente ao seu diploma, cujos rendimentos lhe assegure, pelo menos, um padrão de vida que possa ser considerado, em boas condições. Quanto aos Rudás oficiais das forças armadas, já se acham, por sua natureza, assegurados;

a) — E' facultado ao Rudá civil, desistir do cargo publico, uma vez que a sua situação economica assim o permita;

2' — Todas as despesas do matrimonio «Rudacairé», correrão por conta dos cofres publicos da nação correspondente, inclusive o enxoval completo da noiva.

Das Eleições

(1' — As eleições populares, deverão começar em todos os países a 15 de janeiro e terminar a 15 de junho de cada ano;

2') — Devem ser processadas de modo que todas as moças e todos os rapazes de cada país possam concorrer, uma vez preenchidos os requisitos estabelecidos;

3') — Deverão seguir para Capital de cada país, no minimo 12 das moças e 12 dos rapazes mais votados, afim de que possam os juizes nomeados para tal fim, escolher entre os candidatos, os grupos de 9 moças e de 9 rapazes que receberão, em definitivo, os titulos de «Cairés» e «Rudás», e fique o restante, a postos, para uma eventual substituição;

4') — Caso, porém, a divisão administrativa do Estado da «Grande Família», seja em numero superior a 12, deverão, neste caso, seguir para Capital, um representante de cada divisão;

5') — Dia 15 de julho os mais votados deverão estar na Capital do país para o julgamento que decidirá quais os grupos das 9 Cairés e dos 9 Rudás;

6') — Dia 30 de outubro, os Rudás, já devidamente sorteados, deverão seguir no avião «Tupalamos», para as capitais que lhes foram designadas no sorteio;

7') — Dia 20 de novembro haverá, em to-



E todos, a seu turno, pedirão

«Saturno»

Fabrica de Chocolate Saturno
BLUMENAU, S. C.

Representante em Florianop.:

JOSÉ P. LIMA
Caixa Postal, 49

Se ricos quereis ficar
De modo facil e legal,
Fazei hoje uma inscrição,
no CRÉDITO MUTUO PREDIAL

CIA. WETZEL INDUSTRIAL

Joinville

FABRICA DE:

Vélas de Stearina

das afamadas marcas
JOINVILENSE - ECONÓMICA
LINDA - N.º 6 - PARA CARRO

Velinhas para Natal

em 6 lindas cores

Sabão

«VIRGEM ESPECIALIDADE»
em 3 tipos - 1/1 - 1/2 - 1/3

Glicerina

«LOURA FINA» e «BRANCA»

Massa para rolos

para tipografias.

ESTABELECIMENTOS

José Daux S. A.

COMERCIAL

Capital: Cr\$ 1.500.000,00

Sede: Rua Conselheiro Mafra 10

Fones: 1201 — 1435

Caixa Postal 176

End. Tel.: DAUX

FLORIANÓPOLIS

Santa Catarina — Brasil

Tecidos e armarinho por atacado

RÁDIOS e LÂMPADAS "PHILIPS"

Refrigeração em geral

Oficinas técnicas de Rádio e Refrigeração

CINEMAS — DIVERSÕES TEATRAIS

COMPANHIA FLORESTAL BRASILEIRA

Indústria e Comércio de Madeiras

Matriz:

FLORIANÓPOLIS, S. C., Rua 14 de Julho

(Estreito)

Caixa Postal nº 225 — Telefone nº 1520

Telegramas: FLORESTAL

Filiais:

JOINVILE, S. C., Rua Jacob Richlin (Edifício Colon)

Caixa Postal nº 155 — Telefone nº 51

Telegramas: FLORESTAL

S. PAULO, S. P., Rua B. Vista, 65, 4º, sala 4

Caixa Postal 4569 — Telefones 2-1633 — 2-5024

Telegramas: FLORESBRA

Agências:

ITAJAÍ, S. C., Rua Blumenau, nº 456

Telegramas: FLORESTAL

BOM RETIRO, S. C. — Telegramas:

FLORESTAL

SERRARIAS:

São Judas Tadeu — Espírito Santo — São José

das as capitais o «Grande Baile», em o qual os Rudás e as Cairés, mediante sorteio, serão consagrados noivos;

8) — Dia 24 de dezembro, dar-se-á o festivo e esperado matrimônio;

9) — Dia 6 de janeiro, os Rudás regressarão, no «Tupalamos», com as Cairés, para os seus países de origem.

O Grande Baile

O «Grande-Baile-Rudacairé», oferecido pelo Governo, será realizado na noite de 20 de novembro, no maior salão da Capital da Republica, (Teatro, Palácio ou Clube), com a presença de toda a fina sociedade e das altas autoridades civis, militares e diplomaticas. Traje a rigor. Para os Rudás, branco; para as Cairés, rosa. Será uma festa deslumbrante! Em lugar de destaque do grande salão, deverá ser erigida a figura suntuosa de «Rudacairé» montado em «Tupalamos», tendo o cavaleiro, seguro na mão esquerda, duas urnas pendentes, em forma de coração, com uma pequena abertura e os nomes: na do lado direito, - «Rudá» e na do esquerdo - «Cairé». Dentro de cada coração encontram-se 9 medalhas de ouro, também em forma de coração, com 32 mm. de largura, no ponto mais largo e 40 mm. de altura, inclusive a chapa da alça que prende a fita, mandadas cunhar e oferecidas pelo Governo. Circundando a orla da medalha, as inscrições: no lado esquerdo, -- «Confraternização», -- e no lado direito, -- «Sul-Americana». — Em cima, na chapa da alça, o numero, -- de 1 a 9, -- para o sorteio da consagração dos noivos. No centro, as efígies de «Rudá», em umas, e de «Cairé», em outras, com os respectivos nomes inscritos no busto. Em baixo, a data do ano correspondente ao ato.

O numero inscrito nas medalhas, de 1 a 9, servirá para determinar qual Cairé casará com qual Rudá.

Antes do baile começar será realizado o sorteio.

É o grande momento! Todo salão é presa de grande ansiedade!

Representantes de jornais e revistas, registram o acontecimento. Diversas estações de rádio transmitem os menores movimentos da grande festa, e, até os cinematografistas se acham presentes!

Entram primeiro, as Cairé, debaixo de musica e aplausos!

Uma após outra, aproxima-se da Urna-Coração, introduz a mão na abertura e retira a medalha que é logo posta ao peito, do lado esquerdo. Há no Salão um lugar destinado para elas irem ficando na ordem dos numeros das medalhas retiradas.

Entram, depois, os Rudás. A ansiedade é ainda mais crescente! Encaminham-se à Urna e retiram as medalhas. Examinam o numero e dirigem-se às suas Cairés, debaixo de intensa salva de palmas! Cada qual retira do bolso a aliança, coloca no dedo da noiva que lhe coube por sorte e com um beijo, sela o compromisso do noivado!

O Chefe da Nação, que se acha presente ao ato, os sauda com rapidas palavras e o baile começa com uma valsa somente dançava pelos noivos.

O Enlace Rudacairé

— Estamos no dia 24 de dezembro, a data marcada para o enlace «Rudacairé».

— Por que 24 de dezembro? — indaga Tupalamos.

(Continúa)

Alguns apontamentos sobre os açorianos e várias bisbilhotices

OSWALDO R. CABRAL

Do Instituto Histórico Brasileiro
O ilustre genealogista sr. Antônio Taulois de Mesquita vem de trazer ao conhecimento do público um interessante documento, por ele copiado no Arquivo Nacional, e que difunde em primeira mão.

Trata-se de uma Carta-Régia de 1728 em que se faz referência a Frei Agostinho da Trindade e da qual se depreende ter este religioso ido à Lisboa, em nome dos moradores da Ilha de Santa Catarina, aos quais assistia como pároco, "solicitar alguns particulares em benefício do comum de todos eles". Mandava o Rei facilitasse o Governador do Rio de Janeiro passagem ao padre para Santa Catarina "para que nela espere os novos habitantes que ham de vir das ilhas". Taulois de Mesquita indaga então si Frei Agostinho da Trindade não teria sido um precursor de Silva Pais, a quem se adeantava de onze anos.

Com efeito, a figura deste religioso é das mais interessantes entre as ligadas á nossa vida colonial e a respeito dele faremos algumas indiscrições... genealógicas.

Com duzentos anos de permissão, estas indiscrições não devem servir de motivo a escândalo, que estaria prestando desserviço á História quem quisesse descobri-los unicamente para lançar o ridículo sobre as figuras que se agitaram e viveram a mesma vida que nós vivemos, com as mesmas esperanças e os mesmos desenganos, que são o condimento que temperam a existência, em todos os tempos e todas as idades. A História deve ser feita à luz dos documentos e o sabor anedótico que se dá aos fatos já recobertos pela pátina dos séculos tem servido sempre para quebrar a insipidez da cronologia.

Mas, encaremos o assunto por partes.

Com efeito, antes da iniciativa de Silva Pais, Santa Catarina já fora procurada pelos açorianos. Conta-se, mesmo, que em 1692 João Felix Antunes ter-se-ia localizado em Massiambú, com 260 açorianos. Almeida Coelho dá crédito aos Autores que veicularam a notícia, embora jamais tivesse encontrado documentos que a comprovassem... Também não os encontrou para comprovar a vinda de outro grupo, em 1723, a mando de D. João V.

Nas nossas pesquisas, fomos, entretanto, mais felizes e conseguimos os nomes de alguns açorianos e madeirenses que viviam na Ilha de Santa Catarina antes da corrente imigratória de 1748-1756, nomes que ofereço aos genealogistas para os seus apontamentos. Por exemplo:

Francisco Maxado Pereira, que dizia uma vez ser natural da Ilha do Fayal e outra de S. Thiago da Ilha Terceira, filho de Bertolameu Pereira de Fontes e Maria Maxado do Rosário, neto paterno de Bertolameu Ramalho e Isabel Gregória e materno de Francisco Marques e Isabel Maxado, faleceu aqui no Desterro, onde era morador, em 1746.

Manoel Antônio de Andrade e Silva, filho do Capitão Manoel de Andrade e Silva e Felipa da Encarnação, veio do Rio de Janeiro para residir no Desterro, era morador da Vila em 1747 e natural da Ilha da Madeira.

Domingo Carvalho Quintal, que veio em 1737 com o Capitão Antônio de Oliveira Bastos, era também madeirense, filho de Manoel Ramalho de Matos e Catarina Quintal. Em 1746 já era falecido.

Francisco Espíndola de Matos, mulher e uma filha, já residiam no Desterro em 1748 e eram da Vila da Praia, ilha Graciosa. Açorianos, portanto...

Uma cunhada de Antônio Leal da Rosa, cujo nome não conseguimos apurar; Maria da Conceição, filha de Manoel Fernandes Lima e mulher de Mateos Lourenço Denis, eram açorianos: a primeira, da Ilha do Pico e a outra da Terceira.

De Angra, também na Terceira, eram José de Sousa Vieira e Antonia Maria da Conceição e todos eles já moradores da vila de Dias Velho antes da chegada dos seus compatriotas trazidos por Silva Pais.

Eis aí alguns, comprovadamente comarcões do Desterro antes da imigração. Outros terão, certamente, existido... Muitos outros, mesmo... Quando vieram? Com quem vieram? Por iniciativa de quem?

Tudo interrogações que estarão sem resposta até que sejam efetuadas pesquisas a respeito, nos Açores, na Madeira e em Lisboa, na Torre do Tombo.

Para nós, como para todos os que se dedicam ao estudo da História, o mérito de Silva Pais está em ter procurado fazer uma imigração maciça, numerosa, ponderável, capaz de mudar o aspecto da região pelo seu povoamento, de corresponder a uma finalidade determinada.

Em planificar o povoamento intensivo, em dar à iniciativa bases que até então não conhecera. Em organizar o êxodo, providenciar a localização, determinar-lhe os fins e prever-lhe as consequências.

Para que a iniciativa dos seus precursores, que certamente os teve na idéia, e Taulois de Mesquita acaba de nos revelar um deles, em documento autêntico e valioso, pudesse tornar-se realidade, era preciso não apenas lembrar e pedir mais gente. Mas estabelecer o movimento, das suas origens às suas consequências. Dar-lhes corpo, e base sólida à realização. E, sobretudo, mostrar a sua viabilidade, concretamente. Foi o que Silva Pais fez. Mais, realizou. Era um estadista — e, justamente nisto vai a diferença entre o visionário e o homem de Estado...

Agora, Frei Agostinho.

Religioso da Ordem do Carmo, em 1704 era presidente da Comunidade de N. Sra. da Conceição de Itanhaém. (Boiteux). Varão eminente em virtude e muito instruído na língua brasileira (Paiva), em 1714 figura nos registos de casamentos como "vigário desta matriz" (Fontes). Em 1728, como documenta Mesquita, estava no Reino tratando de interesses dos moradores de Santa Catarina. Tinha, pelo que supõe o distinto genealogista, idéias de povoador.

E não só as tinha... como as punha em prática.

Aqui vão as bisbilhotices.

Em 1747, Josefa da Silva Carvalho, casada com o genovez Lorenzo Maria Gaetano, requereu entrada para uma das confrarias religiosas da Vila do Desterro. A informação aposta ao pé do requerimento diz que "da mãe não sabemos mais do que he publico e notorio ser Natária" e de que "o pae se dizia ser Frei Agostinho da Trindade"...

Natária, a que se refere o documento, era Natária Gomes Cuelha, filha natural de Pedro Vaz Coelho e Mariana Gomes, naturais todos de Mogi, São Paulo, conforme o documento seu que a pretendente requeria a sua admissão. Lucas Boiteux encontra referências a esta gente na Genealogia Paulistana de Luiz da Silva Leme, vol. 8º pags. 30. Mais: em Pedro Taques, que Natária fôra casada com Tomé Moreira Velho. Lucas supõe que a excelente senhora era já viúva (os Caetanos da Silva, publicado no "Jornal do Comércio" e no Anuário Catarinense de 1948,) quando veio residir em Santa Catarina e que o casal houve 2 filhos e 4 filhas, entre estas Josefa.

Um dos filhos, Antônio da Silva Carvalho, irmão de Josefa, declarava-se natural de Santa Catarina, filho de Natária Gomes e pai incógnito (7-4-1757). Outra filha, de nome Maria Rita de Jesus, dizia-se em documento idêntico ao dos irmãos referidos, filha de Natária Gomes e de Agostinho da Trindade.

Dos outros irmãos não temos noticia documentada.

Este tronco deixou descendência ilustre, muito ilustre mesmo. Josefa e Lorenzo houveram, segundo Lucas, 6 filhos, e entre outros: Aleixo Maria Caetano, que foi homem conceituado no Desterro, um dos notáveis do seu tempo, e que chegou a fazer parte do triunvirato que tomou, em 1800, a direção dos negócios da Capitania, quando faleceu o Governador João Alberto Miranda Ribeiro; Rosa, casada com Antônio dos Santos Xavier, o Xavier das Contas; Lourenço, que chegou ao posto de Tenente General; e Anna Maria, afilhada e tutelada do Sargento-mor Jacinto Jaques Nicós. Esta, por sinal, quasi que complica a árvore genealógica, dizendo-se neta de Natária Gomes... e de Manoel Lopes Guimarães!

Aleixo Maria Caetano veio a ser antepassado de um grande brasileiro, o ilustre dr. Joaquim Caetano da Silva, autor de "*L'Oyapock et l'Amazoné*", obra de sabio e de pesquisador, na qual Rio Branco baseou a defesa do Brasil na célebre questão do Amapá (Lucas).

Maria Rita, irmã de Josefa, filha de Natária Gomes, veio a casar-se com José Mendes dos Reis, que era *sancristão*, e que, como Jacinto Jaques Nicós, veio em 1737 para Santa Catarina com o Capitão Antônio de Oliveira Bastos. Veio a ser também, com os anos, abastado morador do Desterro, tendo deixado o seu nome ligado ao bairro que ainda o conserva: — José Mendes. E, como homenagem ao pai da esposa, a um dos filhos fez batizar com o nome de... Agostinho. E fê-lo padre — e, por sinal, excelente padre saiu ele, sendo neste sentido unânimes as opiniões colhidas nos documentos de várias fontes que consultamos...

Até aqui as nossas indiscrições.

O Brasil venceu o Uruguai pela 1a. vez em 1916

Nelson Maia Machado

Todos, ou quase todos os esportistas, acreditavam que nossa primeira vitória sobre os uruguaios tinha sido aquela memorável façanha da «Copa R. Branco» de 1932, na qual, com um conjunto modesto, despretencioso e bisonho conseguimos uma soberba vitória sobre os campeões do mundo. Constituiu uma proeza de tamanha relevância que o público nacional esqueceu completamente outros grandes sucessos do futebol brasileiro no passado. Predominou entre a maioria a crença de que nunca tínhamos tido oportunidade de vencer os uruguaios, em Montevideo, outra vez além dessa que marcou nosso segundo feito na «Copa Rio Branco». Em verdade, dissemos que predominou, porque estamos certos de que a partir de hoje todos ficarão sabendo da existência de um outro triúnfo brasileiro na capital oriental, obtido no ano de 1916 sobre os então campeões sul-americanos. Não mais haverá razão para se continuar acreditando que derrotamos apenas uma vez nossos poderosos rivais em sua própria terra. Já naquele longínquo ano, quando ainda estávamos começando a manter intercâmbio com outros países, o Uruguai conheceu o valor do futebol brasileiro, sofrendo uma derrota em sua própria «cancha».

Após o sul-americano-extra disputado em Buenos Aires, no regresso de ambas as delegações, nossos representantes foram convidados a fazer uma exibição em Montevideo. O convite foi aceito e nossos patricios en-

frentaram o mesmo quadro que havia levantado o título em Buenos Aires, o qual nem mesmo uma alteração apresentou durante todo o desenrolar da peleja. Ela terminou com uma sensacional e inesperada vitória dos brasileiros por 1 a 0, tento de Friedenreich. Vários elementos da nossa seleção tiveram destacada atuação. Entre os mais brilhantes, podemos salientar: Lagreca, Friedenreich, Carlito, Alencar e Marcos. Todos, entretanto, se portaram com excepcional bravura e mereceram o belo feito.

Eis a constituição dos dois selecionados: BRASILEIROS — Marcos (Fluminense), Neri (Flamengo) e Carlito (Paulistano), Lagreca (Palmeiras), Sidney (Flamengo) e Galo (Flamengo), Menezes (Botafogo), Alencar (Paulistano), Friedenreich (Paulistano), Mimi Sodré (Botafogo) e Arnaldo (Santos). — URUGUAIOS — Saporiti, Foglino e Pacheco, Varela, Delgado e Vanzino, Soma, Tognola, Piedibine, Gradim e Romano.

Dr. Remigio

Molestias Internas em Geral — Doenças das Senhoras e Crianças

CONSULTÓRIO:

Rua Felipe Schmidt
Edif. Amélia Neto — Fone: 1392
Consultas: 9 às 11 — 14 às 16 horas

RESIDÊNCIA:

Lgo. Benjamin Constant, 6
Fone: 1392

Escritório Imobiliário

A. L. Alves

Rua Deodoro n° 35
-: Florianópolis :-

Encarrega-se de: compra, venda, hipoteca, legalização, avaliação e administração de imóveis.

Organiza, também, papéis para compra de propriedades pelos Institutos de Previdência e Montepio Estadual.

O Laboratório Radio Técnico

executa conserto de vosso radio com a máxima garantia e perfeição, a preços razoáveis.

Técnicos: B. BOUSON
H. SALOLOMONI
(ex-radio-técnico da Cruzeiro do Sul)

Anexo oficina de conserto de máquinas de escrever

Rua Vitor Meireles, 18, - Salas 2 a 6

Oficina: Tiradentes, 22 A



Cavalheiro!

Seja fan do «Gostozão» do século XX

«Aperitivo KNOT»

Senhorita!

O Eleitorado feminino elegeu líder majoritário

«Guaraná KNOT»



MADEIRAS E FÉCULA

LUIZ OLSEN S. A.

RIO NEGRINHO

Santa Catarina — Brasil

SERRARIAS

Madeiras

em bruto e beneficiadas

PASTA MECANICA

End. telegr.: «LUIZINHO»

Códigos: «Ribeiro» e «Mascotte»

ESCRITÓRIO EM JOINVILLE

Caixa Postal, 190

"Evolução Cultural"

O conhecido escritor catarinense, Professor Arnaldo S. Thiago acaba de editar «Evolução Cultural».

Trata-se de uma obra que iniciou, em 1938, com «Breve Notícia histórico-descritiva de São Francisco» e prosseguiu em 1939, com «Remanescentes brasileiros de uma civilização ameríndia», sobre a geografia, a história e etnografia, e o desenvolvimento cultural de São Francisco do Sul, neste Estado, mas visando a obra mais ampla: servir de estímulo aos 1574 municípios brasileiros, para que façam o mesmo, o que redundaria em um conhecimento detalhado de todos esses aspectos do Brasil.

Por esse motivo propugnou, em 1944, no Congresso de Geografia realizado no Rio de Janeiro, pelo incentivo dessas monografias, em todos os municípios e conseguiu, agora, na reunião de 30 de Dezembro que a mesma inscrevesse no programa dos trabalhos no próximo Congresso de Geografia, a reunir-se, para o ano, em Belém do Pará, um apelo no mesmo sentido a todos os governos estaduais, o que foi aprovado, conforme publicação contida no «Jornal do Comercio», de 5 e 6 de Janeiro do corrente ano, sob o título «Sociedade Brasileira de Geografia». A proposta apresentada à Sociedade, é a que publicamos em nosso último número.

O nosso prezado colaborador, em data de 9 de Janeiro, recebeu de S. Exa. o sr. Vice-Presidente da Republica, Dr. Nereu Ramos, a propósito dos trabalhos publicados, a seguinte carta: «Prezado patricio, sr. Arnaldo S. Thiago. Estou recebendo os opusculos com os seus excelentes trabalhos «São Francisco do Sul» e «Ibiporanga».

Como catarinense, é com encantamento que vejo tudo quanto se faz pela nossa terra natal. Como brasileiro, é com jubilo cívico que vejo todo o esforço para tornar conhecida alguma cousa do nosso imenso país. Oxalá a sua iniciativa seja continuada sem esmorecimento.

Um cordial abraço do
(as.) NERÊU RAMOS*.

Além do citado, editou o nosso prezado colaborador o poema «Ibiporanga» (Terra Bonita), hino de louvor à sua terra natal, São Francisco do Sul.

«Atualidades», que conta com a colaboração do professor Arnaldo S. Thiago, envia-lhe sinceros cumprimentos pela publicação de tão importantes trabalhos.

CLINICA MÉDICO-CIRURGICA

- do -

Dr. Saulo Ramos

Ex-assistente do Prof. Brandão Filho - Rio.

Consultório e residencia:

PR. PEREIRA E OLIVEIRA N. 10

Dr.

A. DAMASCENO DA SILVA
ADVOGADO

Ações cíveis e comerciais
Esc.—Rua João Pinto, 5—Térreo
(Anexo ao jornal «O Estado»)
Florianópolis—Santa Catarina

Livros Novos

«A CONDIÇÃO HUMANA», de André Malraux, é um romance excepcional, julgado pela critica do mundo inteiro como um dos mais transcendentos e importantes do século XX. Conquistou o Prêmio Goncourt e é freqüentemente reimpresso na França, Inglaterra, Estados Unidos, etc.

André Malraux, homem de ação e escritor de personalidade vigorosa e multiforme, é uma das figuras mais elogiadas e discutidas da literatura universal contemporânea.

«A CONDIÇÃO HUMANA» não é só um romance de alto valor e de empolgante leitura; é também uma síntese estupenda da luta formidável em que se empenha uma geração que adquire consciência de si própria e forceja por romper as pesadas cadeias que a prendem a um passado morto e sem sentido. É o reflexo vivo das perplexidades e conflitos com que se defronta o homem do nosso tempo, dividido entre a inércia do passado e a dinâmica do futuro.

«A CONDIÇÃO HUMANA», o mais célebre romance de André Malraux, foi fiel e integralmente traduzido por Lívio de Almeida. Apresenta-se em elegante volume e acaba de ser publicado pelas «Edições Mundo Latino», do Rio de Janeiro.

**ALFAIATARIA
FORNEROLLI**

RUA TIRADENTES, 8
Elegância de seu corpo !

Dr. Ivo Mosimann
Cirurgião-Dentista

Praça 15 de Novembro, N.º 12
Florianópolis

Livraria Moderna

de PEDRO XAVIER & CIA.

Tipografia - Encadernação - Pautação

Rua Felipe Schmidt, 8 - Cxa. Postal 129
Telefone 1418

PAPELARIA - MIUDEZAS - ARTIGOS
ESCOLARES - FIGURINOS - REVISTAS
ESTAMPAS - ARTIGOS DE PINTURA
E DE ESCRITÓRIO E DE DESENHO etc

Alvaro Sant'Helena Borba

Escreveu especialmente
para "ATUALIDADES"

Súplica

Para a Georgina

De um Deus clemente e bom, nos transes delirantes,
Supliques para mim, ó mãe, o amor superno;
Dá que eu esqueça, um dia, os meus crueis instantes,
Tu que subiste aos céus, deixando-me no inferno!

Estejamos, embora, um d'outro bem distantes,
Envia o teu olhar de mãe, olhar tão terno;
Emana de tu'alma um brilho como, dantes,
Aos passos meus guiava o teu amor materno!

Que à vida mais prazer me dê, maior deleite,
E faça reviver o amor com que dotei-te,
Na flama divinal que à gloria me conduz;

Aquece, ó mãe querida, o peito meu tão frio
Pois que este meu viver é um viver sombrio
Enfrente à claridade escassa de uma luz!

Ressurreição

À Olga

Vês, meu amor, por entre aquelas araucárias
O campo santo além, minúscula cidade
Dos mortos? — Pois é lá que os desgraçados, párias
Da vida, vão fruir a tal FELICIDADE.

Do mundo destes máus, de condições tão várias,
A nossa mãe livrou se e, livre da maldade
Humana, retornou às leis igualitárias
Dos céos. A ETERNIDADE é justa, a ETERNIDADE...

Olha: quero dormir também ao lado dela,
Ausente de mim mesmo e a tudo o que revêla
A remançosa paz das noites de luar;

Que o dia há de chegar em que Ela, como um hino,
Venha, como nos meus bons tempos de menino,
Dizer: — «TUTU, meu filho, é hora de acordar!»

Cervejaria Catarinense S. A.

'OURO PILSEN'

a nossa cerveja de alta qualidade e de
preço ao alcance de todos.

Representante: J. BRAUNSPERGER

Rua Felipe Schmidt, 41. Telefone 1350

Se ricos quereis ficar
De modo facil e legal,
Fazei hoje uma inscrição,
no CRÉDITO MUTUO PREDIAL

CÔMERCIO E INDÚSTRIA
K. RAMTOUR

Florianópolis - S. Catarina

FA'BRICA DE BANHA

Produtos suínos - Conservas - Comestiveis - Salsicharia - Laticínios - Aves frigorificadas - Ovos etc.

MERCADO PUBLICO MUNICIPAL

Invocação Sombria

ARY LUCAS CARIONI

De súbito, acordei. O vento assobiava,
Em fúria louca, pela noite escura!
Era um tórvo ruído de amargura!
A triste noite o pranto derramava...

Chovia lentamente.
Além do quarto êrmo, as árvores molhadas
Queriam retratar, assim, quando curvadas
Pelo bravío vendaval veemente,
A turva sombra da minh'alma doente...

Quedei silencioso...
Pensei em nós, no nosso amôr, que outr'ora
Fôra a minha existência... E dêle resta, agora,
Envôlto na saudade, um coração que chora,
Desesperado e louco!

E não mais resisti!
Chamei, com toda a força que possuía,
O peito impregnado de agonia,
Aquêlê velho amôr!... Mas, quási enlouqueci
Quando clamei por ti!

Depois — Rosalva minha —
Cançado de gritar e desganhado e rouco,
Olhei de novo a noite. O pranto, pouco a pouco,
Vertia-me quente e pelas faces vinha
Testemunhar-me a sorte bem mesquinha...

A noite inda chorava...
Com éla, o féro vento inda gemia...
Pairava no ar funérea melodia...
Nisto, senti que alguém se aproximava
Da minha porta. -- «Quem está aí?» «Rosalva.»

Titubeando ainda,
Lancei-me em direção áquela porta,
Onde algo ficou que ainda me exórta!
Abri-a. Empalideci! A tua vinda,
Embóra breve, embóra ha tempos finda,
Suavizou-me a dôr — pois vieste tão linda,
Que me esqueci de que já estavas morta!

Florianópolis, Fevereiro de 1948.

Isso é a Vida

A JOSÉ CORDEIRO

O universo, amigo, é todo igual.
A terra, o ceu, o mar, a humanidade;
dos cinco continentes — em verdade,
nenhum se furta à ordem natural.

Em todos ha o bem, existe o mal;
ha mentira, desdem, amor, verdade,
traição, perdão, rancor, felicidade;
estrela, lua, agua, vegetal...

Em cada coração, ha um pecado;
em cada pranto, um coração pisado.
E... neste molde a vida continúa...

Amigo, o universo é todo assim.
Tudo que é bom tem algo de ruim,
como uma sargeta suja em cada rua.
JUVENAL MELCHIADES DE SOUZA

A CLIPER

Rua Trajano, 4

Confecções finas

Tecidos em geral

Grande sortimento

de

Tapetes e Congoleuns

Sociedade Anonima Comercial

CASA MOELLMANN

Casa fundada em 1869 - Com Filial em
Blumenau.

FLORIANÓPOLIS - Caixa Postal, 96

Secção de Artigos para
Presentes :

Praça 15 de Novembro - Esquina Rua João Pinto
Tapetes - Malas finas para Avião -
Geladeiras - Utensilios Domesticos -
Cristais - Objetos de Arte - Valises e
Bolsas - Aparelhos de Porcelana para
Chá e Jantar - Jogos de Cristal para
Mesa e uma infinidade de outros Ar-
tigos para Uso Domestico e Ornamento
do Lar.

Secção de Ferragens :

Rua João Pinto, 2

Ferragens - Tintas - Oleos - Material
para Construções - Cimento - Louça
Esmaltada e de Alumínio - Cutelaria.

Secção de Automoveis :

Automoveis e Caminhões DODGE.
Aceitamos encomendas para entrega
oportuna.

Pecas Ford, Chevrolet e Dodge.

Acessorios para Automoveis.

COMEMORAÇÕES DO SEGUNDO CENTENÁRIO DA COLONIZAÇÃO AÇORIANA

(Conclusão)

do... Não era uma aventura, era uma realidade; não era uma conquista, sujeita aos azares da sorte, era uma fixação previamente estudada, projetada e calculada.

Da vila do Destêrro, centro de todo este movimento, deveria partir o contingente humano destinado a cada núcleo — mas Silva Paes tinha, não se pode negar nem esconder, os seus amores por esta Ilha, que o havia enfeitado, e fez nela as primeiras tentativas e distribuições: — em torno da Vila, para trazer do Morro, para Santo António, para a Lagoa, para o Rio Tavares, para o Ribeirão — e, quem não descobre nesta distribuição, nesta escolha dos lugares para o estabelecimento dos casais, uma alma de artista no ilustre Brigadeiro, colocando, justamente nos pontos mais belos da nossa Ilha, naqueles em que, certamente, andou demorando a sua contemplação, prêsos pelas belezas naturais que eles encerram, os seus desejados povoadores?

Quem não sente que até esta preocupação teve aquele estadista, a de não desapontar os colonizadores que vinham das maravilhosas ilhas nativas, destinando-lhes justamente os pontos em que a Natureza fôra pródiga em beleza e encantamento?

Mais tarde, os seus sucessores encaminharam as levas para o continente, para São Miguel, para São José, para a Enseada de Brito, para os Campos do Magalhães, donde originou, pelo refluxo, a Vila Nova de Sant' Ana, tudo no rumo que traçara a Coroa, segundo as sugestões do Brigadeiro.

E, quando tocou a vez de embarcar para o Continente de São Pedro, os novos colonos estabelecidos resistiram: — já amavam esta gleba e preferiram nela ficar. Para o sul foi preciso embarcar, à força, alguns e, tendo o Rei desaprovado a medida violenta, aproveitou-se um contingente que mal havia desembarcado de um transporte, para fazê-lo seguir, antes que o prendesse a Santa Catarina o encanto irresistível que aos primeiros já prendera.

Duzentos anos, meus senhores, são decorridos daquele momento, daquele dia da chegada à nossa terra dos nossos antepassados.

Se as fainas agrícolas não conduziram à vitória esperada, se os açorianos não imitaram os gregos, dos quais dizia Homero que lavravam o solo aspirando com delícia o cheiro da terra revolvida de fresco, se não realizaram eles o sonho de Silva Paes, limitados nas suas esperanças à criação de núcleos agrícolas, entretanto alicerçaram obra de maior envergadura: — o açoriano e o madeirense, pela sua descendência, conservaram para o Brasil este pedaço de chão sobre o qual o castelhanos ousou pôr o pé, mas não logrou deixar a mão, nem descansar a cabeça.

Porque o açoriano foi o soldado do heróico e valeroso Regimento de Linha da Ilha de Santa Catarina; foi o marinheiro que varejou os nossos mares, com a sua audácia e com o seu destemor; foi quem desembainhou a espada pela mão de um Polidoro, de um Fernando Machado, de um Xavier de Sousa, quem colheu glórias pela bravura de um Osório. Foi quem pisou o convés de quilhas imperiais e quem abriu o fogo das baterias das cascas de nozes garibaldinas; foi quem cantou pela lira de um Marcelino Dutra e de um Quintanilha; quem serviu a sua terra por um Jerônimo Coelho, por um Silveira de Sousa e por um Melo e Alvim; e foi quem andou a esmolar para os pobres e desgraçados, pela mão de um Irmão Joaquim, semeador de casas de assistência por este Brasil a fora...

Deu tudo de si — e dele cabe-nos um legítimo sentimento de orgulho, pois foi pai de heróis e de poetas, antepassado de músicos e de santos!

Não poderíamos deixar, neste dia, de perpetuar, num monumento, os laços de gratidão que nos unem a estes antepassados, pelo valioso legado que nos deixaram, principalmente a língua, que a trouxe com melódica e viva como a falavam e cantavam nas suas ilhas ensolaradas, e os sentimentos, que são aqueles de povo livre e consciente de que tanto nos enriqueceram.

Simples, entretanto, será este monumento da nossa gratidão, cujos fundamentos, neste instante lançamos: — um obelisco de pedra, uma das quais virá dos Açores.

Não escolhemos nem o ferro nem o bronze, que estes se moldam... E, porque o granito quebra mas não cede, quisemo-lo no marco comemorativo deste bi-centenário, para exprimir também o nosso agradecimento pela parte mais preciosa da herança que nos tocou: — aquele alto padrão moral de integridade e de pureza de caráter que continua a ser apanágio da gente barriga-verde.

Meus senhores: Foram palavras do Senhor ao seu Povo, gravadas no livro do Exodo, como uma promessa formal a ele feita: "Darei a vossa posteridade toda esta terra de que vos falei, e vós a possuireis para sempre".

El-Rei repetiu a promessa do Eterno, quando aos seus vassallos do Arquipélago apontou as terras de Santa Catarina para sua nova pátria. Eles a amaram e a serviram.

E nós, com os exemplos destes nossos heróis epônimos, transmitiremos à posteridade o amor que a esta terra eles devotaram, para que ela a possua para sempre e a engrandeça eternamente.

DISCURSO DO DESEMBARGADOR HENRIQUE FONTES

A imigração dos insulanos portugueses para terras de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul é fato a que ainda não se deu o devido relevo. A ele só de fugida se referem historiadores brasileiros e portugueses. Nem mesmo escritores dos arquipélagos de que saíram os colonos, ao que me consta, têm perscrutado aquela emigração planificada e a sua sorte nas terras em que se arraigou.

O silêncio dos historiadores regionais explicar-se-á pela omissão dos historiadores gerais e também, por certo, porque, num tempo em que as comunicações eram precárias, demoradas e escassas, acabaram os que permaneceram em suas glebas por perder notícias de seus parentes e antigos vizinhos. E sobre esta explicável falta de correspondência entre os contemporâneos veio a cair ainda o esquecimento, que o tempo traz fatalmente. E pena foi que açorianos e madeirenses passassem a deslembrar-se dos velhos compatriotas, porque é possível que, com exagero patriótico muito desculpável, a eles aplicassem os versos de Camões: "entre gente remota edificaram novo reino, que tanto sublimaram".

Meus senhores, Os fatos históricos são como as montanhas alterosas e os edifícios elevados: precisam de distância para serem devidamente contemplados. Distância no espaço, para as eminências; distância no tempo, para os fatos. Entre as eminências e os fatos há, porém, esta grande diferença: o monte e o edifício são coisas já completas; podem ser, desde logo e em si mesmos, contemplados; mas os fatos têm o valor condicionado às suas consequências. Os fatos são sementes; e sementes de que os semeadores, conscientes ou inconscientes, ignoram não só a força germinativa senão também o que delas necessariamente reventará. Há tanta empresa prósperamente começada, que se malogra, e há tanta iniciativa obscura e desambiciosa, que frutifica pomposamente... O homem põe e Deus dispõe.

Meus senhores, No caso concreto da colonização insulana, temos já a distância de dois séculos. Sabemos que se frustraram os sonhos lusitanos de levar o domínio ao estuário do Prata, sonhos a que se prendia bem estudada colonização do Brasil meridional; sabemos também que dos colonos ilhéus aqui estabelecidos não saíram os lavradores nêles esperados; mas sabemos também, porque sentimos e palpamos, — e muitos de nós o sentem no próprio sangue, — que os ilhéus aqui cresceram e triunfaram, contribuindo preponderantemente para rija base de cultura luso-brasileira, que enfrentou e absorveu ou modificou outras culturas, sendo elemento de segurança e de progresso para o Brasil.

Isto tudo está a ressaltar das comemorações que, com o patrocínio dos poderes públicos e com o aplauso e o interesse do povo, estamos realizando. Reassou ontem, na oração erudita e comovente do sr. dr. Oswaldo Rodrigues Cabral; ressoará, dentro em breves momentos, na palavra eloquente e autorizada do sr. dr. António Nunes Varella; ressoará amanhã no verbo sábio e piedoso do exmo. sr. Arcebispo Metropolitano; e, no Congresso de História, que reuniremos em outubro, se Deus quiser, ressoará em sinfonia também alta, vibrante e gloriosa.

ORAÇÃO DO SR. ARCEBISPO METROPOLITANO

Te Deum laudamus: te Dominum confitemur. Exmo. sr. Governador do Estado; exmo. sr. presidente do Tribunal de Justiça; exmo. sr. presidente da Assembleia Legislativa; exmo. sr. Prefeito Municipal; exmas. autoridades civis e militares; exma. Comissão promotora; srs. — Quando o Apóstolo S. Paulo, na sua carta aos Tessalonicenses, lhes manda que deem graças por tudo: *in omnibus gratias agite*, além de acrescentar que esta é a expressão vontade de Deus, à qual não é estranha a pessoa de Jesus Cristo: *in Christo Jesu*, claro deixa perceber — e disso nos dá testemunho a própria consciência — a multidão de benefícios, na ordem natural e sobrenatural, de Deus e de seu Cristo recebidos.

Graças, então, por tudo: *pro omnibus*. Por tudo, ou por esse todo. E sempre, sem distinção de tempos, nem de lugares: *semper et ubique*, segundo a antiga e venerável oração da Igreja.

E se por tudo: *pro omnibus*, — até pelos benefícios que, no ângulo estreito da nossa visão mais ou menos egoísta, pudessem ser considerados malefícios, e que não são — homens ou coisas —, considerados à luz da reta razão, sobretudo esclarecida pela fé, senão, como o proclama o autor de *Le mie Prigioni*, "admiráveis instrumentos que sabe sempre empregar a Providência para fins dignos de si".

Em verdade, para o poeta pagão podia o mundo rolar, desfeito, das esferas, que o sábio permaneceria impávido e sereno diante de tantos destroços e ruínas: *impavidum ferient ruinae* (Horácio, l. III, ode 3ª v. 8). Para o cristão, até o sofrimento pacientemente suportado, é uma bemaventurança. E já, no seu monturo, tem expressões que se podem comparar aos aleluias do nosso canto litúrgico: *Te Deum laudamus: te Dominum confitemur*.

Ora, o fato que hoje comemoramos, na incidência, precisamente, de seu bi-centenário de existência, — pelo alto pensamento que o inspirou; pelas consequências que produziu; pelos reflexos nos destinos da nacionalidade, inseparável, que é, da sua unidade territorial, linguística e religiosa, — generoso e nobre anseio de toda a pátria bem constituída —; fato que aí está, palpável, diante dos olhos, traz-nos à memória, por ventura com mais razão e verdade, as palavras do poeta: "Nós um bem lhe devemos, que gozamos". Bem de ordem natural, antes de tudo, mas verdadeiramente bem, e desses que Deus, por vezes, concede às pátrias privilegiadas. Porque ajudou a constituir-la, distendendo-lhe, gradativamente, os limites até o ponto da sua natural convergência com os domínios de Castela; ou, pelo menos, confirmando os já publicamente reconhecidos, pois deviam povoar os novos colonos — e eram vários milhares — desde o Rio S. Francisco, ao norte, até o Cerro de S. Miguel, já no atual Estado do Rio Grande do Sul, engrossando particularmente os casais de Destêrro, Enseada de Brito, Laguna, e povoando aquele Estado sulino, que só mais tarde, já constituído, se viria a desmembrar do Estado de S. Catarina. De Destêrro, cuja vida, propriamente, só então começou de verdade, lançando aí, como em S. José, como na Laguna, como nos pontos em que se achou localizada, e segundo já foi, com razão, acentuado, os fundamentos reais de povoações que, sem deslustrar confrontos, foram e estão sendo o berço de tantos catarinenses ilustres.

Certo, pois, que se nos designios da Coroa, ocupada, então por D. João V, a emigração tinha por fim descongestionar as pequenas e superlotadas Ilhas, ainda assim não deixava

POMADA
MINANCORA
NUNCA EXISTIU IGUAL

PARA FERIDAS,
ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES,
COCEIRAS,
FRIEIRAS,
ESPINHAS, ETC.

de conseguir aquelloutra finalidade, que consistia em procurar "ao Brasil um grande benefício em povoar de cultores alguma parte dos vastos domínios do Estado", como se lê no edital de El-Rei, de 1747. E, se nem sempre, como fôra para desejar-se, prosperou o rude amanho da terra, que já mais tarde, outros braços vieram arrotear, estará o fato nas especiais circunstâncias, ou na própria natureza das coisas, com resultados, portanto, mais ou menos previsíveis, visto como de boa linhagem os primeiros colonos que compunham a primeira leva, de improviso se acharam em contato com a natureza, mais apta, em verdade, não para quem se ocupa de foros de sangue, senão, pelos menos na prática, "para os que se criaram com foice e machado na mão".

Vindos, porém, em levadas sucessivas e numerosas, concorreram para formar o bloco homogêneo — atalaia, por assim dizer, da fronteira —, ali deixando com a implantação dos mesmos costumes, língua e religião, a chave para a solução de problemas que, previstos, talvez, apenas, não deveriam ser estranhos, mesmo para a adequada solução, aos nossos próprios dias.

Natural, também, mesmo independente das circunstâncias de tempo, que não deixasse de merecer a necessária atenção o problema religioso. E, particularmente, pelo estado em que se encontrava, ou pelo modo como se via arrastando, em tempos tão áspersos, e em regiões tão distantes do verdadeiro centro propulsor. Compreendeu-o Silva Paes, que, pela sua clarividência, pela sua dedicação e capacidade, levantando fortalezas, arrematando batalhões, como o famoso Regimento Barriga-Verde, de tão clara e gloriosa memória, todo consagrado ao bem público, mereceu, com justiça, ser considerado e mesmo consagrado "o maior governador catarinense dos tempos coloniais". Compreendeu-o, lisamente proclamando que a escassez de sacerdotes, tais como os que se requeriam, era "hua falta tão censível e de tantas consequências". E eis porque, ainda nesse ponto, é incansável em secundar, pelo melhor modo, as ordens que vêm de cima; a procurar a devida instalação aos nomeados para esta empresa, que foram os padres Francisco de Faria e Bento Nogueira, da Companhia de Jesus; a auxiliá-los nos vários misteres, vivamente interessada pela melhor difusão das verdades cristãs, mesmo porque, declarava, "já há muito tempo se não ouviam, por falta de obreiros evangélicos", — até por que pároco não havia, desde longa data, desavindo, que estava, com os seus fregueses. De sorte que só agora, quasi um século mais tarde, se constituía, com a vida civil, a religiosa propriamente dita, difundindo-se a doutrinação, insistindo-se nas verdades austeras, introduzindo-se, com a restauração dos costumes, para o que não faltava o apoio superior, uma vida cristã intensa e generalizada. Missões são pregadas, com grande proveito, começando por Destêrro. Estendem-se, depois, a todas as fortalezas, das quais os milicianos se aproveitaram para a desobriga e cumprimento do preceito pascal. Chegam até a Lagoa. Vão a outras localidades, passando das catarinenses às localizadas no Rio Grande do Sul.

Ao brigadeiro Silva Paes sucede o tenente-coronel Manuel Escudeiro, que, como o seu antecessor, deixou um nome altamente respeitado. Coube a d. José de Melo Manuel — executando, aliás, a idéia e o plano traçado pelo Brigadeiro —, assistir ao lançamento, com toda a solenidade, da primeira pedra da nova Matriz, que sucedia à primitiva, "de pequena capacidade e simetria", e que é o venerável e piedoso templo que ali está, em cujo recinto, pósto que mais vasto, ora assustosos, engalanados os altares na sua feitura rara de entalhe, que tanto recomenda a capacidade antiga, e que, reestruturado em 1922, por ocasião do Centenário da Independência; enriquecido de pintura, em 1939; exornado de vitrais, os escolhidos e mimosos vitrais, tão próprios da casa de Deus, com pompa inagurados a 1º de janeiro do ano corrente, — é o mesmo templo de antanho, com a sua bem acabada e sólida construção, adaptado, embora, como era necessário e se fazia mister, respei-

No Outono da vida

Conclusão

— Jura minha filha, que guardará segredo absoluto sobre o que disse o médico.

No dia seguinte ela mandou chamar Ricardo.

— Ricardo, ainda me queres para tua mulher?

Ele caiu-lhe aos pés.

Ela podia amar sem remorsos, sem hesitação, certa de não viver demais para que ele pudesse mal-dizer a mocidade. Gozar alguns dias de felicidade e depois desapa-recer, deixando de si uma recordação suave e inesquecível...

Apressaram o casamento.

Ricardo já não reconhecia nela, delicada, apaixonada, a mulher que o fizera sofrer tanto.

E quando depois do casamento, passou o braço pela cintura da mulher amada, a pertando-a ao coração, disse:

— Finalmente és minha para sempre.

Ela não pôde reprimir um ligeiro frêmito. A palavra "sempre", recordou-lhe a sentença do médico — "DOIS ANOS".

Um sorriso subiu-lhe aos lábios, pensando que muitas vezes havia oferecido todos os dias de vida que lhe restavam, por algumas horas de alegria e que dois anos de felicidade junto do ente amado, valiam toda uma existência sem amor...

tadas as exigências da técnica, às circunstâncias e condições dos nossos dias.

Então, as festividades e as alegrias do primeiro lançamento. Hoje, o *Te Deum* de ação de graças, pelos longos duzentos anos decorridos. Mas com brilho, com dedicação e glória.

E é justamente para venerarmos os esforços dos homens bons e generosos que nos precederam na caminhada, que aqui nos achamos reunidos. Agradecimentos aos homens, e agradecimentos a Deus, — aos homens que, não dispondo dos elementos de cultura e civilização atuais, fizeram o que fizeram. Fizeram-no, mercê de reconhecidas qualidades, e ainda, e sobretudo, porque sabiam invocar a Deus. Mas também, já agora, e principalmente ao Senhor, em cujas mãos estão os destinos dos povos e das nações. E o faremos com o conhecido e apropriado canto do *Te Deum*.

Dentro em pouco, por essas mesmas naveas, que tantas gerações já têm palmilhado, e onde muitos corações vieram depor os seus queixumes, como traduzir as suas esperanças; segredar tristezas, como externar saudáveis alegrias, ressoará, qual um eco que une o passado ao presente, em vozes de gratidão e reconhecimento, o solene, o tradicional, o litúrgico — *Te Deum laudamus: te Dominum confitemur*.



Bazar de Módas

de

Plácido Mafrá
Rua Felipe Schmidt, 34 - Fone 755
Teleg.: MAFRA
FLORIANOPOLIS

Confecções e alta costura administrada por competente profissional.

Apresenta sempre as ultimas novidades em cortes de sedas e lãs nacionais e estrangeiras, bolsas, luvas, etc.

Trajes sob medida

Guaspari



Linhos Para Ternos de Cavalheiros

da fabrica diretamente ao consumidor, vende-se pelo Serviço de Reembolso Postal

Acêita-se agentes em todas as cidades

FABRICA DE TECIDOS DE LINHO

ITAJAÍ - Santa Catarina - Caixa postal 2

CONHECERAM-SE PELO ÉTER Conclusão

mentos, com a ajuda de sua livre consciência, apesar da intrínseca força dominadora do amor, as consequências que adviriam de uma sua precipitação, se viesse, porventura a casar com Lúcia. E assim pensando, ele resolveu recalcar o seu amor, tomando a iniciativa de lacrar seu aparelho de rádio e não mais abrir as cartas que recebia, tornando-se dessarte surdo às súplicas e indiferente às notícias. Deste modo, meu amigo, seu mutismo foi até uns 6 meses, mas, a força do amor, é tão forte e intrínseca, que o universo pararia se de repente a humanidade se visse privada dele. Sempre digo, o amor é um vital combustível, sem ele, nada seríamos. Pois bem, Lúcia, não desanimou, diariamente ligava seu aparelho, e, atenta, passava horas e mais horas com os ouvidos a perquirir o éter, como, também diariamente punha no correio uma carta. Sua família, sofredora em silêncio por ver sua aflição.

Uma noite, em que José se achava com insônia, procurando removê-la com o auxílio da leitura, decepçiona-se por não haver nada mais que pudesse ler, pois, já há muito que seus olhos haviam varrido os livros que possuía, então, resolveu ler a última carta que recebera de Lúcia. Isto há uns vinte dias, e, que se encontrava fechada, como muitas outras. Ao pegá-la, sentiu algo inexplicável. Seu coração bateu violentamente, sua respiração tornou-se dificultosa e suas mãos humedeceram-se... Abriu-a, e deparou com estas linhas:

"Sim, meu nobre amigo, reconheço-me culpada deste inédito drama que envolve nossas vidas. O meu egoísmo é imperdoável, pois julguei que poderia prender-te para sempre. Não me havias conhecido pessoalmente, e, ao ouvires minha voz, tornastes-te um enamorado dela. Por ela cometeste o perdoável erro de imaginares uma figura perfeita e bela como a célebre Diana do Castelo de Anet. Não tenho o direito de monopolizar tua vida e lamentar teus atos. O meu amor aos meus pais e irmãos é grande, e, a ti, é diferente, ele ultrapassa os limites de razão, porque a ele junta-se o amor como imperativo biológico. Esta é uma confissão dura... Vais achá-la ingênua, brutal e ridícula, mas no teu paradoxal julgamento, cometerás uma falta. Não sei se as criaturas fisicamente perfei-

tas, do meu sexo, sentem o amor com toda a sua intensidade como eu.

O teu silêncio me tem sido doloroso, pois, sinto que de mim exalou o pedaço querido de minha alma, aquele que nos representa como a centelha viva da esperança, mas, também sei que para recuperá-la é impossível... Custa conformar-me com a arbitrária condenação que o destino me impôs, ficar sentada nesta cadeira de braços e rodas, com as pernas ressequidas a bambolear-se penduradas, até meus últimos suspiros. Oh! Como soffro! Há momentos que não posso conter a revolta, então ela explode com tanta violência que chego a sentir o esvaír da razão e o meu coração fechar-se às belezas do universo... O desespero leva-me ao negativismo. O remédio é inclinar-me às exigências de uma vida inaproveitável, e, conformar-me com o sonhar. Não havendo tributo para o sonho, então entrego-me a este prazer com volúpia até o cerrar definitivo dos olhos.

Quero que me perdoes pela atitude que venho tomando com minhas doridas cartas, pois sei que assumo a teus olhos uma paixão doentia.

Agradecida pela atenção, aqui fica aguardando resposta, a tua Lúcia".

José, ao concluir a leitura desta carta, sentiu-se dominado pelo remorso, pois, ele, em parte contribuiu para injetar naquela criatura o fogo da paixão, fazendo-a sentir as súbitas transmutações que só o amor é capaz de provocar. Agora, mais do que nunca, vira o grande erro que involuntariamente cometera.

Ele a amava, mas, o cortêjo dos obstáculos que se apresentavam era enorme. Depois, foi abrindo uma a uma as cartas anteriores. Em todas, havia o mesmo grito de alegria e dor. Naquelas linhas se achava Lúcia, tal qual ela era: bela, meiga e feminina, e sua beleza, sua perspicácia e meiguice, escondiam o estigma que o destino havia lhe imposto. Com um súbito movimento, apanha o papel e a caneta e lhe redige a seguinte carta:

"Querida Lúcia: É natural que extranhes minha atitude de espontâneo silêncio, mas, não querendo continuar a amargar teu boníssimo coração, volto a estender a mão e confessar que o meu amor por tí é grande e puro e que não darei motivo para que este élo se rompa, pois

«A Petisqueira»

O ponto de Apiritivos N° 1

de Florianópolis

Bebidas nacionais e estrangeiras

Petiscos em geral

Rua João Pinto, 19

Fone 1428

o ouvir tua voz no espaço acho mais lindo que o ritimado chilrear dos pássaros na liberdade. Foi com tua leal amizade que senti o estímulo à luta, como a centelha que revela o gênio. O meu silêncio foi de ordem pessoal, e, confesso que em tí não vi aquilo que alegas possuir, como se fosse um castigo. A sanha do destino julgou que o nosso conhecimento físico viesse alterar nossos sentimentos, mas, deu-se o inverso, e, reconheço que se viesse a perdê-la, nem no eremitério viveria feliz, pois prefiro sofrer as eternas penas no érebo, a região mais profunda do inferno, que se destina aos que desdenham à sorte alheia, do que amargar-te.

Assim, minha cara amiga, amanhã, na nossa hora habitual, esteja no espaço para comentarmos as últimas novidades e trocarmos as nossas costumeiras saudações. Adeus, José".

José, por elevado altruísmo, amante do belo, já dominado pelo amor que no seu ápice joga as criaturas na mais violenta das paixões e que no seu extase é capaz de atirar às pessoas a passividade que caracteriza os santos; arrebatado pelos caprichos oriundos do amor, com o enlevo que só os que já passaram por situação análoga é que podem compreender tais estados, passou a todos os dias comunicar-se através do éter com a sua Lúcia. E, assim, há três lustros que estas duas almas se fundiram, completando o sonho que a muitos o capricho não permite...

PETROLINA MINANCORA

CONTRA CASPA,
QUEDA DOS CA-
BELOS E DEMAIS
AFECÇÕES DO
COURO CABELUDO.
TÔNICO CAPILAR
POR EXCELÊNCIA

Sociais

«Atualidades», embora tardiamente, regista os aniversários de seus leitores e amigos ocorridos no mês de Março:

- A 1: sra. Cecy Faria;
- a 2: srta. Olga Mendes; srs. dr. Anes Gualberto, Adolfo Boetcher, Antonio Dias e jovem Guiomar Silva;
- a 3: srta. Lenita G. Calado e sr. Mario Moura;
- a 4: srta. Otília Moritz e srs. Nelson Carneiro e dr. Lauro Daura;
- a 5: srta. Irene de Oliveira e srs. José Augusto de Farias, Mario Teixeira e Manoel Gonçalves;
- a 6: sra. Cecílio Belo Wanderley Junior, srta. Lenir Oliveira, sr. Almiro Caldeira;
- a 7: sra. Celina Vieira Silva, srta. Laurita Filomeno e srs. Deodósio Ortiga e Eloy Struve;
- a 8: menino Odheson Cardoso;
- a 9: sra. Salvatina Gonçalves; srs. deputado dr. Orty de Magalhães Machado, Vidal Ramos Neto, Syriaco Aterino, Constantino Siriaco Aterino, Karl Heinz Leyendecker;
- a 10: sra. Iracema Mimoso Ruiz; menina Neuza Silva; srs. dr. Ivo Stein Ferreira e Julio Teixeira;
- a 11: srs. Hamilton Caminha, Ivo Serrão Vieira, Walfredo Gelbcke, Francisco Candido de Souza Lima;
- a 12: sra. Antônia do Lago Alves, jovem Afonso Belo Wanderley Junior;
- a 13: sras. Maria Julia de Almeida Fleming, Eugenia Brüggemann, Maria C. Bitencourt; srs. Osny Meira, João Alfredo Medeiros Vieira, Antonio Eliseu da Silva; meninos Campolino José Alves, Paulo Francisco Schlemper;
- a 14: sra. Ada Filomeno Fontes, sr. Desembargador Henrique Fontes; menina Rosemarie Santos;
- a 15: sra. Maria Stela Amaral Moritz; sr. dr. Vasco Henrique d'Avila;
- a 16: srs. dr. Teodosio Miguel Aterino, Rodolfo Rosa;
- a 17: sras. Carmelia Ribas, Gioconda Cordova Vieira; srs. Comandante Alvaro Pereira do Cabo, Vereador Oswaldo Machado, Iolando Rodrigues e menina Eleresis Moura Lima;
- a 19: srs. dr. José da Luz Fontes, jornalistas José de Diniz e Waldir Grisard, José Daux;
- a 20: srs. Deputado dr. Antenor Tavares, Ari Mafra, José Melo, Josué di Bernardi, José Salgado de Oliveira, José Newton Spoganicz e menino Arôldo Veiga;
- a 21: sra. Oswaldina Souza Costa, menina Marly Maura Meira, jovem Rubens Lange;
- a 22: srta. Flerida Cardoso, srs. Rudolfo Weickert, Egidio Amorim e Patricio Borba, menina Lea Maria Lamago, menino Airtom Alves;
- a 23: sta. Maria Helena Freitas, srs. Helio Milton Pereira e Celso Silveira de Souza;
- a 24: sra. Almira Goeldner, srta. Maria Gonçalves, sr. Nilo Laus e menino Yoldori Gonçalves.
- a 25: sr. Irineu Bornhausen, Presidente da U. D. N. em Santa Catarina e grande industrial em Itajaí; srs. Vereador dr. João Batista Bonassis, Augusto R. Jaques e Silvio Machado;

Serenidade

JOSÉ CORDEIRO
e ANTENOR MORAES

No silêncio das horas vazias
eu ouço a voz que deveria ouvir todas as horas,
se o tumulto das emoções,
a força do instinto
e o império do desejo
não me cerrassem os ouvidos.

No auge da tempestade,
quando mais intenso é o conflito,
e, como num vórtice monstruoso,
os fatores condicionantes da mente
surgem,
e turbilhonam,
no campo de meu entendimento,
— eu percebo a causa do conflito
e a razão de ser da tempestade;
mas deixo-me levar pela voragem,
e perco-me no oceano imenso das sensações...

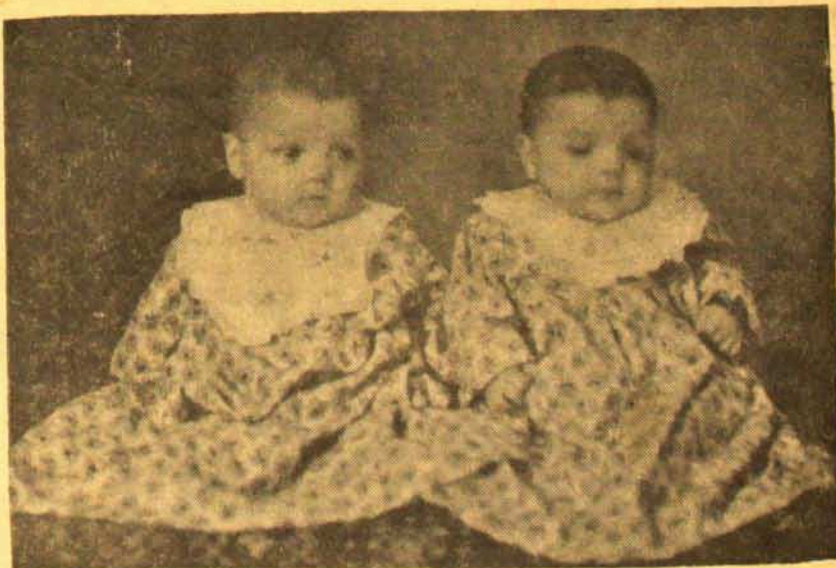
Para que eu me encontre a mim mesmo,
e meus ouvidos se abram às harmonias universais,
será preciso que eu me alheie do conflito
e não sinta a tempestade,
e ouça,
e ouça sempre,
durante todas as horas,
a voz que só me chega aos ouvidos
no silêncio das horas vazias!

-
- a 26: sgt. Cantídio Lessa e menino Carlos Adaauto Vieira;
 - a 27: srs. dr. Armando Simone Pereira, dd. Secretário da Justiça; Waldemiro Alves, dr. Henrique Rupp Junior, Desembargador dr. Nelson Guimarães, jovem Hamilton Moura Ferro;
 - a 28: Monsenhor Harry Bauer; sra. Laura Carolina Callado; srta. Yolanda Ribas, acadêmico Geraldo Gama Salles e jovem Wilson Elias;
 - a 29: conego Frederico Hobold, menina Anita Hoepcke da Silva; srta. Maria de Lourdes Barreto; srs. Ivo Frainer e Romulo Nocetti;
 - a 30: srta. Bernadete Fontes, menino José Grumichê de Souza.

A todos, nossos sinceros e afetuosos parabéns.

Nossos amiguinhos

Arzelinda e Eulalia, ge-
meos, filhinhas do casal Luiz
Boaventura da Silva e Da.
Arzelinda L. da Silva.



APENAS, TÉDIO E SAUDADE

Ao A. P.

Tua ausência trouxe um vácuo infinito em minha vida. Sinto-me desfalecer, só em pensar que já não respiras o mesmo ar que eu respiro; que já não vês as mesmas paisagens lindas que eu vejo, e que tanto nos encantavam...

Por que partiste? Sinto-me tão só tão imensamente só, agora que estas distante... Como eu seria feliz, se pudesses ficar, para sempre, perto de mim, se eu pudesse permanecer, eternamente, entre teus braços, repousando a cabeça dorida e cansada no teu ombro, e sentindo nos meus cabelos a carícia leve e suave de teus lábios, como na hora da nossa despedida...

Eu me senti tão pequenina e frágil, naquele instante; tão sem forças, para impedir a tua partida... Queria dizer tanta coisa, e não te disse nada... Que sentimento tolo me fazia calar toda a paixão imensa, imorredoura e — por que não dizê-lo? — quase impossível, que me invade a alma e o coração tão triste? Por que não gritei, bem alto, a minha paixão, o meu amor, a minha saudade? O quanto fui orgulhosa e cheia de preconceitos!!! Talvez não me amasses com a intensidade com que te amo, mas... (quem sabe?), um pouco de piedade, de compaixão, talvez, e não terias partido.

Hoje, nada mais resta. Com a tua partida, tudo findou para mim: — Nada mais existe. Apenas, ao meu redor, tédio e saudade... E a noite, quando todos dormem, como acontece agora, eu me ponho a ouvir as nossas músicas prediletas, cerro os olhos, e te vejo através da distância, dessa longa distância que nos separa. E fico horas e horas nessa doce evocação, a me lembrar de como poderíamos ser felizes, se estivesses aqui, ao meu lado. E te quero mais ainda. E te amo como nunca te amei.

Volta, meu amor... Sou eu, quem pede... Volta, quero sentir, novamente, teus braços me enlaçando o corpo fremente de paixão, teu rosto colado ao meu, e os nossos corações pulsando infinitamente cheios de amor...

A saudade é tão grande e tão cruel, e eu me sinto tão só... Volta, meu amor... Que importa o resto? Volta...

IVANOSKA

Um centenario notavel

(Conclusão)

Totais: à favor da União — 1.050.101,80; Do Estado 1.772.724,50 e do Município — 895.480,00.

ELEITORADO

Quando da última eleição para Prefeitos e Vereadores às Câmaras Municipais deste Estado, realizadas no 23 de novembro de 1927, o município de Tijucas contava 6.186 eleitores qualificados e distribuídos por 22 mesas receptoras.

O de Araranguá, para as mesmas eleições, concorreu com o seu eleitorado que se elevava a 9.247 eleitores, distribuídos por 36 mesas receptoras.

Atualmente estão estes dois municípios, como nos demais que pertencem ao nosso Estado, com os seus Prefeitos e Vereadores Municipais eleitos e empossados nos cargos que o eleitorado lhes confiou; cumprindo-lhes, como é de se prevêr, que façam êles pelas suas embelezadas e prósperas Comunas, o mesmo que os seus antepassados, com tanta abnegação e carinho fizeram, durante os cem anos, decorridos a quatro de maio p. futuro.

— Que assim aconteça!

Florianópolis, março 1 de 1948.

Gloria Postuma

À memória do pintor Eduardo Dias

Sem reclamo nenhum que seja escudo
De fama universal aos seus trabalhos:
Sem o dinheiro que na vida é tudo,
Riqueza, posição, fama, agasalhos.

Entre os painéis maravilhosos, falhos
Uns de arte, outros não; um sobretudo
Encarna as odaliscas dos serralhos
E é primor de talento e muito estudo.

O pintor mal se vê na luz esquiva
Que a penumbra do meio pouco aviva,
Ao pé da tela, ajoelhado, absorto:

— E' sombra quase morta e sem renome
E' visão espectral de dor e fome,
E' parcela de luz de um gênio morto!

ANTENOR MORAES

(Escrito especialmente para ser recitado na solenidade comemorativa do nascimento do saudoso pintor catarinense, e levada a efeito pelo nosso venerando e conceituado Instituto Histórico e Geográfico).

Minha Mãe

Clélia Lopes de Mendonça

Minha mãe, terna santa que, na vida
Eu adoro com todo o coração!
Rêstea de luz, perene, indefinida
Que me guia com toda ostentação!

Escrinio de minha alma enternecida
Ajoelhada em solene vibração.
Rezando-lhe o seu têrço, comovida,
Na homenagem de sua exaltação!

Na sua voz onde a meiguice é tanta
Escuto os hinos que su'alma canta
Ante expressões mais ternas de carinho!

Nesta vida de cruces carregada
Minha santa, divina, idolatrada
Torna-se alfombra para o meu caminho!

D R S.

J. B. BONASSIS

A. G. DE ALMEIDA

F. MAY FILHO

— A D V O G A D O S —

Causas civeis, comerciais, criminaes, trabalhistas, contratos, naturalizações, consultas e pareceres

Escritórios:

Rua Felipe Schmidt 34 - sala 3 - Florianópolis

Rua Pedro Demoro 971 - Estreito

À memória daquele que foi meu grande amigo

Francisco Valle



Dia 5 de abril é uma data que pelos neotrentinos não pode ser olvidada.

Foi neste dia, do ano de 1947 que Nova-Trento perdeu um dos seus grandes filhos, o qual, para mim, era o dono do mais puro coração que até hoje, palpitou no peito de um homem.

Francisco Valle — o velho professor de vestes surradas e de alvas cãs era o meigo e terno condutor das creancinhas que ele tanto amou. Foi o seu caráter réto, imaculado e a sua inatacável conduta que construíram o sólido pedestal onde hoje se assenta o seu nome honrado — nome que o próprio tempo não conseguirá apagar.

Francisco Valle — o prefeito que lutou, viveu, sorriu e sofreu ao lado do povo. Prefeito do povo porque do povo jamais se afastou; ele que tão bem conhecia a sua qualidade de filho do povo.

E' a este grande e modesto homem que a Prefeitura de Nova-Trento hoje vem prestar o seu tributo de gratidão dando o seu nome a uma das principais ruas da cidade.

E' grande a minha satisfação ao ver que aquele que teve o setor da sua vida delimitado pelo amor e o sacrifício não foi sepultado no túmulo do esquecimento.

Francisco Valle não morreu — ele vive na nesga de terra que bastante amou e no coração dos homens, cujos caracteres ele esmeradamente lapidou. O seu nome para os filhos de Nova-Trento e muito especialmente para os seus amigos é qual uma alva bandeira oscilando no campo da luta onde de um lado se lê: sacrifício — do outro: honra...

Francisco Valle — o teu nome nunca será esquecido, meu GRANDE AMIGO...

JUVENAL MELCHIADES DE SOUZA

BORIS TERTSCHISCH



Acaba de ingressar no curso de engenharia civil do Mackenzie College, de São Paulo, o jovem conterrâneo Boris Tertschisch, filho do industrial, sr. Valentim Tertschisch e de sua esposa, D. Matilde Tertschisch, residentes nesta Capital.

Boris Tertschisch, que é inteligente estudioso e aplicado, obteve uma das primeiras colocações nos exames vestibulares, em os quais se inscreveram cerca de trezentos candidatos.

Já em seus estudos ginasiais e no curso científico, feitos no Ginásio Catarinense, revelara qualidades invulgares de estudante, obtendo sempre os primeiros lugares, desde as séries iniciais. Ao término do segundo ano científico transferiu-se para São Paulo, e fez a terceira série científica no próprio Mackenzie, logrando a segunda colocação entre várias centenas de alunos.

O êxito escolar de Boris Tertschisch é, de certo, motivo de satisfação para seus progenitores e também para seus inúmeros amigos.

ATUALIDADES, felicitando o jovem acadêmico, torna as felicitações extensivas ao casal Valentim e Matilde Tertschisch.

CASA

FOTO-AMADOR
G. Scholz

Rua 15 de Novembro, 596
Telefone 1010

BLUMENAU

EMPRESA COMERCIAL

R. GROSSENBACHER S. A.

BEBIDAS - ARMARINHOS - FERRAGENS

-:- Comércio por Atacado -:-

IMPORTAÇÃO -:- EXPORTAÇÃO

Rua 15 de Novembro, 857 - C. Postal, 15

BLUMENAU

Um pouco de HUMORISMO



Nada além de uma esperança

O nosso atiladíssimo reporter funerario Bebê Novo levantou o tampão do jazigo perpétuo, botou o defunto p'ra fóra a pescoções e perguntou bruscamente:

— De que foi que o meu estúpido amigo morreu?

O esqueleto branco juntou seus ossos espalhados pela terra humida do cemiterio e respondeu tristemente:

— Eu morri de esperar!

O nosso representante anotou a informação para desmentir os que afirmam «que a esperança é a ultima que morre» e arriscou mais uma pergunta.

— E que diabo de coisa esperava o desgraçado amigo?

Eu esperava o auxilio do Instituto de Aposentadorias e Pensões!

Certa vez um papagaio, visitando um galinheiro, passou a contar vantagens, fazendo referencias offensivas ao galo.

Sabendo disso, o galo abandonou seus afazeres no campo e entrou no galinheiro rubro de cólera. Agarrou o papagaio e deu-lhe uma violenta sova.

Sabendo que o chefe do galinheiro era de raça anglo-saxonica, achou que aquilo era desaforo, e encostando-se na grade, abriu as asas verde-amarelas e gritou;

— Respeite a minha nacionalidade, ouviu..

Numa rua empoeirada um senhor de idade procurava alguma coisa pelo chão. Imediatamente um ou outro transeunte curioso começou também a procurar. Não demorou e cerca de 30 pessoas olhavam atentamente para a poeira no chão, sem contudo saber o que estava procurando aquele senhor. Em dado momento um cavalleiro perguntou ao velho:

— Meu amigo, poderia me dizer o que o senhor perdeu?

— Um chiclet que eu estava mastigando.

— Um chiclet? E o senhor procura? Para que o quer depois que caiu na poeira?

— O chiclet não é nada, meu caro, mas o diabo é que minha dentadura deve estar pindurada nele.

Numa universidade de Portugal, apresentou-se um estudante pedindo para ser matriculado. O secretário da universidade perguntou-lhe:

— Como se chama?

— Manoel Batista Combê.

— Não brinque comigo, moço. Quer agora ensinar-me a escrever?

— Mas, como? Eu disse: — Manoel Batista Combê.

— Não seja impertinente.

Estou cansado de saber que Batista se escreve com B.

Um leiteiro conversava com a mulher:

— Olhe, Meria. Da agora em diante tu terás qui misturaire a iagua ao leite?

— Mas prá que isto, Mane-lê? Sempre o fizeste tu?

— E qui raio da freguezia deu agora pré me fazer juraire qui não ponho iagua no leite.

Duas irmãs inglesas partiram para a India, deixando em Londres um irmão.

Combinaram, antes da partida, que se comunicariam pelo telégrafo, empregando, porém, o menor número de palavras.

Passado algum tempo o irmão recebe um telegrama:

-- «Nossa irmã morreu».

O rapaz respondeu:

-- «Mande cadaver».

Ao fim de algum tempo chega a Londres um caixão trazendo, em vez do cadaver da irmã, um tigre vivo.

O irmão telegrafa:

-- Veio um tigre, irmã não»

A resposta não se fez esperar:

-- «Irmã dentro do tigre».

Foi, há muitos anos, numa vila de Traz-os-Montes, em Portugal, durante a representação do drama «A Nova Castro» por um grupo de amadores.

Quando a dama, que fazia a Inês, estava ajoelhada, chorando pedindo perdão ao rei, levantou-se, lá do fundo da platéia, um espectador, valentão conhecido:

— Perdoa, diabo! Perdoa, rei dos Infernos! Senão, eu vou aí e quebro-te as costelas!

— É o que te vale, murmurou, tremendo, o jovem que fazia o rei. Estás perdoada.

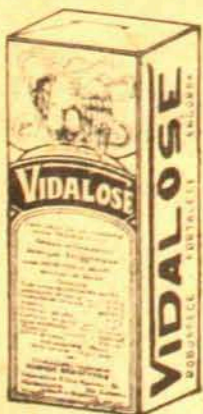
— Mas, isso não é da peça, acudiu o ponto.

-- Não importa; manda quem pode, respondeu o rei.

E gritando para o espectador:

-- Pronto. Já está perdoada.. Não precisa zangar-se...

FRAQUEZA
ANEMIA
ABATIMENTO
MAGREZA
CONVALESCENÇA
FALTA de APETITE



O
TÓNICO
IDEAL

INSTITUTO DE DIAGNÓSTICO CLÍNICO

— DR. DJALMA MOELLMANN —

Formado pela Universidade de Genebra (Suíça)

Com prática nos hospitais europeus

CLÍNICA MÉDICA em geral, de adultos e crianças, doenças do sistema nervoso, aparelho genito-urinário do homem e da mulher

PNEUMOTORAX ARTIFICIAL

—o—

Assistente Técnico: **DR. PAULO TAVARES**

Diplomado em radiologia e radioterapia pelo Hospital Municipal de São Paulo (Professores Cássio Vilaça e Carlos Fried)

Curso de Radiologia Clínica com o Dr. Manuel de Abreu Campanário (S. Paulo). Especializado em higiene e saúde pública pela Universidade do Rio de Janeiro.

—o—

GABINETE DE RAIOS X

Aparelho moderno "Siemens" para diagnóstico das doenças internas — Coração — Pulmões — Visícula Biliar — Estômago, etc. — Radiografias osseas e radiografias dentárias

ELETRCARDIOGRAFIA CLÍNICA

(Diagnóstico preciso das moléstias cardíacas por meio de traçados elétricos).

METABOLISMO BASAL

(Determinação dos distúrbios das glândulas de secreção interna).

SONDAGEM DUODENAL

(Exame químico e microscópico do suco duodenal e da bilis).

GABINETE DE FISIOTERAPIA

Ondas curtas, raios ultra-violetas, raios infra-vermelhos e eletricidade médica

LABORATÓRIOS DE MICROSCOPIA E ANÁLISES CLÍNICAS

Exames de sangue para diagnóstico de sífilis, diagnóstico do impaludismo, dosagem de urea no sangue, etc.

Exame de urina (reação de Ascheim Zondeck, para diagnóstico precoce da gravidez). Exames de puz, escarro, líquido e raquiano e qualquer pesquisa para elucidação de diagnóstico.

RUA FERNANDO MACHADO, 6 — TELEFONE 1195

Luz própria no consultório

FLORIANÓPOLIS — SANTA CATARINA

Instituto Catarinense de Radioterapia

Anexo à Casa de Saúde São Sebastião

Diretor Clínico: **DR. DJALMA MOELLMANN**

Viagem de especialização em radioterapia, nos Institutos de Montevideo e Buenos Aires.

Diretor Técnico: **DR. PAULO TAVARES**

Curso de especialização em radioterapia, com os Drs. Carlos Fried e Nelson Carvalho no Instituto de Radio São Francisco de Assis, São Paulo

Instalação moderna da Fábrica "Westinghouse" com a potência de 220 Kw. e 25 milampérs, permitindo Roentgenerapia profunda, semi-profunda e superficial

RADIUMTERAPIA

O Instituto possui 115 miligramas de RADIUM, importados dos EE. UU. trazendo atestados de eficácia e dosagem fornecidos pelo Governo Americano.

Força Elétrica própria

permitindo tratamento regular e dosagens exatas.

Largo São Sebastião
FLORIANÓPOLIS

SANTA CATARINA

Casa de Saúde e Maternidade 'São Sebastião'

Sob a direção clínica de

Dr. Djalma Moellmann

Construção moderna e confortável, situada em aprazível chácara com esplendida vista ao mar.

Excelente local para cura de repouso; água fria e quente

Aparelhamento completo e moderníssimo para tratamento médico, cirúrgico e ginecológico

Raios X - Ultravioleta - Infravermelho - Ondas curtas - Eletricidade médica - Exames endoscópicos

Laboratórios para os exames de elucidação de diagnósticos.

Apartamentos de luxo com instalação sanitária própria. Varandas de cura.

Quartos de 1ª. e 2ª. classe.

— PREÇOS MÓDICOS —

O doente pode ter médico particular.

Largo São Sebastião

FLORIANÓPOLIS

Telefone 1.153

Catarinenses!

**Ajudai a nossa iniciativa cultural,
adquirindo o livro**

“Um casal ilustre”

de

Nuno d'Eça

**Edição de
“Atualidades”
Florianópolis**

**Atenderemos pedidos pelo Reembolso Postal ou acompanhados
da importância de Cr\$ 20,00 por exemplar.**